



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

GRAZIELA FABIANA ROCHA D'EPIRO

**DISCURSIVIDADES E IMPLICAÇÕES POLÍTICAS
DA COPA DO MUNDO DE 2014 NAS CHARGES DE
CARLOS LATUFF**

Londrina
2018

GRAZIELA FABIANA ROCHA D'EPIRO

**DISCURSIVIDADES E IMPLICAÇÕES POLÍTICAS
DA COPA DO MUNDO DE 2014 NAS CHARGES DE
CARLOS LATUFF**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Comunicação do Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA) da Universidade Estadual de Londrina para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Miani

Londrina
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

D'Epiro, Graziela Fabiana Rocha.

Discursividades e implicações políticas da Copa do Mundo de 2014 nas charges de Carlos Latuff / Graziela Fabiana Rocha D'Epiro. - Londrina, 2018.
113 f. : il.

Orientador: Rozinaldo Antonio Miani.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2018.
Inclui bibliografia.

1. Latuff, Carlos, 1968 - Crítica e interpretação - Tese. 2. Charge - Tese. 3. Copa do mundo (Futebol) - Tese. I. Miani, Rozinaldo Antonio. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.

GRAZIELA FABIANA ROCHA D'EPIRO

**DISCURSIVIDADES E IMPLICAÇÕES POLÍTICAS
DA COPA DO MUNDO DE 2014 NAS CHARGES DE
CARLOS LATUFF**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Comunicação do Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA) da Universidade Estadual de Londrina para a obtenção do título de mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Miani
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Miguel Luiz Contani
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Márcia Neme Buzalaf
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 25 de outubro de 2018.

Aos meus pais, Salvatore Enzo D'Epiro e Zenaide Rocha D'Epiro e ao meu noivo Rômulo Azevedo por me incentivarem em cada passo dessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Rozinaldo Antonio Miani não apenas pela constante orientação neste trabalho, mas, sobretudo, por sua atenção, paciência e amizade. Aos professores Miguel Luiz Contani e Márcia Neme Buzalaf pela ampla contribuição e auxílio. Aos colegas Ana Laís Gazola Ferracin e Sergio Bautista pelo companheirismo durante o programa e período de execução deste trabalho. Ao Rômulo Azevedo, noivo, amigo, incentivador e companheiro de todas as horas. A todos os professores e amigos por compartilharem conhecimento e experiências comigo, durante o curso.

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente.

(Walter Benjamin)

D'EPIRO, Graziela Fabiana Rocha. **Discursividades e implicações políticas da Copa do Mundo de 2014 nas charges de Carlos Latuff**. 2018. 113 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

Esta dissertação tem como principal objetivo a análise dos efeitos de sentido produzidos por charges de Carlos Latuff, referentes à Copa do Mundo de 2014. O foco da pesquisa é elucidar o processos de comunicação e formação de sentidos deste gênero comunicativo visual. Para alcançar o objetivo proposto, foram necessárias reflexões sobre as relações entre charge, ideologia e construção da prática discursiva. As charges elencadas focalizam o desenvolvimento da Copa do Mundo de 2014 e seus impactos no Brasil. As análises consistem em três temas: as hashtags que movimentaram as manifestações, a resistência na Aldeia Maracanã e os gastos excessivos do dinheiro público durante a vigésima Copa do Mundo. O recorte foi realizado com base em produções que permitem a reconstrução do percurso histórico, considerando os protestos e insatisfações dos manifestantes em relação ao megaevento e o conturbado cenário nacional da época. Selecionamos as charges de Latuff devido à sua significativa produção iconográfica do respectivo período; vale ressaltar que este chargista tem grande projeção artística e política e seus trabalhos estão distribuídos mundialmente. A pesquisa realizada é pautada pelos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), tendo como principal referência os estudos de Michel Pêcheux, divulgados no Brasil, principalmente, por Eni Orlandi e o método iconológico de Erwin Panofsky. Este trabalho justifica-se por considerar o caráter informativo e opinativo das charges e sua ampla circulação social e contribui para uma análise discursiva dos processos de comunicação e informação, com vista à formação de leitores críticos dessas discursividades. Com relação ao discurso expresso nas charges de Carlos Latuff, encontramos um perfil de resistência e denúncia, composto por outros discursos que se construíram durante os preparativos e após a realização da Copa de 2014. O cenário de violência, repressão e abuso dos governos para garantir a execução dos jogos e conclusão do megaevento, concomitantes aos gastos do dinheiro público, corrupções e crise política, se apresentaram em oposição à resistência expressa pela população em forma de movimentos e protestos. O levantamento historiográfico demonstrou que o país perdeu não apenas dentro, mas também fora de campo. A Copa do Mundo de Futebol da FIFA de 2014 foi prejudicial para diversas camadas da população brasileira, e favorável para algumas empresas que lucraram com o megaevento, para alguns políticos e para a FIFA. Em resposta à questão formulada no início do trabalho, concluímos que os efeitos de sentido das charges analisadas se dão a partir da relação entre as suas condições imediatas de produção (historicidade) e o interdiscurso (memória discursiva) que atravessam o objeto discursivo. No entanto, pode-se considerar que o sentido nunca é fechado em si, novas leituras e interpretações são permanentemente possíveis.

Palavras-chave: Copa do Mundo de 2014. Charges. Carlos Latuff. Discursividades.

D'EPIRO, Graziela Fabiana Rocha. **Discursiveness and political implications of the 2014 FIFA World Cup in Carlos Latuff's cartoons**. 2018. 113 p. Dissertation (Master's degree in Communication) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

This work aims to analyze the effects of meaning produced by Carlos Latuff's charges about the 2014 World Cup. The focus of the research is to elucidate the processes of communication and the formation of meanings of this visual communicative genre. In order to achieve this goal, it was necessary to reflect on the relations between charge, ideology and construction of discursive. Some of the cartoons produced by Latuff that focused on the development of the 2014 World Cup and its impacts in Brazil. The clipping was made considering the charges that can reconstruct the historical trajectory and that considered the protesters and the popular manifestations dissatisfied on the sporting event, as well as the turbulent national situation of the time. We selected the works of Latuff because of his significant iconographic production of the period, it is worth mentioning that this cartoonist has a great artistic and political projection, his works are distributed all over the world. The research we carry out is based on the theoretical assumptions of the Discourse Analysis of French line, has as main reference the studies of Michel Pêcheux, divulged in Brazil mainly by Eni Orlandi and the iconological method of Erwin Panofsky. This work is justified by considering the informative and opinionated nature of the cartoons and its wide social circulation and contributes to a discursive analysis of the communication and information processes, it aims at the formation of critical readers of these discursivities. Regarding the speech expressed in Carlos Latuff's charges, we find in them a profile of resistance and denunciation, composed of other discourses that were constructed during the preparations and after the 2014 World Cup. The scenario of violence, repression and abuse of governments to ensure the execution of the games and the conclusion of the sporting event, along with public money spending, corruption and political crisis were presented in opposition to the resistance expressed by the population in the form of movements and protests. The historiographical survey showed that the country lost not only in but also outside the stadiums. The 2014 FIFA World Cup was favorable to FIFA, to companies that benefited from the mega-event and to some politicians. In response to the question formulated at the beginning of the paper, we conclude that the meaning effects of the analyzed charges occur from the relation between their immediate conditions of production (historicity) and the interdiscourse (discursive memory) that cross the discursive object. However, it can be considered that the meaning is never closed in itself, new reading and interpretations are permanently possible.

Key words: 2014 World Cup. Charges. Carlos Latuff. Discourse Analysis. Discursiveness.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	“Quem não apóia a Copa não é brasileiro”	17
Figura 2 –	O que pensam os manifestantes que sacodem o Brasil?	26
Figura 3 –	Diferentes chutes dentro e fora dos gramados	27
Figura 4 –	Os protestos e a popularidade de Dilma	29
Figura 5 –	Pobre Neymar.....	30
Figura 6 –	Sai corrupto (FIFA) entra ativista	32
Figura 7 –	Eis o legado da Copa em BH	33
Figura 8 –	Brasil x Alemanha em BH.....	33
Figura 9 –	Estádio ou Hospital?.....	35
Figura 10 –	“Será un gran mundial pero no se puede tapar a la gente con cimento”.....	37
Figura 11 –	Charge para o Concurso Internacional de Caricaturas sobre o Holocausto.....	56
Figura 12 –	#NaCopaVaiTerLuta	61
Figura 13 –	Sim, amiguinhos, a presidenta Dilma tá certa: #VaiTerCopa	67
Figura 14 –	FIFA inspeciona as obras da Copa... ..	73
Figura 15 –	Despejo da Aldeia Maracanã: resumo da ópera	80
Figura 16 –	Luta do povo indígena na Aldeia Maracanã. Índio que luta é índio incômodo	81
Figura 17 –	Eis do que riem @dilmabr, @SergioCabraIRJ e Lula.....	86
Figura 18 –	#AldeiaMaracanaParaOsIndios	90
Figura 19 –	“Enquanto eles te exploram tu grita gol!”	96
Figura 20 –	Denúncias de corrupção	99
Figura 21 –	Corrupção na Fifa e Sepp Blatter em apuros	103
Figura 22 –	Valeu Felipão! O Brasil é SEPTA!	109

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
ADUFPB	Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba
ANCOP	Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa do Mundo
ANDES-SN	Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior - Sindicato Nacional
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BOPE	Batalhão de Operações Policiais Especiais
BRICS	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CMI	Centro de Mídia Independente
CNN	<i>Cable News Network</i>
CNT	Confederação Nacional do Transporte
COL	Comitê Organizador Local da Copa do Mundo
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
CPC	Comitês Populares da Copa
Conmebol	Confederação Sul Americana de Futebol
EBTE	Empresa Brasileira de Terraplanagem
EUA	Estados Unidos da América
FIFA	<i>Fédération Internationale de Football Association</i>
FIP	Frente Independente Popular
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ME	Ministério do Esporte
MPL	Movimento Passe Livre
NVTC	Não Vai Ter Copa
PF	Polícia Federal
PM	Polícia Militar
PMERJ	Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PT	Partido dos Trabalhadores
RDC	Regime Diferenciado de Contratações Públicas
RSS	<i>Really Simple Syndication</i>
Sinasefe	Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica
ZEIS	Zonas Especiais de Interesse Social

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
2.	FUTEBOL E POLÍTICA: A SEGUNDA COPA DO MUNDO NO BRASIL	16
2.1	A COPA DE 2014 NOS GOVERNOS DE LULA E DILMA	19
2.2	ANTECEDENTES E PREPARATIVOS	21
2.3	OS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS	29
2.4	MUITOS IMPACTOS E POUCOS LEGADOS	35
3.	ANCORAGEM TEÓRICA E METODOLÓGICA	41
3.1	ANÁLISE DO DISCURSO	41
3.2	ANÁLISE ICONOGRÁFICA	46
3.3	CHARGE: TEXTO CHÁRGICO, INTERTEXTUALIDADE E HUMOR	48
3.4	CARLOS LATUFF: O CHARGISTA MILITANTE	55
4.	PERCALÇOS DE UMA COPA DO MUNDO POR MEIO DO DISCURSO CHÁRGICO DE CARLOS LATUFF	58
4.1	AS <i>HASHTAGS</i> QUE MOVIMENTARAM AS MANIFESTAÇÕES	60
4.2	RESISTÊNCIA NA ALDEIA MARACANÃ	76
4.3	GASTOS EXORBITANTES, DESVIOS E CORRUPÇÕES	93
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
	REFERÊNCIAS	110

1. INTRODUÇÃO

Em julho de 2013 o Brasil foi marcado por movimentos públicos e protestos que reuniram milhões de manifestantes nas ruas das principais capitais do país. Dentre os motivos, os manifestantes contestavam a realização da vigésima Copa do Mundo da Federação Internacional de Futebol (FIFA) e reivindicavam melhorias referentes a diversas questões do cenário nacional. Com base em suas reivindicações, fortaleceram as chamadas Jornadas de Junho por meio de articulações e ampla organização. Durante a Copa de 2014, esses manifestantes foram responsáveis por alimentar movimentos sociais de enfrentamento aos governos municipais, estaduais, federal e à FIFA.

Segundo Marcos Nobre (2013), o Brasil apresentou uma multiplicidade de reivindicações e frustrações no mês de junho de 2013, graças ao acúmulo de fatores que causaram o descontentamento da população, entre eles, a ineficiência, má qualidade e altos preços do transporte público; o aumento de suas tarifas; a falta de recursos e estrutura em hospitais públicos; a corrupção dos políticos e os gastos em obras para a realização de grandes eventos esportivos. Por estes e outros motivos, as manifestações fizeram ressoar nas ruas gritos contra a Copa do Mundo de 2014 e contra as exigências impostas pela FIFA para a realização de seus torneios.

Nesse contexto, formaram-se nas cidades-sede do campeonato mundial, comitês populares da Copa de 2014 que questionavam os supostos benefícios resultantes dos gastos públicos e denunciavam as violações de direitos. De acordo com esse autor, os movimentos se formaram de forma apartidária e podem ser classificados como horizontais, em razão de sua descentralização na representação de lideranças.

O resultado desses movimentos foi um aglomerado de protestos durante o campeonato intercontinental. A repressão policial utilizada para combater os protestos desencadeou uma onda maior de mobilização, tanto em defesa do direito constitucional de manifestação como contra a atuação da Polícia Militar (PM) nas cidades. Grupos de protestos se formaram em torno dos estádios e passeatas de massa se dirigiram aos aeroportos das cidades-sede.

Durante essa complexa realidade, ocorreram produções chágicas com a exposição de pontos de vista críticos e, às vezes, bem humorados a respeito dos acontecimentos. Os discursos chágicos desse período proporcionaram uma infinidade de olhares que não se resumem apenas às suas formas, mas também aos conteúdos informativos e mensagens de protesto.

Nesse sentido, esta dissertação tem como propósito realizar um estudo sobre as questões relacionadas à Copa do Mundo de 2014, retratadas por meio das charges de Carlos Latuff. Pretendemos aprofundar o debate em torno dos acontecimentos políticos, manifestações e movimentos de resistência ocorridos durante o campeonato mundial de futebol, em 2014, que impactou a sociedade e fez parte da história e memória do Brasil. A problemática para esta pesquisa pode ser formulada com a seguinte pergunta: que discursividades podem ser encontradas nas charges de Carlos Latuff sobre a Copa do Mundo de Futebol da FIFA, realizada em 2014 no Brasil, e que revelações são capazes de trazer acerca das formas pelas quais as condições do momento histórico-social foram retratadas nessas produções?

Ao considerarmos a charge como objeto empírico de análise dessa dissertação, buscamos, ao longo do trabalho, compreender sua origem e composição. Para esse fim, a situamos como elemento constituinte da imprensa, apresentamos suas definições e importância como texto existente no núcleo opinativo jornalístico. Refletiremos, ainda, sobre sua interdiscursividade e as relações estabelecidas com o seu exterior, além de sua formação discursiva e características que envolvem o humor.

Este trabalho a evidencia como gênero discursivo e opinativo, presente na atualidade e cultura contemporânea como uma das principais formas de produção de discursos iconográficos que impactam leitores de jornais, revistas, usuários de redes sociais e mídias digitais. De acordo com Renato Fonseca Ferreira (2013), a charge - enquanto ferramenta humorística - tem um alcance que vai além de sua função como imagem cômica; por meio de sua linguagem visual, o autor afirma que ela pode revelar um discurso próprio contra estruturas sociopolíticas, econômicas e culturais. Portanto, este trabalho também considerar o caráter informativo e opinativo da charge e sua ampla circulação social.

Para alcançar os objetivos propostos, selecionamos algumas charges produzidas por Carlos Henrique Latuff de Sousa, mais conhecido como Latuff, que

focalizam as manifestações contra a Copa do Mundo de 2014 e seus impactos no Brasil. O recorte desta dissertação abrange charges publicadas no portfólio *on-line* do referido chargista que permitem a análise do conturbado cenário nacional da época, bem como de alguns protestos ocorridos no período de organização e realização da Copa.

A seleção imagética contempla diferentes eixos temáticos ligados aos acontecimentos, sobretudo, àqueles que estiveram em pauta nos movimentos de luta anti-Copa. Dessa forma, foi necessário estudarmos a obra do chargista para delimitarmos as três temáticas exploradas, a saber: as *hashtags* que movimentaram as manifestações; a resistência na Aldeia Maracanã; e os gastos excessivos para a organização da Copa de 2014.

A análise foi desenvolvida particularmente sobre as charges de Carlos Latuff por sua significativa produção iconográfica no período e por suas produções chárgicas representarem os setores da população que mais sofreram com o mundial de 2014. Vale ressaltar que esse chargista tem grande projeção artística e política, afinal, seus trabalhos foram publicados em diversos países e estão distribuídos mundialmente. Latuff é um autêntico ativista político que dedica grande parte de suas obras para a defesa de causas no Brasil e no exterior. Ele contribuiu, dentre outros, com trabalhos para o Movimento Zapatista e para a causa da Palestina. Grande parte de suas produções possuem caráter de denúncia política ou social.

Em termos metodológicos, propomos a aplicação de uma análise precedida por uma revisão de literaturas que possibilitam o diálogo entre as teorias que embasam o presente estudo e a materialidade discursiva dos textos verbais e não verbais das charges. Buscamos no objeto discursivo as formas pelas quais as condições sócio-históricas de produção podem ser consideradas.

A análise qualitativa das charges será pautada nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, tendo como principal referência os estudos de Michel Pêcheux, divulgados no Brasil, principalmente, por Eni Orlandi (2001; 2005). O foco na formação discursiva e na produção de sentidos das charges que compõe a metodologia deste trabalho considera a exterioridade como parte integrante dos fenômenos linguísticos e está relacionada a conceitos como interdiscurso e intradiscurso, desenvolvidos pelo teórico Michel Pêcheux.

Para a análise das imagens, utilizamos o método iconológico fundamentado nos estudos de Erwin Panofsky (1986), haja vista que para este autor a

compreensão da imagem se sujeita à sua perspectiva histórica. Em suas formulações, Panofsky apresentou três níveis de interpretação da imagem que correspondem a três níveis de significados.

O primeiro, voltado ao significado natural ou primário, contempla a descrição pré-iconográfica que consiste na identificação de formas puras e pode ser subdividido em factual e expressional. O segundo, voltado ao significado convencional ou secundário, é a análise iconográfica que determina o tema em oposição à forma. O terceiro nível, denominado interpretação iconológica, é voltado ao conteúdo ou significado intrínseco.

Para compreender esta classificação de significados e realizar a análise iconológica é preciso distinguir os termos iconografia e iconologia. Para Panofsky, a iconologia é um método, uma iconografia interpretativa que se apresenta como parte do estudo da arte. A esse respeito o referido autor afirma: “Assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica (PANOFSKY, 1986, p.54).

O tema primário, secundário e o significado intrínseco propiciam subsídios para a análise de uma imagem. Portanto, esse tripé temático se faz útil para as aplicações das análises deste trabalho. Com relação à teoria da Análise do Discurso, realizaremos uma revisão de literatura sobre conceitos como intertextualidade, sujeito discursivo, formação discursiva e condições de produção. Voltaremos nossa atenção às questões basilares sobre a AD para apresentar subsídios à compreensão das análises.

Para cumprir nossos propósitos, o trabalho será organizado em três capítulos. No primeiro capítulo encontra-se um levantamento e uma reflexão a respeito da influência dos campeonatos mundiais de futebol realizados no Brasil, seus reflexos na história e na política nacional, com um breve resumo sobre as ações dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff que viabilizaram e se responsabilizaram pela realização da Copa do Mundo da FIFA em 2014. Apresentamos também os principais acontecimentos que envolveram os preparativos e antecedentes da Copa de 2014, sem a pretensão de nos aprofundarmos na interpretação dos fatos.

Empreenderemos de forma panorâmica um levantamento descritivo dos acontecimentos referentes à vigésima edição do campeonato mundial de futebol,

necessário à compreensão das análises das charges. Na sequência, apresentaremos os impactos causados pelo megaevento e as violações dos direitos humanos realizadas pelos governos em prol de interesses políticos e econômicos, presentes em um dossiê organizado pela Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa e das Olimpíadas (2014).

De modo bastante particular, nos interessou descrever os principais impactos na vida da população. Esse capítulo também irá tratar dos impactos e heranças negativas da Copa de 2014, dentre eles os gastos públicos e a falta de acesso a serviços, bens, moradia e segurança pública, tendo em vista o conjunto das transformações que as obras produziram na vida e na política do país nesse período.

Ao longo desse capítulo aproveitaremos a riqueza da iconografia produzida por Carlos Latuff para ilustrar nossas reflexões. Como não será possível a análise de todas as charges produzidas pelo chargista sobre o tema, iremos utilizá-las como ilustração para os fatos e contextos aprofundados nesse momento de análise histórica.

No segundo capítulo serão apresentados todos os métodos e os materiais utilizados nesta dissertação, como o campo teórico da Análise do Discurso de linha francesa e os principais conceitos que nortearão as análises empreendidas, a partir dos estudos de Michel Pêcheux, e as definições sobre a análise iconográfica e iconológica dos estudos de Erwin Panofsky. Em seguida, refletiremos sobre a natureza da charge enquanto linguagem iconográfica de circulação social e discutiremos também sobre sua intertextualidade e suas características como objeto discursivo.

As análises serão desenvolvidas no terceiro capítulo, após a contextualização de suas produções e do período a que se referem, com identificação de data, local de publicação e breve descrição histórica dos acontecimentos referentes às respectivas questões abordadas. Escolhemos esta forma de organização por garantir maior harmonia e facilidade de leitura, evitando redundâncias por se tratar de conteúdos complementares ou intertextuais.

A proposta desta pesquisa também é contribuir para a constituição de um olhar crítico sobre as complexas relações que permeiam os discursos das charges, por meio da rememoração dos fatos e dos discursos materializados em palavras ou imagens em relação à Copa do Mundo de 2014. Tal olhar é particularmente

relevante quando se pensa neste tipo de produção iconográfica como um objeto discursivo que tem influência sobre a opinião pública.

Também consideramos relevante entender a produção de sentidos das charges, porque elas não só reproduzem, mas interferem na interpretação dos fatos e da realidade. Portanto, pretende-se contribuir para uma análise discursiva dos processos de comunicação e informação, com vista à formação de leitores críticos dessas discursividades.

2. FUTEBOL E POLÍTICA: A SEGUNDA COPA NO BRASIL

Para iniciar nossa trajetória, o primeiro desafio será refletir sobre os acontecimentos históricos, políticos e econômicos que permearam a Copa do Mundo de 2014, bem como compreender as implicações sociais com a realização desse megaevento esportivo no Brasil. Nesse sentido, o objetivo deste capítulo será apresentar alguns subsídios para a compreensão dos fatos que irão se relacionar com as charges a serem analisadas, em razão de os efeitos de sentido decorrer, principalmente, das relações interdiscursivas ligadas à história e a memória do referido acontecimento esportivo.

Desde 1958, após o primeiro título mundial de futebol e, principalmente, com a vitória da seleção brasileira na Copa de 1970, e até os dias atuais, os títulos conquistados pelo Brasil nas competições mundiais de futebol foram utilizados como estratégia para se propagar e consolidar o sentimento do “verde-amarelismo”. Este sentimento teve maior representatividade durante a ditadura civil-militar (1964-1985), mas não deixou de se revelar nos períodos posteriores, recentes, como uma ideologia dominante.

De acordo com Marilena Chauí (2001, p.31) o futebol se constituiu como marca cultural do povo brasileiro, ganhou a alcunha de “paixão nacional” e o “mito do verde-amarelismo” se instaurou e se tornou comum com *slogans* e atitudes ufanistas marcados, por exemplo, pelas bandeiras penduradas nas janelas das casas dos brasileiros e pelos adesivos colados nos automóveis.

De acordo com a autora, em 2014, o governo e as marcas interessadas nos lucros do mundial se uniram para divulgar propagandas e campanhas de incentivo ao nacionalismo. O mito seria lembrado como forma de ocultar os graves problemas sociais e políticos nacionais. Porém, nesse momento da história, o

discurso não funcionou; ao invés de esquecer os problemas do país e fazer parte da festa, aderindo ao chamado dos governos, a população saiu às ruas em protesto. As campanhas ufanistas realizadas pelo governo federal não funcionaram para a Copa de 2014.

Figura 1 - “Quem não apoia a Copa não é brasileiro”



Fonte: <<http://www.latuffcartoons.wordpress.com>>. Acesso em: 22 set. 2017.

A globalização, combinada com a grande expansão midiática, fez crescer a presença do futebol dentro dos lares brasileiros nas últimas décadas e disseminou a ideia de primazia, de que o melhor e mais belo futebol do mundo está no Brasil, graças ao desempenho da seleção nacional e dos jogadores brasileiros. Nesse contexto, o imprevisto ocorreu, pois muitos brasileiros não comemoraram a vitória do Brasil - o “país do futebol” - escolhido para ser sede da Copa do Mundo de Futebol em 2014, maior evento esportivo da modalidade.

Segundo José Carlos Marques (2015), no dia 30 de outubro de 2007 o Brasil foi anunciado pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) como sede da vigésima edição de sua competição mais importante. O fato era propício para que o nacionalismo fosse exaltado. O governo e as grandes marcas envolvidas e interessadas na promoção desse megaevento veicularam numerosas propagandas convocando a população para comemorar, encher-se de símbolos nacionais e mostrar para o mundo a alegria de ser brasileiro.

Porém, ao invés de festejar, o país surpreendeu o senso comum com movimentos e manifestações populares contra a realização do megaevento. Uma parcela expressiva da população criticou a escolha do Brasil como sede da competição mundial e protagonizou o início da exteriorização das principais contradições de um país que precisava amadurecer suas instituições políticas, sociais e econômicas para ser capaz de assumir a organização de eventos dessa magnitude. A esse respeito, Marques afirma:

Aquilo que parecia ser motivo de festa para o país, a celebração de seu esporte favorito e do seu principal motivo de identificação no cenário internacional, foi alvo, internamente, de manifestações populares que explodiram por todas as principais cidades do Brasil, em busca de uma sociedade mais justa e democrática. A realização do evento no país estava em xeque (MARQUES, 2015, p.12).

Segundo o referido autor, a Copa de 2014 fez com que conceitos e assuntos importantes como cidadania, democracia, responsabilidade social, mobilidade urbana, transparência, capacidade de ser a sede de uma Copa, entre outros, fossem discutidos, amplamente, por toda a sociedade.

O futebol foi o tema que deu início às discussões sobre a importância e as consequências da realização da Copa no Brasil em 2014; questões sobre as consequências e legados da competição para os brasileiros foram debatidas *on-line* e *off-line* por cidadãos que sofrem com os inúmeros problemas do país e anseiam por seu amadurecimento democrático.

Segundo Artur Zimmerman (2013), os países entram em uma competição internacional para se candidatar e ser sede de um megaevento esportivo com a justificativa de que a competição será vetor de crescimento e desenvolvimento econômico, e as competições esportivas mundiais das últimas décadas têm se apresentado como grandes oportunidades para a reestruturação urbana das cidades-sede. As obras urbanas foram as mais sugeridas como promessas de legado. Outra promessa que se destacava era a visibilidade internacional e atração de um grande fluxo de turistas estrangeiros, que resultaria em incremento à atividade turística e econômica do país.

Depois de escolhido o país-sede, outra disputa entrou em cena: quais seriam as cidades-sede? Nesse momento, as cidades interessadas e pré-classificadas se tornariam obrigadas a implantar um conjunto de projetos para realizar melhorias em

sua infraestrutura, em curto prazo, visando à superação dos obstáculos identificados pelos organizadores, de acordo com as exigências feitas pelas organizações internacionais que coordenam os megaeventos esportivos.

Segundo Zimerman (2013), as cidades passam por um processo de grandes transformações quando se tornam sedes de um evento como a Copa do Mundo de Futebol. A realização deste tipo de evento exige altos investimentos para o atendimento das demandas solicitadas pelas organizações. Muitas vezes, a falta de recursos da gestão pública faz com que parcerias sejam estabelecidas para que as obras sejam financiadas pelo capital privado.

No caso do Brasil houve grandes desafios e contradições a esse respeito em razão do déficit de recursos financeiros para a execução das obras necessárias para a realização da Copa do Mundo de 2014. Mesmo com o aumento da visibilidade do país e os investimentos de capital privado, os governos, nos diversos níveis da federação, tiveram carência de recursos financeiros e estruturais.

2.1 A COPA DE 2014 NOS GOVERNO DE LULA E DILMA

No dia 30 de outubro de 2007 o processo de candidatura do Brasil para ser a sede da 20ª edição da Copa do Mundo de Futebol da FIFA se completou. Segundo Mariângela Ribeiro dos Santos (2011), esse processo teve início no dia 3 de junho de 2003 e em seu percurso a Confederação Sul Americana de Futebol (Conmebol) anunciou os votos unânimes pela candidatura única do Brasil, na América do Sul, como aspirante à sede. Em 2007 o país era estimado por seu crescimento econômico, estabilidade político-democrática e por ser uma nação emergente, integrante dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

Apesar dos fortes indícios de vitória do Brasil, o presidente da FIFA, Joseph Blatter, constatou problemas referentes às condições dos estádios de futebol e à infraestrutura de algumas cidades candidatas às cidades-sedes dos jogos. Nesse momento, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva declarou: “O Brasil fará o que for preciso para que a Copa seja realizada no país” (BRASIL, 2007). Esta declaração surtiu efeito e contribuiu para que a FIFA selecionasse o Brasil como país-sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014.

De acordo com Santos (2011), Lula defendeu o Brasil como sede para a Copa do Mundo de Futebol sob a alegação de que o país apresentava força

econômica e política para garantir a sua realização. O fator econômico foi central para a confirmação da escolha, e os aspectos sociais sobre a organização do campeonato quase não foram discutidos. Após a confirmação de que o Brasil seria o país-sede do mundial, Orlando Silva, o então Ministro do Esporte, iniciou uma série de ações gerenciais para estruturar o país.

O governo Lula, dentre suas ações mais imediatas, garantiu as atualizações do ordenamento legal do futebol e a criação de legislações específicas para o esporte. Grande parte destas reformulações fortaleceu o futebol em âmbito nacional e objetivava a concretização do pleito do país como sede da Copa de 2014. Portanto, nesse período, a nação foi adequada à condição de país-sede do campeonato mundial de futebol.

De maneira geral, o governo Lula estabeleceu um novo formato para as políticas no campo do esporte. Em janeiro de 2003, foi criado o Ministério do Esporte (ME) com o objetivo de “formular e implementar políticas públicas inclusivas e de afirmação do esporte e lazer como direitos sociais dos cidadãos, colaborando, para o desenvolvimento nacional e humano” (SANTOS, 2011, p.57).

O governo do ex-presidente Lula melhorou a visibilidade e as relações internacionais do país, manteve o equilíbrio financeiro nacional, investiu nos esportes e nos setores administrativos relacionados. A situação econômica do Brasil não sofreu grandes abalos com a crise econômica mundial iniciada em 2008 e os índices de crescimento econômico durante seu governo se mostraram bastante favoráveis, o que fazia crer que o desafio seria enfrentado com segurança.

No entanto, em 2011, quando Dilma Rousseff assumiu o governo federal, a situação se apresentava bem diferente daquela do governo Lula de quando foi anunciado o Brasil como sede da Copa do Mundo de Futebol; o novo governo tinha muitos desafios, principalmente, no campo econômico e administrativo, a serem enfrentados. De acordo com Humberto Dantas e Eduardo Gresse (2012) grandes ajustes de gastos no setor público foram necessários e Dilma anunciou, em março de 2011, cortes de aproximadamente R\$ 50 bilhões no orçamento.

Mesmo com os ajustes, os problemas econômicos se agravaram gradativamente, assim como as dificuldades com as obras para 2014. Apesar das adversidades financeiras, o governo Dilma garantia como duas de suas prioridades a manutenção dos programas sociais do governo antecessor - como o programa

Bolsa Família e o Minha Casa, Minha Vida - e os compromissos assumidos com a FIFA.

Portanto, os prazos estipulados para o término das obras do Mundial de 2014 precisavam ser cumpridos e, com isso, a corrida contra a falta de recursos e tempo havia começado. Apesar da escassez de capital, o governo deveria cumprir o planejamento para o torneio e essa garantia já havia sido assegurada por Lula. O ex-presidente iniciou um projeto para que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) pudesse financiar as obras da Copa e garantir a efetivação dos compromissos e iniciativas prometidos em seu governo, mas esta decisão impactou a popularidade e o governo de Dilma Rousseff.

Neste momento, os ânimos da população se exaltaram, pois os brasileiros já estavam descontentes com outros aspectos do cenário nacional como: transporte público precário, corrupção, falta de recursos para a saúde e educação, entre outros. Como consequência das ações do governo, movimentos e manifestações públicas surgiram para questionar, entre outros assuntos, os altos investimentos e o financiamento das obras da Copa, que seriam pagas com o dinheiro público. Os protestos foram ganhando força e os questionamentos sobre os benefícios e legados da Copa começaram a irromper em grandes manifestações populares.

2.2 ANTECEDENTES E PREPARATIVOS

De acordo com Rodrigo Fadul Andrade (2013), o fato de a FIFA estabelecer uma política de rodízio favoreceu a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de Futebol. Antes da política de rodízio, implantada a partir de 2000, a escolha ocorria de forma circunstancial, considerando todas as propostas apresentadas pelos países interessados em ser sede da Copa.

O rodízio entre continentes fez com que a América do Sul figurasse com preferência. Em 2014, a escolha do país-sede deveria ocorrer entre os países sul-americanos e o Brasil foi o único que se candidatou na região. Argentina e Colômbia demonstraram interesse, mas logo deixaram a competição e apoiaram o Brasil. Após o processo de seleção e avaliação da proposta brasileira, no ano de 2007, o país foi oficialmente anunciado como sede do Mundial de 2014. A esse respeito, afirmou Luiz Fernando Baggio:

O maior vencedor da história do torneio, o Brasil, oficializou sua candidatura à sede da Copa do Mundo de 2014 em março de 2006, na qualidade de candidato único. A FIFA, obedecendo ao critério de alternância de continentes retificou o país como sede da 20ª edição da Copa no dia 30 de outubro de 2007 e o Brasil, após 64 anos, tornou-se o quinto país a organizar o torneio uma segunda vez (BAGGIO, 2013, p.683).

Segundo Andrade (2013), após confirmação da FIFA sobre a definição do Brasil como sede da Copa de 2014, a escolha para as cidades-sede teve início e despertou o interesse de muitos governantes de cidades brasileiras que almejavam uma vaga na organização dos jogos. No total, dezoito cidades se candidataram, mas de acordo com as recomendações do Comitê Executivo da FIFA, que considerou a distribuição dos jogos e o número de seleções participantes, a definição deveria ficar entre o mínimo de oito e o máximo de doze, com a determinação de que uma deveria estar localizada na região amazônica e outra no Pantanal.

A maior parte das cidades que se candidataram era marcada por grandes núcleos urbanos; as cidades do sul e do sudeste se destacaram porque apresentavam times de futebol profissional importantes. Para ser uma cidade-sede para a Copa de 2014 as candidatas deveriam enviar um caderno de encargos com suas propostas, segundo as adequações impostas pela FIFA em nível mundial.

Além deste documento, algumas exigências eram: apresentação de infraestrutura adequada; garantia de mobilidade urbana; existência de aeroportos; garantia de segurança; rede hoteleira e de turismo; entre outras. Também havia a necessidade de produção de um vídeo, de curta duração, que ressaltasse os aspectos relevantes físicos e culturais da cidade e de seu respectivo estado.

No ano de 2009, após a avaliação dos documentos e vídeos em um seminário realizado pelo comitê de organização da Copa, a FIFA declarou a escolha das seguintes cidades: Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife/Olinda, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. De acordo com Andrade, no caso de Manaus a disputa para ser uma das cidades-sede foi realizada com Belém (PA) e Rio Branco (AC).

A decisão da FIFA, neste caso, gerou muitas controvérsias entre as cidades candidatas; a disputa e inconformidade acabaram opondo Manaus aos interesses da cidade de Belém, capital do estado do Pará, por serem as maiores da Região

Norte. A concorrência entre as duas cidades ganhou contornos regionais, não apenas pela disputa para se tornar sede dos jogos, mas também com vistas aos benefícios e à associação da imagem “Amazônia” a seus respectivos nomes para adquirir projeção em nível mundial.

Houve indícios de interferências políticas na escolha das cidades da Região Norte, porque a cidade de Belém apresentava vantagem por possuir melhor estrutura esportiva e participação dos times em campeonatos nacionais. Uma comitiva formada por governadores de alguns estados candidatos viajaram para a cidade de Zurique, sede da FIFA, na época da escolha, para defender suas respectivas candidaturas; os governadores do Amazonas e do Pará estavam entre eles.

As cidades-sede deveriam reunir condições para a realização dos jogos, sobretudo, relacionadas aos espaços primordiais: estádios, centros de treinamento e *fan park*. Além do estádio monumental, cada cidade deveria disponibilizar pelo menos três campos para treinamento das seleções participantes e um espaço para acompanhamento dos jogos ao vivo. Além destas exigências havia também a necessidade de obras de infraestrutura urbana.

A corrida dos preparativos para a Copa de 2014 teve início em janeiro de 2009, após as definições e escolhas anunciadas. Segundo Baggio (2013), por uma questão de economia e logística, a FIFA chegou a recomendar que apenas dez cidades fossem sede para a Copa. Porém, após ser pressionada por diversos interesses políticos e econômicos, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) ignorou a recomendação e garantiu o número de doze.

O presidente da CBF da época, Ricardo Teixeira, afirmou que o poder público ficaria com as responsabilidades sobre os custos da infraestrutura necessária para a organização do evento como: construção e melhorias de aeroportos; mobilidade urbana; entre outros, e todas as obras necessárias para a reforma ou construção dos estádios seriam custeadas pela iniciativa privada.

Apesar de a imprensa independente e boa parte da opinião pública estar atentas, as arenas, em sua maioria, ultrapassaram os prazos e orçamentos previstos e boa parte delas contou com dinheiro público para que pudessem ser concluídas. A necessidade destas obras foi muito contestada, devido ao dito “legado” da Copa do Mundo. Após o término do evento muitas delas ficaram subutilizadas, portanto, o grande custo para a manutenção não justificou os

investimentos realizados em construções e reformas. Estes fatos e a própria realização da Copa de 2014 colocou o Brasil no centro da atenção mundial.

De acordo com Baggio (2013), o cenário das ruas que antecedeu a Copa de 2014 foi de protestos. Durante as decisões sobre quais seriam as cidades-sede e durante os preparativos da Copa, houve muitas manifestações, pois a população soube separar o que era transitório, o evento, do que é permanente, a realidade econômico-social.

Segundo Jamil Chade (2015), a promessa de que a Copa de 2014 seria um evento privado, realizado apenas com o capital de empresas privadas, foi mantida apenas nos dois primeiros anos após a definição do Brasil como sede. Este compromisso perdurou até o ano de 2009, quando Luiz Inácio Lula da Silva, o então presidente do Brasil, concordou com a participação pública. Nesse período o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) iniciou um amplo projeto de financiamento de estádios de futebol. Como resposta e reflexo a estas contradições, diversos movimentos e manifestações sociais surgiram.

De acordo com Marques (2015), no início de 2013 o Brasil apresentava um cenário político estável, com altos índices de aprovação do governo federal que projetavam um resultado previsível nas eleições de 2014. Porém, em oposição à serenidade, até então existente, ocorreram grandes manifestações no mês de junho, iniciadas por causa do aumento nas tarifas das passagens de ônibus urbanas. Diversas cidades do Brasil tiveram as ruas e avenidas ocupadas por manifestantes que protestaram contra a falta de investimentos em transporte público, os entraves da mobilidade urbana e, principalmente, pelo alto preço das tarifas.

O ápice destas manifestações foi nomeado como “Jornadas de Junho de 2013”. Apesar de sua origem ter sido o descontentamento com o transporte público, as Jornadas ganharam força rapidamente e seus manifestantes aderiram a diversas demandas sociais como: transparência de informações sobre gastos do dinheiro público com as obras da Copa de 2014; combate à corrupção; crítica ao sistema político; fim da violência policial; mais verba para educação e saúde; dentre outras reivindicações e denúncias.

Maria da Glória Gohn (2016) afirma que as causas das manifestações de 2013 não devem ser buscadas apenas na conjuntura político-econômica nacional, mas também na conjuntura internacional. De acordo com a autora, as multidões foram

convocadas *on-line* e seus participantes mudaram o panorama das manifestações influenciados por movimentos e lutas que ocorreram em outros países.

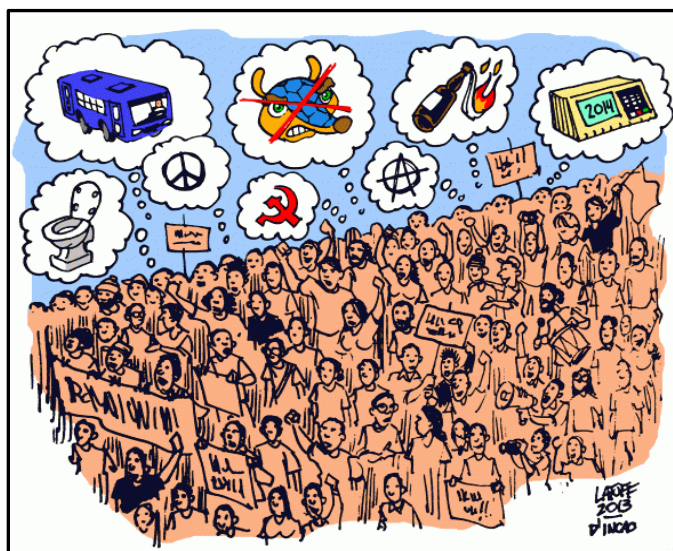
As causas para o entendimento destas alterações devem ser buscadas tanto na conjuntura político-econômica interna do país, como na conjuntura externa. Essa última dada pelos reflexos da crise econômica internacional a partir de 2008, geradora de grandes mobilizações e manifestações ocorridas na Europa, com o movimento dos Indignados na Grécia, Espanha, Portugal, as manifestações do movimento Occupy e as ocorridas na Turquia, na Praça Taksim em 2013; assim como as lutas pela redemocratização no Oriente Médio, com a Primavera Árabe na Tunísia, Egito etc. (GOHN, 2016, p.129).

De acordo com Gohn (2016), as manifestações que ocorreram no Brasil em junho de 2013 são similares as de outros países porque modificaram a pauta predominante; esta constatação se mantém mesmo se considerarmos as grandes especificidades históricas entre os protestos nacionais e os internacionais. As Jornadas de Junho podem ser consideradas como transnacionais porque incluem novas formas de ativismo e atuaram sobre questões locais e nacionais. Também retomam problemas e demandas da vida cotidiana como mobilidade urbana, emprego, finanças, salário, dívidas, serviços sociais, moradia popular etc.

A autora aponta que no mês de junho de 2013 mais de um milhão de manifestantes saíram nas ruas em diversas cidades do Brasil em protestos contra o aumento das tarifas e precariedade do transporte coletivo. O repertório destas manifestações se ampliou rapidamente e incluiu outras demandas (figura 2). Neste período, grande parte dos manifestantes era composta de jovens, organizados, principalmente, por meio da internet, e sem bandeiras partidárias.

Ainda segundo Gohn (2016), as manifestações de junho de 2013 tiveram atuação decisiva do Movimento Passe Livre (MPL), responsável por organizar os primeiros atos públicos de protesto por meio de convocação *on-line*. Esse movimento surgiu oficialmente em 2005, mas, antes disso, houve importantes mobilizações na cidade de Salvador em 2003 e também a Revolta da Catraca ocorrida em Florianópolis no ano de 2004. Todas essas ações contaram com o forte ativismo do Centro de Mídia Independente (CMI).

Figura 2 - O que pensam os manifestantes que sacodem o Brasil?



Fonte: <<http://www.latuffcartoons.wordpress.com>>. Acesso em: 20 set. 2017.

O MPL teve origem na cidade de Porto Alegre durante o Fórum Social Mundial (FSM) e foi o principal responsável por reunir multidões em 2013. As proporções que as manifestações tomaram surpreenderam muitos analistas - além do próprio governo - por apresentarem novas características como forte participação *on-line* com a utilização das novas tecnologias, aderência das camadas jovens de todas as classes sociais e participação das camadas médias da população. A respeito dos processos de comunicação que contribuíram para a grande repercussão das manifestações, Gohn afirma:

A grande revolução operada na forma de comunicação entre os indivíduos, com o desenvolvimento e consumo das novas tecnologias, especialmente a Internet e o uso dos aparelhos móveis, geradores de grande potencial de mobilização da sociedade civil, criou novas formas de sociabilidade, longe das estruturas estatais institucionalizadas (GOHN, 2016, p.136).

Os atos de protestos se apresentaram com tópicos e focos específicos, dentre eles, “Não Vai Ter Copa”, Ocupações Urbanas e Greves de Profissionais da Educação Pública. Um exemplo de ato específico foi a ação do Comando Nacional de Greve do Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica (Sinasefe) e a luta pela educação que se estendeu por 19 estados (figura 3).

Figura 3 - Diferentes chutes dentro e fora dos gramados



Fonte: <<http://www.latuffcartoons.wordpress.com>>. Acesso em: 22 set. 2017.

A conjuntura dessa greve incluiu, dentre outros temas, o ingresso dos docentes da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes-SN) no movimento paredista da educação federal, a luta contra a repressão aos movimentos sociais e os gastos da Copa do Mundo de Futebol da FIFA. Porém, depois de algum tempo, a violência exercida pela PM e pelos *Black Blocs* levou à criminalização de vários participantes desses protestos e ao refluxo das manifestações nas ruas. Após junho de 2013 elas não tiveram continuidade, ao menos em termos de mobilização de massa.

Segundo Gohn (2016), os manifestantes de junho de 2013 continuaram ativos nas redes *on-line* e, em 2014, saíram nas ruas em atos contra a Copa do Mundo no Brasil e seus gastos excessivos. Nesse período e durante as eleições para a Presidência da República em 2014, intensas mobilizações ocorreram no ciberespaço e fortaleceram movimentos em rede como o “Não Vai Ter Copa” (NVTC), que ganhou força com uma *hashtag* que facilitou sua propagação.

Um dos focos de denúncia estabelecido pelas manifestações foi o prejuízo nos cofres públicos e os gastos com as obras da Copa do Mundo de 2014. Nesse cenário, o propalado “Padrão FIFA”, bordão criado pelos brasileiros como sinônimo de qualidade, se fortaleceu nas ruas com pedidos de melhorias na saúde, educação, moradias e em outros setores sociais. O “Padrão FIFA” foi criado tendo em vista a organização e a qualidade cobradas pelos suecos responsáveis pela entidade.

A Lei nº 12.663 de 5 de junho de 2012¹, definiu as responsabilidades do Brasil na Copa de 2014 como organizador do evento e deixou para o governo federal o compromisso e a garantia de estruturação nas áreas de segurança, saúde, vigilância sanitária, entre outros. Os protestos fortaleceram a percepção da população sobre as responsabilidades do governo referentes aos problemas acumulados e agravados com os preparativos da Copa de 2014: atrasos em obras, problemas na construção de estádios, falta de infraestrutura, mobilidade urbana precária e desperdício de bens públicos.

Para Flávio de Campos (2015) estas responsabilidades também deveriam ser atribuídas aos governos municipais e estaduais, administrados por políticos de diferentes siglas partidárias. Porém, as atribuições recaíram direta e, principalmente, sobre a presidente da República Dilma Rousseff. Por esse motivo, ela foi vulgarmente desrespeitada e vaiada durante os jogos da Copa de 2014. Nesse contexto, a popularidade de Dilma e as intenções de voto para sua reeleição à Presidência diminuíram consideravelmente.

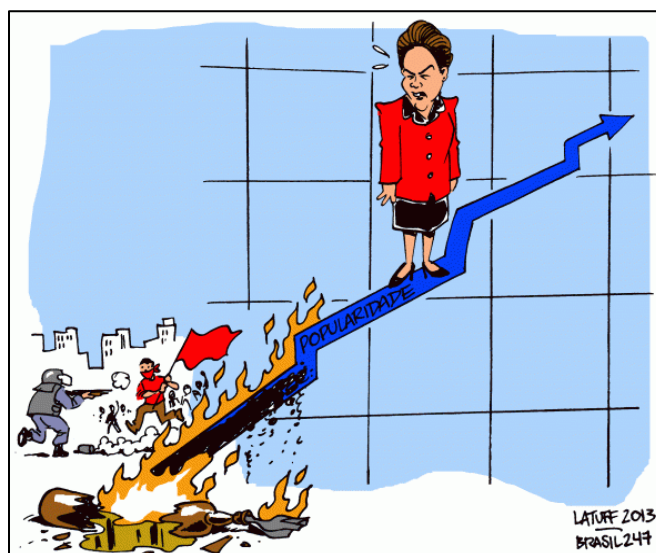
O fato é que as manifestações das Jornadas de Junho de 2013 impactaram na popularidade e no processo de reeleição de Dilma Rousseff. Na ocasião, Carlos Latuff produziu uma charge para o site de notícias *Brasil 247* (figura 4), publicada no dia 16 de julho de 2013, que acompanhou uma matéria sobre os resultados da pesquisa encomendada pela Confederação Nacional do Transporte (CNT) realizada pelo Instituto MDA².

Os resultados mostravam a avaliação positiva do governo Dilma no mês de julho de 2013, referente à opinião de 31,3% dos entrevistados, enquanto a porcentagem do mês anterior era de 54,2% de aprovação, portanto, uma queda considerável. Ainda de acordo com a pesquisa da CNT/MDA, a aprovação das Jornadas de Junho atingiu 84,3% dos entrevistados. O desempenho pessoal de Dilma Rousseff havia caído para 49,3% no mês de julho, ante os 73,7% registrados em junho. A taxa dos que desaprovavam o desempenho da presidenta havia saltado para 47,3% em comparação aos 20,4% registrados anteriormente.

¹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12663.htm>. Acesso em 23 ago. 2017.

² O MDA PESQUISA, criado em 1988 por Professores da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Disponível em: <<http://site.mdapesquisa.com.br/>> Acesso em 23 ago. 2017.

Figura 4 - Os protestos e a popularidade de Dilma



Fonte: <<http://www.brasil247.com>>. Acesso em: 22 set. 2017.

Após as Jornadas de Junho, os órgãos estatais temiam a retomada dos movimentos populares e começavam a se preocupar com a forma como os turistas estrangeiros seriam recepcionados. Inúmeros jornais, canais e sites internacionais, entre eles o *Cable News Network* (CNN), relataram o cenário turbulento do país naquele período e recomendaram cuidados aos turistas que pretendiam assistir aos jogos no Brasil. As informações difundidas pela mídia internacional sobre a violenta onda de protestos difundiu um sentimento de pânico, porém, por outro lado, os órgãos estatais continuavam apresentando a 20ª edição do Mundial da FIFA como a “Copa das Copas”.

2.3 OS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS

Durante o mundial, a imagem do Brasil foi maculada por uma ampla cobertura da imprensa internacional. Cenas de vandalismo e violência eram difundidas diariamente, principalmente, na televisão, redes sociais e páginas da internet. Bernardo Buarque de Hollanda, Jimmy Medeiros e Luigi Bisso (2015) afirmam que as mídias independentes nacionais também realizaram uma grande cobertura das manifestações e atos contra a Copa do Mundo de Futebol da FIFA e obtiveram forte visibilidade *on-line*.

Um dos grupos ativistas responsáveis pela difusão foi a rede Mídia Ninja, ligada ao movimento Fora do Eixo. Nesse contexto, os jogos e craques das seleções do torneio perderam espaço e visibilidade para as notícias sobre as manifestações populares (figura 5). Parte dos brasileiros aderiu ao evento e, apesar do descontentamento com o cenário nacional, manteve a expectativa de assistir à conquista de um sexto título da seleção brasileira de futebol.

A adesão ao Mundial aumentou à medida que o início dos jogos se aproximou; no entanto, as comemorações eram interrompidas pelos alertas das manifestações. As cenas transmitidas por emissoras de televisão, jornais e portais de notícia eram de tumultos, violência, danos ao patrimônio público e privado, depredação de estabelecimentos comerciais e bancos, além de imagens de manifestantes fugindo e se protegendo do gás lacrimogêneo e das balas de borracha disparadas pela Polícia Militar.

Figura 5 - Pobre Neymar...



Fonte: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/samuel/36806/>>. Acesso em: 22 set. 2017.

Segundo Hollanda, Medeiros e Bisso (2015), no dia 12 de junho de 2014, em contraponto à violência e às manifestações, a cerimônia de abertura do Mundial apresentou uma grande festa, com lotação da Arena Corinthians em São Paulo. O espetáculo foi transmitido para o mundo e as emissoras de televisão bateram

recordes de audiência no Brasil. Os atos contestatórios foram diminuindo à medida que os jogos aconteciam, apesar de não cessarem.

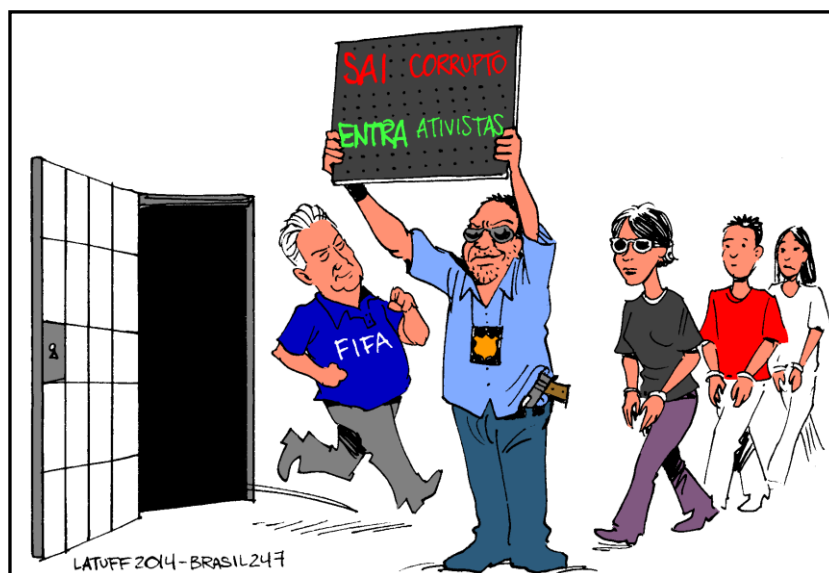
Porém, as notícias sobre a violência nos protestos não foram as únicas. Houve também diversos noticiários sobre episódios de brigas entre torcidas, roubos de ingressos, saques e arrastões fora dos estádios, antes e depois dos jogos. A rivalidade entre Brasil e Argentina no esporte e a vitória do time alemão sobre o Brasil, no Mineirão, que eliminou o país da competição, resultaram em cenas de brigas nas arquibancadas e graves atos de violência no “FIFA Fan Fest”, instalado na praia de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, onde torcedores brasileiros agrediram torcedores alemães até serem detidos por policiais.

Os referidos autores destacam ainda outro episódio marcante que ocorreu no dia da final da Copa de 2014, na Praça Saens Peña, situada no tradicional bairro da Tijuca na cidade do Rio de Janeiro, próxima ao Maracanã. Segundo o autor, no dia 13 de julho um protesto se tornou marcante pela ação violenta da tropa de choque da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ). O número de manifestantes do episódio, cerca de 400 pessoas, não era expressivo frente aos atos de 2013, mas a ação violenta da polícia - que foi considerada exagerada e desproporcional pela opinião pública, especialmente, internacional -, deu grande visibilidade ao caso.

Inúmeros sites e jornais impressos divulgaram a excessiva brutalidade física e a utilização, sem propósito, de gás lacrimogêneo e balas de borracha. Na ação dos PMs, o documentarista canadense Jason O'Hara foi espancado e internado no Hospital Municipal Souza Aguiar. Outros 15 jornalistas, entre eles quatro estrangeiros, ficaram feridos por estilhaços de granada. Sindicalistas e midiativistas também foram presos e violentados por agentes da PMERJ.

Na véspera dessa manifestação ocorreram as prisões preventivas de cinco ativistas, que foram encarcerados no presídio de segurança máxima de Bangu (figura 6). Com o objetivo de enfraquecer o protesto, as prisões foram prorrogadas pela Justiça, a pedido da Polícia Civil, o que os impediu de participar do ato.

Figura 6 - Sai corrupto (FIFA) entra ativista



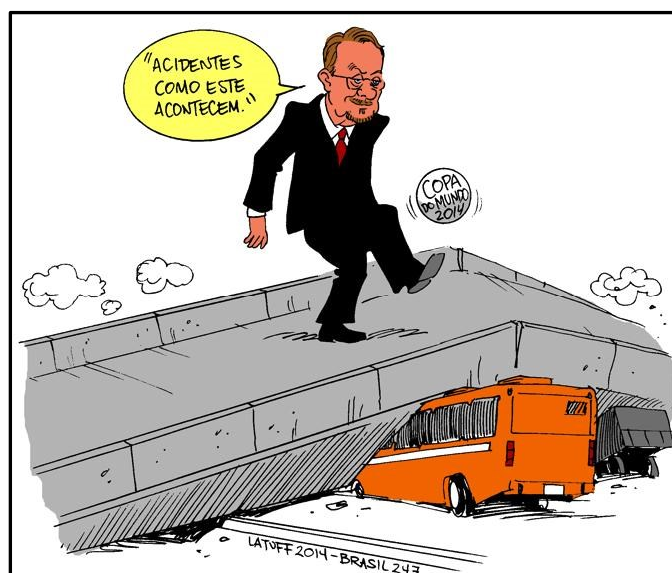
Fonte: <<http://www.brasil247.com>>. Acesso em: 22 set. 2017.

Outro episódio fatídico do período foi a queda de um viaduto em Belo Horizonte. De acordo com Campos (2015), dias antes do jogo decisivo entre Brasil e Alemanha, no dia 3 de junho de 2014, em meio a um cenário de descontentamento e ânimos exaltados, uma catástrofe aconteceu na capital mineira; nesse dia, o Viaduto Guararapes desabou na Avenida Pedro I, uma das mais movimentadas na cidade, que liga o Aeroporto de Confins à região do Estádio do Mineirão.

Um carro e um micro-ônibus, que passavam pela avenida, e dois caminhões que estavam a serviço da obra foram atingidos pela estrutura. Duas pessoas morreram e 23 ficaram feridas. Na ocasião, Latuff ilustrou o episódio com duas charges que representaram a tragédia e o descaso do prefeito de Belo Horizonte da época, Márcio Lacerda, sobre o acidente (figuras 7 e 8).

Em entrevista ao vivo³, no dia 3 de julho de 2014, Márcio Lacerda - do Partido Socialista Brasileiro (PSB) - foi questionado sobre a liberação do trânsito na avenida, visto que a obra do viaduto ainda não estava finalizada. Como resposta, o então prefeito disse que se tratava de uma situação normal. O político lamentou o incidente, comentou que a cidade deveria aprender com a lição e antes de se retirar, às pressas, proferiu a seguinte frase: “Acidentes como este acontecem, não gostaríamos que tivesse ocorrido”.

³ Entrevista com Márcio Lacerda. Disponível em: <<http://site.mdapesquisa.com.br/>> Acesso em 23 ago. 2017.

Figura 7 - Eis o legado da Copa em BH

Fonte: <<http://www.brasil247.com>>. Acesso em: 22 set. 2017

Figura 8 - Brasil x Alemanha em BH

Fonte: <<http://www.sul21.com.br>>. Acesso em: 22 set. 2017

Para Campos (2015), o jogo entre Brasil e Alemanha, em 2014, marcou a história do futebol no país com a derrota vexatória de 7 a 1 da seleção brasileira para a seleção alemã. Aquele placar ampliou o descontentamento de grupos e torcedores. Na ocasião, os discursos oposicionistas foram favorecidos por sentimentos de frustração e humilhação. Por esse motivo, durante o segundo tempo daquela partida, a torcida presente no estádio direcionou os insultos para a então presidenta Dilma Rousseff.

Ainda a esse respeito, de acordo com Chade (2015) a presidenta foi hostilizada durante e após o jogo decisivo da Copa do Mundo de 2014. No segundo tempo da partida contra a Alemanha houve as primeiras manifestações com cânticos ofensivos, como já havia ocorrido na abertura do Mundial. Em seguida, ela recebeu vaias após o jogo, quando sua imagem apareceu nos telões durante as premiações dos melhores da Copa.

Essa mesma manifestação se repetiu de maneira acentuada quando Dilma Rousseff cumprimentou o técnico da Argentina, Alejandro Sabella, e foi mais forte no momento em que entregou o troféu de campeão ao capitão do time alemão, Philipp Lahm. Nesse instante as vaias se transformaram em um coro de ofensas. No momento da entrega do troféu, o sorriso de Lahm contrastava como a expressão de descontentamento de Dilma, imagem que foi vista em todos os continentes do planeta e que se consolidou na memória e no contexto sócio-histórico do Brasil.

Considerando o panorama geral do período, os jogos da Copa do Mundo de Futebol de 2014 foram marcados por atrasos nas obras, oposição ao evento por parte de setores da opinião pública, falta de segurança pública, violência e invasões de torcidas aos estádios, vandalismo e depredação de patrimônios públicos, utilização abusiva de força policial para dispersar as manifestações e profunda desorganização no dia a dia dos jogos.

A desclassificação da seleção brasileira para a final fez com que as manifestações, que tinham sido esquecidas com o início dos jogos, fossem retomadas. A derrota motivou novamente as manifestações anti-Copa, e os índices de aprovação do governo de Dilma Rousseff, que aumentaram durante os primeiros jogos da Copa, voltaram a cair com a vitória alemã e o fim da participação do Brasil no campeonato mundial.

O Mundial de 2014 se consolidou como a memória de um evento que decepcionou os brasileiros fora de campo e, ao final do torneio, dentro do Mineirão. As duas derrotas finais (para a Alemanha e para a Holanda) abalaram a imagem do “país do futebol” com a apresentação de um time que demonstrou falta de controle emocional, entrosamento e ritmo durante os últimos jogos, apesar de todo o preparo técnico que a seleção brasileira acreditava ter atingido para o Mundial.

2.4 MUITOS IMPACTOS E POUCOS LEGADOS

Um dossiê organizado pela Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa e das Olimpíadas apresentou os diversos impasses que os megaeventos trouxeram para o Brasil. De acordo com este documento milhões de cidadãos sofreram violações ou ameaças dos direitos à moradia, à informação e à participação nos processos decisórios. Estimativas conservadoras apontam que os problemas atingiram mais de 170 mil pessoas.

Além dos impactos sociais, o Dossiê (2014) descreve o descumprimento à legislação e aos direitos ambientais e trabalhistas, a precariedade do sistema de saúde e de educação pública e o desperdício dos recursos públicos que deveriam ser destinados para atender as necessidades da população.

Um episódio que revelou as contradições da realidade brasileira em relação aos investimentos governamentais para a Copa de 2014 em detrimento de investimentos sociais, e que ganhou notoriedade, foi a repercussão do comentário do jogador Ronaldo Nazário (conhecido como Ronaldo Fenômeno) na ocasião de sua indicação como membro do Conselho de Administração do Comitê Organizador Local (COL) da Copa do Mundo, em junho de 2013. Em um de seus depoimentos, o jogador disse que “Copa do Mundo se faz com estádio, não com hospital”.

Figura 9 - Estádio ou Hospital?



Fonte: <<http://www.latuffcartoons.wordpress.com>>. Acesso em: 22 set. 2017.

Apesar de se retratar e afirmar, posteriormente, que o Brasil tinha condições de investir nas duas coisas (estádios e hospitais) a opinião pública criticou bastante suas declarações, o que lhe valeu, ainda, uma charge produzida por Latuff (figura 9), criticando sua postura, a partir de uma cena envolvendo os personagens de quadrinhos Batman e Robin.

As organizações internacionais e empresas envolvidas com a promoção da competição mundial de futebol de 2014 no Brasil divulgaram possíveis benefícios e legados que o megaevento esportivo poderia trazer para o país, mas os impactos foram muito maiores do que as melhorias nas condições de vida da população e na ampliação de seus direitos, sobretudo, das populações mais pobres e vulneráveis às decisões dos governos.

As autoridades constituídas e as entidades privadas - como os comitês organizadores dos eventos -, bem como as grandes corporações, a quem o governo delegou responsabilidades públicas, foram os principais agentes responsáveis por estas violações. Neste contexto, os interesses privados foram favorecidos em detrimento do interesse público e as operações chamadas de parcerias público-privadas garantiram que "o público ficasse com os custos e o privado com os benefícios" (DOSSIÊ, 2014, p.7). Segundo o documento, os promotores dos megaeventos falaram de esporte, mas trataram de negócios:

O dossiê chama a atenção das autoridades governamentais, da sociedade civil brasileira, das organizações de defesa dos direitos humanos, no Brasil e no exterior, para o verdadeiro legado que estes eventos nos deixarão: destruição de comunidades e bairros populares, aprofundamento das desigualdades urbanas, degradação ambiental, miséria para muitos e benefícios para poucos (DOSSIÊ, 2014, p.7).

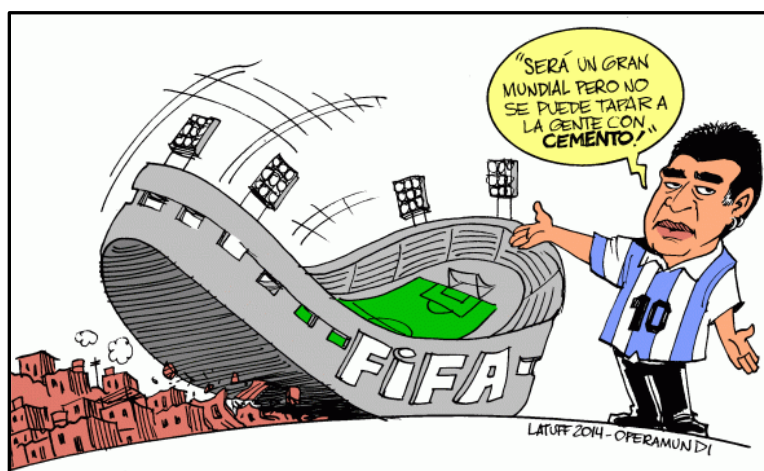
Além de agravar as desigualdades, a Copa de 2014 também deixou custos de manutenção em estádios subutilizados. De acordo com Zimmerman (2013), várias cidades como Brasília, Cuiabá, Manaus e Natal não apresentam potencial esportivo para manter as estruturas construídas e sofrerão com os altos custos necessários para garantir a manutenção desses empreendimentos. Segundo este autor, vários estádios apresentaram problemas de sustentabilidade após o término da Copa do Mundo de 2014.

A questão da ociosidade dos estádios fica mais crítica quando observamos que os recursos investidos foram predominantemente públicos. Para Zimerman, o megaevento ocasionou muitos impactos negativos para o Brasil e um dos que merece destaque se refere à baixa participação do poder executivo municipal nos projetos. Apesar de impactarem diretamente territórios cuja competência era municipal, os governos estaduais foram os responsáveis pelas obras por meio de parcerias público-privadas por causa das debilidades dos municípios em gerenciar esses grandes projetos. Nesse contexto, os municípios tiveram um papel mínimo de indicação de alterações urbanísticas.

Outro impacto importante, segundo o autor, foi a alteração e flexibilização dos instrumentos do planejamento urbano como os Planos Diretores e as modificações no zoneamento do território das cidades que direcionaram os impactos mais graves para as Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), demarcadas para assentamentos habitacionais da população de baixa renda.

Dessa forma, a realização da Copa em 2014 foi utilizada como argumento para que o regime urbanístico das cidades fosse alterado sem discussão com a sociedade. O terceiro fator a ser destacado foi a violação aos direitos humanos, que ocorreu, principalmente, por meio dos processos de remoções forçadas que afastou, prioritariamente, famílias pobres para as periferias.

Figura 10 - “Será un gran mundial pero no se puede tapar a la gente con cemento”



Fonte: <<http://operamundi.uol.com.br>>. Acesso em: 22 set. 2017.

Ainda segundo Zimerman (2013), muitos foram os entraves ocorridos na Copa: falta de mecanismos de participação e controle social, falta de transparência

quanto aos projetos e recursos financeiros empregados, endividamento público para beneficiar setores e grupos específicos da sociedade, privatização de espaços públicos, repercussões negativas na cultura e economia locais, entre outros. Além disso, pode-se observar que a ausência de planejamento e governança urbana foram os principais motivos tanto do legado quanto dos impactos gerados na Copa do Mundo que promoveu maiores desigualdades sociais. Para o autor, estes fatores deveriam ter sido repensados e superados antes da realização do evento.

Cabe destacar, ainda, que os jogos da Copa de 2014 ocorreram em junho e julho, meses de festas juninas, tradicionais, principalmente, na região nordeste do Brasil. Haja vista que, de acordo com a FIFA, não são permitidas festas de rua antes, durante ou após os jogos da Copa, o referido megaevento esportivo produziu forte impacto na economia e cultura locais, além de resultar em restrições das tradições nordestinas, no comércio de artesanato e de comidas típicas regionais.

De acordo com o Dossiê (2014), ao considerarmos as ações dos governos para a realização da Copa em 2014 é possível concluir que foram executados inúmeros atos que violaram direitos para garantir o “Padrão FIFA” e o término das obras de infraestrutura para o megaevento. Muitos projetos e mudanças estruturais feitas nas cidades-sede prejudicaram diversos segmentos da sociedade. Sem planejamento adequado e com foco nos interesses dos governantes e empresas patrocinadoras, as mudanças ocorridas atingiram de forma negativa milhares - ou até milhões - de pessoas. Algumas dessas violações foram:

- 1) o cerceamento ou impedimento do acesso a serviços públicos, tanto ligados às questões da habitabilidade e dos serviços sociais indispensáveis quanto à defesa e assessoria jurídica públicas; 2) o cerceamento do acesso universal a bens públicos como logradouros, praças, parques etc; 3) a interposição de dificuldades à locomoção e à acessibilidade das unidades habitacionais, à mobilidade urbana (DOSSIÊ, 2014, p.65).

Além das violações dos direitos humanos e de repressões nas comunidades com utilização da violência, alguns órgãos públicos de defesa aos direitos humanos e à população mais pobre se tornaram vítimas da coalizão de interesses realizada pelos mesmos responsáveis pela violência sobre aqueles que os próprios órgãos atendiam. Ou seja, os defensores das vítimas se transformaram, eles também, em vítimas da violência física ou institucional.

Ainda segundo o Dossiê (20014), a respeito da mobilidade urbana, o que assistimos nos projetos para a Copa de 2014 foram, de um lado, a expulsão sistemática de populações menos favorecidas das áreas centrais e de áreas valorizadas - que significou a segregação em espaços periféricos, distantes e inacessíveis, desprovidas de serviços e infraestrutura -, e de outro lado, o próprio planejamento do transporte urbano e metropolitano que privilegiou certos corredores que atenderiam determinadas parcelas já privilegiadas da população, negando a outras o direito de mobilidade, principalmente, em seu trajeto de casa para o trabalho.

Certamente, encontram-se tipificadas nestes planejamentos, em maior ou menor grau, todas as cidades-sede da Copa 2014. Os projetos de transporte de massa foram todos direcionados aos interesses inerentes aos megaeventos; eles não foram planejados para melhorar o transporte da população que necessitava das novas obras, mas sim para garantir a valorização imobiliária, os interesses de grandes grupos privados que apoiaram os eventos e a mobilidades estratégicas para os públicos que assistiram aos jogos.

Deste modo, a parcela dos recursos públicos voltados para mobilidade urbana, investidos nas obras dos megaeventos, foi utilizada, na maior parte das vezes, em projetos que privilegiaram a circulação e acesso das áreas nobres, ao invés de atenderem à demanda insatisfeita acumulada ao longo das últimas décadas de crescimento urbano voltada para a melhoria das condições de transporte e circulação para os bairros populares e comunidades periféricas mais pobres.

Portanto, a realização da Copa de 2014 no Brasil proporcionou a oportunidade de investimentos e obras que poderiam contribuir com a redução das desigualdades sociais e promover grandes melhorias nas condições de vida da população. Porém, o que ocorreu durante a preparação e realização da Copa foi a violação de direitos humanos e sociais.

Como consequência, o ano de 2013 foi marcado por protestos, crises políticas, desaceleração econômica e denúncias de corrupção contra o governo federal e, por sua vez, o ano de 2014, como o ano da efetivação das mais significativas contradições entre os interesses privados dos negócios dos megaeventos esportivos em detrimento dos interesses sociais da população brasileira. Nesse cenário, a Copa do Mundo de 2014 ficou registrada na história não

pela disputa técnica em campo - quando muito pela vexatória derrota da seleção brasileira -, mas, principalmente, pela conjuntura política marcada pela turbulência social do Brasil antes, durante e depois da maior competição futebolística mundial.

3. ANCORAGEM TEÓRICA E METODOLÓGICA

Todas as discussões sobre a Copa do Mundo de Futebol de 2014 foram desenvolvidas para que uma compreensão mais ampla sobre como este torneio se configurou fosse possível. Porém, nosso propósito maior é compreender como os temas que envolveram o megaevento foram abordados nas charges de Carlos Latuff e como se estabeleceu a respectiva produção discursiva. Por meio das análises apresentadas será possível interpretar os fatores referentes aos assuntos abordados pela perspectiva dos movimentos sociais e das manifestações públicas, em contraponto à perspectiva difundida nos discursos da grande imprensa.

Para tanto, neste capítulo, delinearemos os pressupostos teóricos a partir dos quais procuramos ancorar nossas reflexões e análises. Nesse sentido, utilizamos a perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso (AD), de linha francesa, proposta por Michel Pêcheux na década de 1960 e desenvolvida no Brasil, especialmente, a partir dos trabalhos de Eni Orlandi (2001; 2005) e o método de Iconologia de Erwin Panofsky (1968), este dividido em três momentos: a capacidade de ler o sentido da imagem; a capacidade de interpretar seu significado iconográfico e o modo de interpretação a partir de uma combinação de valores próprios que compõem a carga cultural de quem recebe a mensagem e a interpreta como um produto histórico, social e cultural.

Para realizar a análise discursiva das charges buscamos em conceitos como condições de produção, interdiscurso e formação discursiva a possibilidade de construir uma abordagem coerente com o processo de produção de sentidos do objeto, contemplando também as designações da AD.

Além das teorias e suportes teóricos para as análises, este capítulo também contempla as definições de charge como modalidade do humor gráfico, bem como aprofunda sua natureza humorística e intertextual. Também apresentamos algumas características do chargista Carlos Latuff.

3.1. ANÁLISE DO DISCURSO

De acordo com Francine Mazière (2007) a essência da AD se apresenta no centro das Ciências Humanas e se origina do entrecruzamento entre Comunicação, História, Sociologia e Psicologia. Para Cleudemar Fernandes (2007) três áreas do

conhecimento científico constituem esta teoria: o Materialismo Histórico, a Linguística, e a Teoria do Discurso. Apesar de sua fragmentação, a AD apresenta princípios sólidos e sua aplicação configura enunciados heterogêneos, segundo um saber assumido linguístico, histórico, político e filosófico. Ela possibilita interpretações a partir de dados da língua e da história, considerando as capacidades linguísticas reflexivas dos sujeitos que falam e ocultam o sujeito enunciador individual.

Mazière afirma que a AD é composta por uma série de exigências e proposições, constituídas e experimentadas e se faz proveniente de uma história. Segundo essa autora, os primeiros dispositivos da análise permitiram à AD se definir por oposição ou adesão às evidências dos anos 1960. Mesmo após inúmeros deslocamentos - e mesmo que sua relação com a Linguística, como ciência discursiva, possa ser discutida -, uma tríplice relação estrutura a AD francesa, como descreve Mazière:

- 1) o sujeito assujeitado, falado por seu discurso, diretamente promovido do estruturalismo de Foucault, Althusser e Lacan, 2) com a historicidade de todo enunciado singular, herdado de Foucault, e 3) com a materialidade das formas de língua que Saussure, Harris e Chomsky permitem estabelecer que constitui a originalidade do que se chamou a AD francesa (MAZIERE, 2007, p.10).

Segundo Eni Orlandi (1998), a AD é uma disciplina que não acumula conhecimentos e discute seus pressupostos continuamente. Seu espaço de discussão articula o linguístico, o social e o histórico, ocupando-se da determinação histórica dos processos de significação e permite o diálogo entre várias ciências. Em suas definições Michel Pêcheux (1993) desenvolve a ideia de que a linguagem é uma importante forma material da ideologia, considerando que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica deste é a língua. O autor demonstra os embates ideológicos que ocorrem no funcionamento da linguagem e a existência da materialidade linguística na ideologia.

Para Pêcheux (1993), a linguagem é um fenômeno que deve ser estudado como forma linguística em relação ao seu interior e como forma material da ideologia em seu exterior. Ela não pode ser compreendida como um sistema significativo fechado, sem relação com o exterior, mas sim a partir do contexto histórico-ideológico dos sujeitos que a produzem e que a interpretam. Para o autor,

"a produção de conhecimento ocorre na transformação de 'matérias-primas' ideológicas em objetividades materialistas através do desenvolvimento de ideologias novas e de formas novas da interpretação ideológica" (PÊCHEUX, 1993, p.270).

Neste cenário, o discurso é o âmago da AD, a língua e a gramática são importantes em sua origem e estrutura, mas não representam sua centralidade. A palavra "discurso" traz em si a ideia de curso, percurso. Ele é, portanto, a palavra em movimento, a prática de linguagem que não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos ou membros de uma determinada forma de sociedade.

Como noção de discurso pode-se compreender o movimento das palavras, a linguagem em prática que não pode ser tratada apenas como um sistema de signos, mas como o sentido da língua enquanto trabalho simbólico e expressão social geral que faz parte do homem e de sua história. Para compreender o discurso é necessário considerar em seu funcionamento o histórico, o social, o subjetivo, o objetivo, o processo e o objeto.

Segundo Fernandes (2007), quando compreendido como objeto da AD, o discurso se encontra no social e é exterior à língua; ele integra a questão do sentido, que pode ser compreendido como os efeitos de percepção que ocorrem entre sujeitos em interlocução. A produção de um discurso deve ser compreendida, sempre, como integrante da história, visto que sua unidade se constitui por um conjunto de enunciados produzidos na difusão de acontecimentos discursivos.

De acordo com Orlandi (2005), a AD reconhece a opacidade do discurso e compreende a língua como uma forma de comunicar que gera sentido na fala do homem como membro de uma sociedade ou como sujeito capaz de construir sua capacidade de significar e significar-se. Além do discurso, os processos e condições de produção da linguagem são de extrema relevância neste tipo de análise, assim como as relações entre as línguas, os sujeitos que falam e as situações de produção do dizer. Deste modo, para a aplicação da AD se faz necessário o estudo da língua em relação à sua exterioridade.

Ainda para a referida autora o discurso vai além do texto; ele é o local onde se pode observar a relação entre língua e ideologia para compreender como o sentido se constrói para o sujeito. Neste campo, o simbólico e o político coexistem e confrontam-se. Desta forma, os estudos discursivos expressam a "linguagem

materializada na ideologia e a ideologia que se manifesta na língua" (ORLANDI, 2005, p.17).

Neste percurso de compreensão, o analista deve considerar a não transparência da linguagem e o fato de que ela não perpassa diretamente o texto para gerar um sentido único do outro lado, porque ela é composta por relações entre língua, pensamento, mundo e história, cada qual com sua especificidade.

Para atravessar o objeto discursivo é preciso percorrê-lo com questões e observações mais atentas, que levem até seu discurso. Nesse contexto pode-se considerar que a materialidade de um texto contém uma "espessura" constituída por uma discursividade. Na AD, forma e conteúdo não se separam; o analista trabalha a forma material como linguístico-histórica porque seu sentido se faz pela conjunção da língua e da história. "A língua só faz sentido porque está inscrita na história" (ORLANDI, 2005, p. 25).

Orlandi afirma que o sujeito discursivo é conduzido pela ideologia e pelo inconsciente porque é afetado pela língua e pela história. Ele não possui controle sobre o modo como elas o afetam nem sobre o seu discurso, porque todas as palavras chegam, até o sujeito, repletas de sentidos, que se expressam nele e para ele, mesmo que suas origens não sejam conhecidas.

Na AD ao invés da mensagem que transmite sentido, considera-se o discurso formado por um complexo sistema de constituição de sujeitos e produções de sentidos. Para a autora, este tipo de análise não busca por um sentido verdadeiro por meio da interpretação; ela encontra interpretações por meio de um dispositivo teórico e se constitui em um sistema onde a Linguística, a Filosofia e as Ciências Sociais se relacionam.

Orlandi considera que as condições de produção e a interdiscursividade do texto são essenciais para seu entendimento e que estes aspectos incluem o contexto imediato do texto, as circunstâncias de sua enunciação, os sujeitos que se relacionam com ele, seu local de fala, outros textos, sua memória discursiva, entre outros elementos necessários para o processo da AD. De acordo com a autora, o contexto social, histórico e ideológico interfere na formação de sentido do texto, assim como a memória discursiva que diz antes, em outro lugar, de forma independente. Esta memória guarda o já dito, em outro lugar, por outras vozes e constrói o interdiscurso que afeta significados, sujeitos e discursos posteriores a ela.

Além das condições de produção e intertextualidade do texto, Orlandi (2005)

descreve a importância da formação discursiva para a constituição dos significados e para a formação do discurso. A formação discursiva permite o reconhecimento da ideologia e a compreensão do processo de formação de sentido a partir das conjunturas sócio-históricas. Ela pode ser definida como o campo onde se alojam as ideologias e os discursos externos referentes ao texto analisado, ou como o local onde os interdiscursos se organizam e produzem sentidos em um contexto externo. Por meio da formação discursiva é possível encontrar os sentidos dos discursos porque ela se constitui pelo local de fala do sujeito, por sua ideologia, pela condição de produção e contexto de seu dizer.

Ainda segundo a autora, todos os sentidos de um discurso são gerados a partir da ideologia do sujeito que está ligada ao seu inconsciente. Ela intervém na AD com seu funcionamento imaginário para produzir as relações necessárias para a formação do sentido que ocorre entre o sujeito, a língua e a história. Nesse contexto, o sujeito não tem controle sobre seu discurso ou sobre os sentidos do texto porque estes sentidos podem produzir diferentes significados para diferentes interlocutores e eles não se encerram no imediato. Orlandi afirma:

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e de outro pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas (ORLANDI, 2005, p.53).

De acordo com Fernandes (2007), a ideologia se materializa na linguagem e a AD permite compreender seu funcionamento imaginário, materialmente articulado ao inconsciente. Ela é inerente ao discurso, pois na exterioridade do linguístico há posições antagônicas. Diferentes discursos coexistem no social e implicam em diferenças ideológicas de sujeitos e grupos sociais, muitas vezes integrantes de uma mesma sociedade. Estas diferenças geram conflitos e contradições que possibilitam o reconhecimento do espaço sócio-ideológico em que os sujeitos se inscrevem.

A partir das considerações de Pêcheux, Orlandi afirma que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (ORLANDI, 2009, p.17). Ainda sobre

esse contexto, com relação à manifestação do desejo no discurso, Authier-Revuz (2004), com base em Lacan, reflete sobre a designação “Outro”. O “Outro” se refere ao desejo do “outro” como constitutivo do desejo do “eu”, que é o sujeito; esse “Outro” se apresenta em contraposição ao “outro” que se refere ao exterior, ao social que constitui o sujeito e o desejo de manifestação do inconsciente em forma de linguagem.

Portanto, o discurso é composto pela língua e pela ideologia e todo seu dizer é ideologicamente afetado, além de ser constituído por outros dizeres. Deste modo, o movimento contínuo da história e do simbólico evita que qualquer texto tenha sentidos únicos, fechados em si. As constantes mudanças viabilizam interpretações que as seguem, portanto, os discursos não se encerram, eles acompanham movimentos constantes de transformação e mudanças históricas, sociais e políticas.

3.2. ANÁLISE ICONOGRÁFICA

De acordo com Erwin Panofsky (1986), a compreensão da imagem está submetida à sua perspectiva histórica, ou seja, para compreendê-la é preciso considerar e examinar criticamente pressuposto de cunho histórico e não observá-la apenas na dimensão de uso presente. Portanto, para desenvolver esta questão e aplicá-la, de forma produtiva, nas análises desta dissertação, iremos considerar as bases da teoria histórica da imagem contida na Iconologia de Erwin Panofsky.

Este autor produziu um artigo intitulado “Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da arte da Renascença”, que apresenta princípios sintetizados e ideias discutidas na Escola de Warburg. Nesta obra, Panofski define o conceito de Iconografia como o ramo que estuda um tema e a mensagem de uma obra de arte em contraposição à sua forma. Ele também classifica três níveis de interpretação que se referem a três níveis de significado:

I) O primeiro se refere ao significado natural ou primário e pode ser subdividido em factual e expressional. Ele é apreendido pela identificação de formas puras, portadoras de significados, como configurações de linhas e cores, bem como de objetos e eventos presentes na imagem, em conjunto com suas qualidades expressivas e relações com acontecimentos.

II) O segundo se refere ao significado convencional, secundário. É a combinação de conceitos, a análise iconográfica que opõe o tema à forma. Consiste

na ligação das composições da imagem com conceitos, não se constitui somente com base na descrição simples dos objetos, como no primeiro nível. Também diferencia-se do primário por ser inteligível ao invés de sensível e por ter sido conferido de forma consciente.

III) O terceiro nível, denominado interpretação iconológica, é voltado ao conteúdo ou significado intrínseco. Pode ser definido como um elemento unificador que define e explica os acontecimentos visíveis e suas significações inteligíveis; ele é capaz de determinar a forma de manifestação dos acontecimentos visíveis.

O significado intrínseco se diferencia do factual e convencional por não ser expressional, ele pode ser apreendido pela determinação dos princípios subjacentes. Esta descrição é definida pela interpretação dos valores simbólicos presentes nas imagens. Este significado se resume à interpretação de valores simbólicos, "é o objeto do que se poderia designar por 'iconologia' em oposição a 'iconografia'" (PANOFISKY, 1986, p.53). De acordo com o autor, o significado intrínseco está acima da esfera da vontade consciente e o expressional está abaixo dela.

Para compreender esta classificação triádica, é preciso distinguir iconografia e iconologia. Segundo Panofski (1991), iconografia é o âmbito da história da arte que trata de significados convencionais e intrínsecos, em contraposição ao tema primário ou significado natural, referentes às formas das obras de arte; a iconografia é um estudo limitado, que informa onde e como os temas foram visualizados e por quais motivos. Ainda de acordo com o referido autor, o sufixo "grafia" deriva do verbo grego *graphein* e denota algo descritivo, e o sufixo "logia", derivado de *logos*, que quer dizer "pensamento", "razão", denota algo interpretativo.

A iconologia é a iconografia que se faz interpretativa, que não se limita ao papel de exame estatístico preliminar e se converte em parte integral do estudo da arte. Portanto, a iconologia pode ser considerada como um método de interpretação derivado mais da síntese e menos da análise. "Assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica" (PANOFISKY, 1986, p.54).

A tríade entre o tema primário, secundário e o significado intrínseco proporciona subsídio para a análise de imagens e esse tripé temático de Panofsky se faz muito útil para as análises deste trabalho. O autor também considera que as

imagens devem ser compreendidas como documentos históricos e, quando bem investigadas, elas podem expressar não apenas uma ideia, mas uma concepção de mundo. Portanto, é preciso adentrar na cultura que as imagens investigadas fazem parte para podermos compreendê-las de forma completa.

Nesse sentido, para Panofsky, a partir da análise das formas presentes nas imagens, identificáveis como situações e gestos, objetos etc., é possível resolver o problema do desvelamento dos conteúdos dessas imagens, ou seja, por meio dos elementos oferecidos por elas, seria possível buscar a realidade a qual fazem menção.

Eduardo Neiva (1993) afirma que ao considerarmos que a fase de interpretação iconológica requer o elemento histórico e que a imagem também é histórica, porque não é determinada exclusivamente pela possibilidade do presente, faz-se possível um diálogo com a análise do discurso, pois é na fase da interpretação iconológica que o historiador vai além dos limites da imagem para compreendê-la, buscando suas condições de produção, fatores sócio-históricos que possibilitaram sua existência, sujeitos envolvidos etc.

Segundo esse autor, as imagens - enquanto experiências conceituais e cognitivas - participam do presente concreto que as produziu, mas também são parte de um legado histórico. O método iconológico de Erwin Panofsky atende algumas exigências da inter-relação entre passado e presente. Nesse sentido, pode-se afirmar que a imagem depende de mediações, ainda que sutilmente implícitas, pois ela não é expressão imediata. Portanto, por meio do que sabemos e de informações que apreendemos no passado é que as chaves são oferecidas para nossa percepção, no presente.

3.3. CHARGE: TEXTO CHÁRGICO, INTERTEXTUALIDADE E HUMOR

Desde o seu surgimento as charges são utilizadas intensamente em jornais e revistas - e, atualmente em sites de notícia e *blogs* - para expressar críticas e promover debates que vão além dos limites de sua imagem; elas produzem discursos a respeito de cidadania, direitos humanos, cultura, política, opressões, entre outros aspectos. Além de sua importância atual, esta modalidade do humor gráfico também se destaca por ter contribuído muito para o desenvolvimento crítico e interpretação de acontecimentos da história recente do Brasil.

Ao considerarmos a charge como o objeto empírico de análise dessa dissertação, buscamos compreendê-la como gênero comunicativo visual que possui características próprias que a diferencia de outras modalidades do humor gráfico como a caricatura e o cartum. Seu potencial de impactar a realidade, bem como sua importância histórica e discursiva, faz dela o centro de nossa pesquisa.

Esse tipo de iconografia pode ser compreendido como instrumento de reflexão e fonte de pesquisa; a charge é produzida sob condições históricas determinadas, com tempo e espaço específicos. Seus discursos nos informam muito sobre os mais diversos aspectos da sociedade, tolerância ou intolerância política dos cidadãos e suas ideologias, expressas ou ocultas em publicações.

Segundo Luiz Guilherme Sodré Teixeira (2005), as charges são produtos da história, resultantes das técnicas de produção de imagens. Também podem ser compreendidas como produtos culturais que registram o que a história nem sempre registra, objetivamente. Para esse autor, “sua função é temperar a monotonia e a severa objetividade do texto com a permissividade de um discurso que diz o que o verbo não pode, não deve, ou não ousa expressar” (TEIXEIRA, 2005, p.13).

Frequentemente são repletas de subjetividade, apresentam reflexões e críticas sociais com humor e podem servir como fortes instrumentos de intervenção política. Afirma o autor: “a charge é uma arma de grosso calibre a serviço da manifestação de uma ‘opinião pública’, canalizando sua agressividade latente contra quem se evidencia na atividade pública, na prática controversa da política” (TEIXEIRA, 2005, p.11).

Para Teixeira esse tipo de produção iconográfica articula imagens para apresentar discursos com sentidos que vão além da razão e sua proposta não é registrar o real, mas significá-lo. Frequentemente os discursos das charges são resumos de situações políticas e problemas que a sociedade vive, recriados com recursos gráficos próprios. Para o referido autor a charge reproduz a realidade independente da razão, e uma verdade independente da realidade; ela incorpora o humor como linguagem que produz uma verdade cujo sentido está fora da realidade e além da razão.

De acordo com Rozinaldo Antonio Miani essa modalidade do humor gráfico se define como uma prática discursiva e ideológica de natureza dissertativa e intertextual (MIANI, 2012). Ela é portadora de ideologia e de uma discursividade persuasiva que revela e defende ideias. Trata-se de uma produção comunicativa

veiculada em diversos contextos sociopolíticos e seu universo envolve elementos políticos, estéticos e de linguagem.

Ainda de acordo com este autor, considerando a trajetória da caricatura no Brasil a partir do século XIX, verifica-se que as características próprias da linguagem caricatural, naquele período, compõem o universo conceitual das atuais definições do termo charge. Antes do aparecimento do primeiro jornal de caricaturas de São Paulo, *Diabo Coxo*, produzido por Ângelo Agostini em 1865, a história da caricatura no Brasil já estava associada ao combate, à crítica dos costumes e à política. Era um termo geral aplicado a todos os desenhos humorísticos que apresentavam o riso, a crítica sarcástica e a sátira contundente (MIANI, 2012).

Segundo Edson Carlos Romualdo (2000), para compreender historicamente a origem das charges é necessário considerar as ilustrações publicadas na imprensa, que inicialmente eram comercializadas de forma independente, mas logo passaram a fazer parte de revistas, sem ligação com o texto verbal, e, finalmente, se tornaram parte integrante dos jornais. As ilustrações ganharam espaço na imprensa brasileira, gradativamente, assim como na França e nos Estados Unidos.

A caricatura e a charge marcaram forte presença nas publicações de jornais durante os últimos anos do império, no Brasil, e tiveram seu momento máximo a partir da segunda metade do século XIX. Após este período, a ascensão das ilustrações na imprensa predominou durante cinquenta anos, até perder espaço para a fotografia. Após a Segunda Grande Guerra, o interesse por elas foi retomado e a charge política assumiu um papel de destaque no jornalismo.

Para Romualdo, a origem da charge advém do jornalismo opinativo. Se considerarmos os dois núcleos de interesse em que se articulam as produções jornalísticas - informação e opinião -, o segundo compreende os seguintes gêneros: charges, editoriais, comentários, artigos, resenhas, colunas e cartas. As charges se destacam em meio a estes gêneros por realizarem uma quebra visual na distribuição dos textos presentes nos jornais e por proporcionarem leveza na página editorial.

De acordo com Teixeira (2005), esta modalidade da linguagem iconográfica conquistou os leitores rapidamente. Ela possibilita uma leitura mais imediata e pode transmitir múltiplas informações de forma compacta. Como gênero opinativo diferencia-se dos demais por utilizar o humor como base de suas críticas.

Apesar de serem visualmente mais “leves”, as caricaturas e charges podem apresentar conteúdos mais densos do que outros textos opinativos, como crônica ou editorial. Por serem constituídas por textos imagéticos e humorísticos, elas atraem a atenção, transmitem rapidamente um posicionamento crítico sobre personagens, fatos políticos e podem operar como instrumentos eficazes de persuasão.

Portanto, de acordo com Romualdo (2000), foi na imprensa que as ilustrações ganharam força e evidência, gradativamente, conforme o progresso do aperfeiçoamento técnico da reprodução de imagens e a propensão do público a consumir jornais ilustrados. No início, as máquinas de impressão eram pouco adaptadas para a reprodução de ilustrações. Devido às limitações técnicas, os desenhos ficavam borrados, impossibilitavam a leitura e não eram convenientes aos jornais. No entanto, por volta de 1796, Senefelder inventou o processo litográfico que possibilitou a reprodução excelente de ilustrações.

Para Teixeira (2005) a invenção da litografia, fotografia e cinema, como técnicas de reprodução de imagens, representou uma ruptura que revolucionou o modo de produção e apropriação social. A partir de 1950, a cultura foi marcada por uma comunicação mais visual que se consolidou e ocupou parte do espaço dos discursos verbais baseados no texto. Em consequência, o grafismo da charge se beneficiou e sua linguagem ganhou espaço e importância em detrimento do texto, principalmente, como forma de expressão. “Hoje, a imagem da charge é a gramática de seu traço, e o traço da charge é a escrita de seu texto” (TEIXEIRA, 2005, p.18).

Charge é texto segundo as reflexões de Teixeira (2005) e Romualdo (2000). Ao considerarmos o conceito de texto proposto por Leonor Lopes Fávero e Ingedore Grunfeld Villaça Koch (1988), que abrange tanto textos verbais quanto visuais, concluímos que o termo se refere a qualquer tipo de manifestação da capacidade textual humana, ou seja, “qualquer comunicação realizada por meio de um sistema de signos”, como: poemas, músicas, filmes, pinturas, esculturas etc.

Se considerarmos as definições de Romualdo as charges contêm os sete fatores que determinam a textualidade: “coerência e coesão centradas no texto; intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade centrada no usuário” (ROMUALDO, 2000, p.16). Ainda segundo este autor, as relações dos elementos gráficos que constituem as charges formam um sentido que pode ser lido e interpretado, portanto, os textos são coerentes e coesos. Elas também apresentam informatividade, porque fazem uso de um sistema verbal e

pictórico ou sincreticamente pictórico, por meio dos quais os chargistas inserem suas intencionalidades, ou seja, suas opiniões, críticas, representação de personagens e interpretações de fatos políticos.

A diagramação do jornal e o local de publicação das charges dizem respeito à situacionalidade, pois o texto se faz relevante para o local e situação em que ocorre. Geralmente as charges são posicionadas em páginas de opinião, ao lado de editoriais. Este local reservado para a publicação cria expectativas nos leitores e faz com que eles esperem a presença de ilustrações que expressam opiniões e críticas.

Ainda de acordo com Romualdo (2000), para interpretar uma charge é preciso utilizar os conhecimentos que este tipo de texto exige, ou seja, os leitores precisam por em prática a aceitabilidade e recuperar na memória outros textos. Desse modo, a intertextualidade também se faz presente, porque este tipo de iconografia possui características próprias, mas não deve ser compreendida como um texto isolado, sem relação com o repertório do leitor ou com outros textos presentes no meio onde foi publicada, ou fora dele. A esse respeito, Teixeira afirma:

[...] tendo o traço como texto, a charge estrutura seu discurso sobre o real como uma narrativa, um modo específico de leitura, uma imagem que conta uma história, que descreve personagens e enuncia conteúdos subjetivos sobre ações objetivas de sujeitos reais (TEIXEIRA, 2005, p.19).

A charge retoma outros textos para seguir a mesma orientação de sentido ou se posicionar em sentido contrário; ela pode ser convergente ou divergente em relação aos demais textos (ROMUALDO, 2000; MIANI, 2005). Suas relações de intertextualidade podem ocorrer por meio de textos complementares e, nesse caso, cabe ao leitor fazer a recuperação desses intertextos para compreender ou inteirar-se da mensagem transmitida.

Para compreendermos o gênero charge é fundamental considerarmos também um de seus elementos visuais constituintes, a caricatura, que consiste no exagero das características marcantes dos indivíduos ilustrados (MIANI, 2005). De acordo com Teixeira (2005), ela pode ser considerada como um modo de apropriação e representação de um sujeito a partir de suas características mais marcantes, como por exemplo, orelhas de abano, nariz grande, topete eriçado e barriga proeminente.

Estas características são ilustradas de forma exagerada para provocar o riso naqueles que as observam. Ao contrário da charge, a caricatura não apresenta, necessariamente, uma função crítica; ela se consolida como um instrumento de observação que não tem a pretensão de intervir no real. Sua intenção é representar indivíduos por semelhança, com exagero. Diferente da charge e do cartum, ela não objetiva prioritariamente a crítica, seus traços visam a reflexão e o humor, buscam transformar o sujeito real no mesmo sujeito fictício.

Ainda segundo Teixeira (2005), a função da caricatura se resume em ilustrar características anatômicas para expressar formas, intensificando alguns contornos, curvas e linhas que realçam a singularidade da aparência externa dos sujeitos. Afirma o autor: “a caricatura é um traço que revela aparências, que aponta o visível e o supérfluo, que sublinha e resalta, corta e recorta; enfim, é um traço de humor que batiza o que se vê e nomeia o que se pensa” (TEIXEIRA, 2005, p. 93).

Para este autor a caricatura faz uso de um traço que expõe o excessivo em relação à anatomia original do sujeito e “produz semelhança através da linearidade de um traço que dissemina dissemelhança” (TEIXEIRA, 2005, p.97). A caricatura retrata as superfícies anatômicas do sujeito real, com modificações, e as reproduz como exterioridades de sua identidade corporal.

De acordo com Romualdo (2000), a palavra caricatura origina-se, etimologicamente, do verbo *caricare*, que significa carregar, acentuar, sublinhar. Seu surgimento ocorreu na Itália, durante a segunda metade do século XVII. O vocabulário foi empregado pela primeira vez em 1646, por Mosini, que se referiu a desenhos satíricos produzidos por Agostinho Carracci.

Porém, este estilo de representação gráfica já era produzido por civilizações egípcias e na Grécia, muito antes de sua primeira menção como caricatura, na Itália. Como forma visual de sátira, sua existência precede o século XVII, dado que o primeiro nome citado na história da caricatura foi do grego Pauson, que teria vivido no ano de 430 a.C. Antes dele, produções egípcias caracterizadas como caricaturas já existiam.

Para Romualdo (2000), antes de nos fazer rir a caricatura nos faz pensar, ela nos mostra além do referente e apresenta por meio da deformação informações implícitas que conduz a um julgamento de valor. Cheia de subjetividades, ela utiliza o riso como arma e a imagem fisionômica do caricaturado possibilita ao leitor o reconhecimento e associação da caricatura presente na charge com seu referente.

Além da caricatura, outro componente significativo da charge é o humor. De acordo com Romualdo (2000), o texto chágico é construído com perspicácia após a análise de um acontecimento e, por meio do riso, o chargista se expressa com uma produção crítica, contundente e reveladora. Segundo ele, atualmente o termo humor está generalizado e a palavra apresenta vários sentidos devido às suas transformações semânticas, mas seu significado se refere, frequentemente, às atividades que geram o riso. Ainda de acordo com este autor, o riso é intrínseco ao homem, pois a comicidade está presente no que é propriamente humano; ele se opõe à razão e nega seus principais atributos de mediação social: o bom senso e o senso comum.

Apesar de ser referente à arte de fazer rir, o compromisso do humor com a verdade é mais contundente do que com o riso. Ao nos concentrarmos nesta problemática, consideramos as definições de Teixeira (2005) que considera o humor negativo para a razão porque ele desorganiza a sensatez dos costumes e torna visível o que se deseja ocultar, e frágil o que se considera seguro. De acordo com este autor, o humor traz à tona a verdade oculta, dilui a fronteira entre o verdadeiro e o falso e desvenda o que a razão encobre.

Para ele, a sociedade se relaciona com o humor por meio da negatividade empregada como algo que sustenta a tolerância necessária à convivência entre indivíduos. Ele ameniza e diverte, mas não representa ou exige a produção positiva da verdade. A razão separa o humor da verdade e qualifica o saber por meio da seriedade que os discursos e produções apresentam. A seriedade é o critério de avaliação que reconhece ou nega a verdade dos discursos.

Por sua vez, Miani (2005) defende que a natureza humorística da charge se traduz por sua capacidade de produzir transgressões na ordem estabelecida e, mesmo que uma charge não produza o riso no seu leitor, ainda assim o humor é elemento constitutivo dessa modalidade do humor gráfico.

Para Romualdo (2000), um dos pontos mais relevantes no estudo do humor na charge é o tempo, porque as transformações sociais e o passar dos anos comprometem o entendimento e a intenção deste tipo de texto. Sua contemporaneidade com relação aos fatos é de extrema relevância porque sua compreensão exige um leitor bem informado sobre questões e acontecimentos políticos referentes à época de sua publicação. Neste caso, o desenho pode ser

interpretado e compreendido sem a necessidade de outros textos ou notícias com os quais a ilustração se relaciona intertextualmente.

Pode ocorrer também de o leitor desconhecer o intertexto utilizado pelo chargista. Nesses casos, a charge poderá ser um estímulo à leitura das notícias, editoriais e opiniões referentes ao episódio retratado pela imagem, pois o auxílio dos textos que mantêm relação com ela se faz necessário, caso contrário, seu objetivo não se cumprirá (MIANI, 2005). Se o leitor compreende o contexto por meio das relações intertextuais, ele compreende também a charge, mesmo estando afastado temporariamente do episódio. Portanto, ao considerarmos a charge como objeto de estudo, a dimensão do tempo deve ser compreendida, porque a leitura deste gênero origina sentidos diferentes de humor em diferentes épocas.

3.4. CARLOS LATUFF: O CHARGISTA MILITANTE

As produções de Carlos Henrique Latuff de Sousa que compõem nosso objeto de análise focalizam o descontentamento de parcela da sociedade brasileira que se organizaram em manifestações e protestos contra a Copa do Mundo de Futebol realizada no Brasil em 2014. Escolhemos as charges de Latuff devido à sua relevância como artista militante no cenário nacional e internacional e ao número expressivo de charges por ele produzidas referentes às questões da Copa de 2014.

Esse chargista é um ativista político que dedica grande parte de suas obras para a defesa de inúmeras causas no Brasil e no exterior. Suas produções foram publicadas em diversas revistas como: *DMagazine*, na Itália; *Poder da Classe Trabalhadora*, da Coréia do Sul; na Edição Brasileira de *Mad*; *A Estrela de Toronto*, dentre outras publicações impressas.

De acordo com Fernanda Targa Messias (2017), no Brasil, Latuff desenhou para diversos portais *online* e jornais da imprensa alternativa, como Brasil de Fato, Opera Mundi, Sul 21, Brasil 247 e também para jornais sindicais. O referido chargista produziu materiais iconográficos de denúncia e mobilização para inúmeros movimentos populares, a maioria deles com caráter de denúncia política ou social. Frequentemente, cenas com utilização de armas de fogo, situações de violência e deboche de políticos e personalidades públicas estão presentes em suas produções.

Ainda de acordo com Messias, há quase 20 anos Latuff retrata diversos temas. Após realizar uma visita à Cisjordânia, em 1999, tornou-se militante assíduo da causa Palestina e passou a dedicar grande parte de seus desenhos a esse tema. Suas ilustrações ganharam destaque mundial, principalmente, pela contundência e força simbólica de suas charges de denúncia contra as atrocidades cometidas contra o povo palestino.

Latuff chegou a participar do Concurso Internacional de Caricaturas sobre o Holocausto, promovido pela Casa da Caricatura do Irã e organizado pelo jornal iraniano Hamshahri, em 2006, e obteve o segundo lugar no referido concurso com o desenho de um palestino, em desespero, chorando diante de um muro da Cisjordânia, erguido por Israel, vestindo o uniforme dos prisioneiros de campos de concentração nazistas, com um símbolo muçulmano no peito, o Crescente Vermelho, em vez da Estrela de David, símbolo do judaísmo (figura 11).

Figura 11 - Charge para o Concurso Internacional de Caricaturas sobre o Holocausto



Fonte: <http://www.wikiwand.com/nl/Carlos_Latuff>. Acesso em: 16 fev. 2018.

Carlos Latuff começou a desenhar profissionalmente em 1989, na cidade do Rio de Janeiro, para uma pequena agência de propaganda. Após deixar essa agência publicou sua primeira charge no boletim do Sindicato dos Estivadores do Rio de Janeiro. A partir de então, iniciou sua vida profissional como autônomo e desenvolveu trabalhos como *freelancer* para diversos veículos sindicais.

Conforme depoimento do próprio chargista, Latuff iniciou seu trabalho nos jornais sindicais por falta de oportunidade na grande imprensa, mas logo sua relação com os sindicalistas passou a ser ideológica. Já trabalhou para diversos sindicatos como Sindicato dos Radialistas do Rio de Janeiro, Sindicato dos Servidores das Justiças Federais no Estado do Rio de Janeiro, Associação dos Servidores do Proderj, Associação dos Docentes da UFF, Associação dos Docentes da UFRJ, dentre muitos outros.

Atualmente, ele desenvolve uma carreira que une suas ideologias e atividades políticas à atuação profissional e produz, exclusivamente, para veículos comunicativos de esquerda. Quando o assunto de suas charges é o Brasil, invariavelmente, seus discursos abordam a política nacional e questões ligadas às lutas da classe trabalhadora.

Latuff utiliza a internet para difundir seus trabalhos e disponibiliza suas charges *on-line*, sem cobrança de direitos autorais, em sistema *copyleft*, porque acredita que este tipo de produção deve estar disponível para qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo.

4. PERCALÇOS DE UMA COPA DO MUNDO POR MEIO DO DISCURSO CHÁRGICO DE CARLOS LATUFF

A partir das discussões realizadas sobre a Copa do Mundo de Futebol da FIFA em 2014 foi possível perceber a complexidade e a dimensão do tema. O percurso de organização, viabilização e execução de obras para o Mundial de 2014 foi acometido diversas vezes, por muitos temas, pronunciados por manifestantes, organizações, comitês populares e outras entidades que questionaram e resistiram às decisões dos governos e às implicações na execução das obras para o megaevento. Ao longo de todo o período de desenvolvimento e realização da Copa, questões como precariedade e preço alto do transporte público, falta de recursos para saúde e educação, remoções forçadas para a construção de estádios e obras de infraestrutura, falta de transparência sobre a utilização do dinheiro público, entre outras, estiveram em evidência no dia a dia dos brasileiros.

Por meio do diálogo cotidiano, principalmente, pelas redes sociais, entre os integrantes dos movimentos de resistência e dos atos de manifestações, bem como pelas mídias em geral, alguns discursos ganharam forma e força, disseminando informações e posições políticas sobre os acontecimentos daquele período. Nesse contexto, produções comunicativas, principalmente da imprensa alternativa, denunciaram os representantes dos governos que reprimiam os descontentes com a realização da Copa de 2014 para "garantir a ordem" e o cumprimento dos acordos com a FIFA. Muitas vezes o uso da violência se fez presente para garantir os interesses dos governantes e patrocinadores do megaevento.

A camada mais pobre e vulnerável da população foi a que mais sofreu com os projetos e as obras do Mundial, pois as transformações urbanas - realizadas, em grande parte, por meio de investimentos de recursos públicos - marginalizam ainda mais esses segmentos da população.

Com base nas reflexões desenvolvidas até aqui, buscamos nos ater às produções chárgicas de Carlos Latuff que mobilizaram a sociedade em torno das questões envolvendo a organização e a realização da Copa do Mundo de 2014, ao revelar os problemas decorrentes do referido megaevento, em especial, o seu "legado". As charges analisadas se constituem como instrumentos de disputa de sentidos sobre a realidade histórica, social, econômica e política do Brasil durante os anos que antecederam e sucederam o Mundial de 2014.

Orientamos as análises presentes neste capítulo pelas metodologias relativas à Análise Iconográfica de Erwin Panofsky (2009), combinada com a Análise do Discurso (AD), que nos permitem considerar as características de uma produção iconográfica, seus aspectos visuais, intertextuais, informativos e discursivos que se revelam pelas imagens.

Para compreender quais aspectos foram transgredidos nos desenhos e como se estabelecem as relações das charges com o contexto sócio-histórico, pretendemos verificar como os elementos históricos, próprios à representação da Copa de 2014, aparecem nas charges e revelam os acontecimentos durante a execução das obras do megaevento e as questões requeridas nas manifestações, no tempo histórico de organização e ocorrência do Mundial.

A proposta de nossa análise é identificar os elementos que permitem compreender a realidade sociopolítica que envolve o debate sobre a Copa de 2014, presentes nas charges do desenhista Carlos Latuff, e que possibilitam a construção de discursos denunciativos sobre os abusos e violências promovidas pelos governos e empresários envolvidos, interessados na execução do megaevento. Consideramos todas as peculiaridades estruturais, teóricas e históricas para aplicar a análise do discurso sobre o objeto deste trabalho, com a intenção de compreender o discurso proferido pelas charges elencadas e suas relações com os possíveis interlocutores.

A busca pelas imagens ocorreu a partir da internet, por meio do mecanismo de busca do Google, que nos ajudou a encontrar os sites dos principais jornais para os quais Carlos Latuff ilustrou, bem como nos permitiu o acesso ao portfólio *on-line* do chargista que está disponível e organizado na internet.

Após o contato geral com a obra do chargista, estabelecemos um recorte temático e temporal, de 2012 a 2015, e selecionamos as charges que tratam dos seguintes contextos: as *hashtags* que representaram as manifestações populares, a resistência da Aldeia Maracanã e os desvios e má utilização dos recursos públicos utilizados para o financiamento da Copa de 2014. De maneira geral, o conjunto de charges focaliza, especialmente, os impactos para os grupos mais prejudicados.

4.1. AS HASHTAGS QUE MOVIMENTARAM AS MANIFESTAÇÕES

Segundo Maria da Glória Gohn (2016), no ano de 2014 novos sujeitos sociais saíram às ruas em atos contra a Copa do Mundo no Brasil e seus excessivos gastos. Estes indivíduos entraram em cena em junho de 2013 e continuaram nas redes *on-line*. Durante as eleições para a Presidência da República em 2014, intensas “mobilizações” ocorreram no ciberespaço. O movimento em rede “Não Vai Ter Copa” (NVTC) ganhou força com uma *hashtag* que facilitou a propagação do seu manifesto inicial.

Para Rafael Murta Reis (2016), apesar de a gênese deste ciclo de protestos ter apresentado o transporte público como principal pauta, foi a partir dessas mobilizações que diversos ativistas, majoritariamente jovens, fizeram crescer uma rede de pessoas que se indignaram com muitas outras situações nacionais e com a realização de um megaevento esportivo bilionário, frente a tantos problemas sociais não resolvidos. Uma série de temas sobre direitos sociais formaram o corpo de reivindicações *on-line* feito pelos brasileiros. As reivindicações pela melhoria dos serviços de saúde, educação, mobilidade e moradia se destacaram no manifesto “Se Não Tiver Direitos, Não Vai Ter Copa”⁴.

Para o referido autor, ficou evidente a importância das redes sociais *on-line* nas mobilizações e na transformação das ações em um ciclo de protestos que se espalhou pelo Brasil. Embora as causas dos movimentos *on-line* tenham sido uma variação dos protestos de 2013, o início da formação de uma rede que se deu fisicamente nas ruas - e transcendeu para o espaço virtual da internet - certamente foi uma das bases para que, no futuro próximo, ocorressem uma série de protestos coordenados e nacionalmente abrangentes, centrados num mesmo tema e solidariamente vinculados.

De acordo com Sidney Tarrow (1993), o movimento social “Não Vai Ter Copa” foi um movimento em rede que se inseriu num ciclo de protestos. Ele é um termo derivado de uma frase de ordem que intitulou o manifesto “Se Não Tiver Direitos, Não Vai Ter Copa”. Esse tipo de conteúdo digital sinaliza a concretização do processo de mobilização em rede, fundamental na formação do NVTC para além da cidade de São Paulo. Sua formação descreve um novo contexto de manifestação

⁴ Manifesto “Se não tiver direitos, não vai ter Copa”. Disponível em: <<http://greveuesb.blogspot.com.br/2013/12/manifesto-se-nao-tiver-direitos-nao-vai.html>>. Acesso em 23 ago. 2017.

e o protagonismo de novos atores. O contexto da ação coletiva nesse caso se divide entre o espaço virtual e o espaço físico das ruas.

Para Juliana Leat (2016), a dinâmica em rede se tornou um padrão tanto no virtual como no físico e deslocou o protagonismo das reivindicações, antes atreladas às instituições, para os indivíduos, que agem autonomamente e que se solidarizam ideologicamente ou sentimentalmente, fazendo aumentar o número de integrantes, que se distanciam das estruturas institucionais ou partidárias.

Nesse contexto, diversas *hashtags* foram disseminadas no período que antecedeu a Copa de 2014 e durante sua realização; uma delas foi a #NaCopaVaiTerLuta, que demonstrou grande expressividade *on-line*. Para iniciar a análise sobre as *hashtags*, selecionamos uma charge produzida por Carlos Latuff para o site da Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba (ADUFPB) que foi publicada em 12 de junho de 2014 (figura 12), juntamente com um texto que anunciou o início da jornada “Na Copa Vai Ter Luta”⁵.

A publicação do site noticiou a reunião da delegação do ANDES-SN, com representantes de movimentos de todo o Brasil, que aconteceria no Sindicato dos Metroviários, para concentração de manifestações na abertura da Copa do Mundo de 2014.

Figura 12 - #NaCopaVaiTerLuta



Fonte: <<http://www.adufpb.org.br>>. Acesso em: 22 set. 2017.

⁵ Jornada “Na Copa vai ter Luta”. Disponível em: <<http://www.adufpb.org.br/site/na-copa-vai-ter-luta-jornada-comeca-nesta-quinta-12-com-atos-em-todo-o-pais/>>; Acesso em 23 ago. 2017.

Na esfera pré-iconográfica dessa charge é possível reconhecer uma perna com pele negra que veste uniforme e chuteira utilizados por jogadores de futebol. O suposto protagonista está chutando uma bomba de gás lacrimogêneo após explosão, com liberação em forma de aerossol ácido que forma uma nuvem de fumaça cinza. Um meião amarelo veste a perna do suposto jogador e apresenta a seguinte frase: “#NaCopaVaiTerLuta”. Observar-se, ainda, um *splash* amarelo que envolve a chuteira e demonstra o impacto do chute. No canto inferior direito há uma assinatura: “Latuff 2014”.

No segundo nível da análise iconográfica, a perna que chuta a bomba representa os manifestantes que enfrentaram a Polícia Militar e as bombas de gás lacrimogêneo durante os protestos contra o torneio mundial. Por outro lado, essa imagem também se propõe a estabelecer uma relação com os jogadores de futebol da Copa de 2014.

A bomba de gás representa a violência exercida pela PM para conter as manifestações contra a Copa. A *hashtag* indica o movimento intitulado “Na Copa Vai Ter Luta”, iniciado pela Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior - Sindicato Nacional (ANDES-SN). O *splash* amarelo em torno do pé do jogador compõe a representação de um chute e se refere ao ativismo, atitude de não conformismo dos adeptos às causas das manifestações.

No terceiro nível de interpretação iconológica, a charge retrata o “jogo”, o embate motivado pela Copa de 2014 que ocorreu nas ruas das cidades-sede entre manifestantes e policiais militares. A frase “Na Copa Vai Ter Luta” enfatiza a ação, o ativismo, o não conformismo dos manifestantes, que se completa com a ilustração do “chute da bomba” e a enfática afirmação de que haverá luta, mesmo com as tentativas de impedimento por meio da violência policial.

A mensagem também pode ser compreendida como a voz dos ativistas, integrantes do movimento contra a Copa de 2014 e adeptos à causa, que sugere um discurso de resistência, não dito, que demonstra o desejo da luta e a ausência do medo; prevalece no discurso uma posição de enfrentamento, com coragem e prontidão ao combate.

Quanto aos traços da iconografia, pode-se perceber que, em alguma medida, a imagem foi produzida com o auxílio de ferramentas digitais e suas características são próprias do estilo de Carlos Latuff. As cores fortes e contrastantes chamam a atenção; o vermelho se faz presente em todo o fundo da ilustração e pode trazer à

memória as jornadas de 2013 e a violência, pois essa cor costuma remeter a esse tipo de representação. Outro elemento que demonstra a atualidade da charge é a *hashtag*, por representar as redes sociais e a utilização da internet. Essa forma de linkagem e tagueamento surgiu e se popularizou por meio do Twitter após o ano de 2006.

A expressão #NaCopaVaiTerLuta tem grande influência no discurso da referida charge. Ela foi divulgada como título de uma jornada organizada pela ADUFPB e remete aos dizeres que precederam a criação da charge. Os acontecimentos políticos descritos nos capítulos anteriores, os discursos desse sindicato e de sua organização nacional (referimo-nos à ANDES-SN) em relação à Copa de 2014 entrecruzam o discurso da charge analisada.

O discurso da charge também se relaciona com o objetivo das manifestações e movimentos que mobilizaram pessoas em diversas cidades do Brasil para denunciar as injustiças cometidas pelos governos no período da Copa do Mundo de 2014 em relação ao descaso com a saúde, a educação, o transporte, a moradia, o salário, a reforma agrária, entre outros temas sociais, assim como a criminalização dos movimentos e a repressão contra os manifestantes.

Segundo a Central Sindical e Popular - Conlutas (CSP-Conlutas), as manifestações não foram realizadas contra o Mundial de futebol ou contra o esporte; a intenção era confrontar os governos municipais, estaduais e federal e questionar o abandono dos serviços públicos, dos direitos dos trabalhadores e do próprio povo que sofreu com as remoções forçadas e a falta de assistência.

Os docentes ligados à ADUFPB, entre outras associações ligadas ao ANDES-SN, lutaram neste período por mais recursos para a educação pública, melhorias na carreira decente e valorização salarial, além da defesa intransigente dos direitos sociais. Enquanto isso, o governo destinava dinheiro público para a realização da Copa do Mundo que proporcionou lucros exorbitantes para a FIFA, remoções urbanas e a repressão ao livre direito de manifestação.

Inscrevem-se, portanto, os seguintes sentidos inseridos pelo contexto sócio-histórico e expostos na charge: agressão, violência e descaso dos governos. Além das descrições sobre as condições de produção, o enunciador apresenta uma ideologia de resistência e representa o Outro, a saber, docentes da ADUFPB, manifestantes que aderiram as causas e outros simpatizantes. Deste modo, a

análise se volta para a materialidade da charge, visando explicitar as posições dos sujeitos a ela vinculados.

Em um nível fundamental, a charge (Figura 12) apresenta oposições entre futebol e manifestação, Copa do Mundo e deficiência nos serviços públicos, jogo e violência. Com relação aos elementos contraditórios representados na imagem, os discursos opostos entre governos e manifestantes estão implícitos. O futebol e a Copa são disfóricos, mas o ato do chute é eufórico; a violência também é disfórica e a resistência que gerou as manifestações é eufórica.

Ainda considerando o nível fundamental, os sentidos do conjunto de elementos visuais podem ser agrupados em três blocos: a) a frase em primeiro plano “#NaCopaVaiTerLuta”, que representa o movimento do ADUFPB e de todo o Brasil; b) a perna do jogador que representa o jogo de futebol e a Copa do Mundo de 2014; c) a bomba de gás lacrimogêneo ativa, que representa as manifestações e ações da Polícia Militar para conter e dispersar as multidões.

Tendo em vista que a charge em análise foi produzida em um momento histórico e trabalha a memória desse período, pode-se reconhecer que ela traz à tona elementos da história recente do Brasil. Em sua composição se apresentam diferentes discursos historicamente inscritos que compõem o discurso da imagem. O chute da bomba, efetuado pelo jogador, é uma metáfora da violência realizada pela Polícia Militar durante a Copa do Mundo de 2014, motivada pelo megaevento esportivo de futebol.

José Luiz Fiorin (2005) considera a narrativa como componente da teoria do discurso e a transformação entre dois estados sucessivos e diferentes. Deste modo, em nível narrativo, a charge de Latuff apresenta uma complexa estrutura subjetiva, constituída por um interdiscurso que traz o “não dito” e constrói uma narrativa que pode ser observada em quatro fases.

Na primeira, o governo age sobre a população e os recursos públicos decidindo utilizar o dinheiro para financiar a Copa de 2014 no Brasil e deixar a saúde pública, educação, transporte etc. sem resolução e investimentos. Esta primeira fase não está explícita na charge, mas compõe seu discurso. Na segunda fase, o manipulador (governo) obriga a população a aceitar, por meio de intimidação e violência, a realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil e tenta impedir a ação dos manipulados (manifestantes) exprimindo um juízo negativo a respeito de

sua competência, sucedendo assim uma provocação; a bomba de gás lacrimogêneo é o principal elemento desta fase.

Na terceira, considerando a performance, a transformação se dá no fato de os manifestantes e seus representantes não aceitarem a intimidação do manipulador e “chutarem a bomba”; o pé do jogador, neste caso, representa esta ação, da busca pela libertação da opressão e luta a favor de suas ideologias.

A bomba se desloca para ser devolvida ao agressor e o receptor emitente (a população) deixa de ser passivo e passa a ser ativo. A quarta fase expõe a sanção positiva que os manifestantes recebem no ato de resistência, ou seja, a não aceitação da opressão e a exposição da ideologia contra o manipulador trazendo a sensação de liberdade como recompensa do ato.

Considerando a sequência manipulação, competência, performance e sanção (FIORIN, 2005), o governo é o manipulador, a população tem a competência de negar ou aceitar a intimidação, ela nega e devolve o objeto opressor (bomba de gás) e recebe a sanção de liberdade, por meio da atitude e resistência. Independente dos resultados da ação, o fato de agir em favor da liberdade, “lutar contra o opressor” é a recompensa.

Ainda segundo Fiorin, no nível discursivo as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhes dão concretude. No caso da charge, o discurso de Latuff é uma denúncia à ação violenta do governo contra os opositores à realização da Copa. Esse discurso é composto por várias vozes que reúne, de um lado, os dizeres de instituições, comitês e manifestantes contra a Copa de 2014 e, do outro lado, a voz dos representantes dos governos e empresários que oprimiram as manifestações e discursaram em favor do megaevento.

A imagem ilustra a concretização do chute da bomba, que simboliza a rejeição à violência e à opressão. A *hashtag* escrita sobre a meia do jogador representa o movimento “Na Copa Vai Ter Luta”, suas ações de luta contra os gastos da Copa de 2014 e a favor de melhorias na política, saúde, transporte, moradia, educação, salário e demais causas vinculadas ao movimento. O plano de expressão deste discurso é a própria charge, expressa de modo pictórico e constituída por uma imagem digital feita para páginas *on-line*.

Fiorin (2005) afirma que a finalidade de toda comunicação não é informar, mas persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. De acordo com este autor, “o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a

fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite. Portanto, todos os discursos têm um componente argumentativo, uma vez que todos visam persuadir” (FIORIN, 2005, p.75).

Nesse contexto, a charge também pode ser compreendida como um convite para a luta, uma tentativa de persuadir o leitor a aceitar sua ideologia a favor do ativismo em busca de melhorias sociais em detrimento aos gastos da Copa de 2014. A ilustração demonstra que há grupos e instituições organizados, que se mobilizaram e que o enunciatário pode participar destas ações de forma ativa, *off-line* ou *on-line*, compartilhando a *hashtag* ou apenas aderindo à ideologia.

Se considerarmos os elementos constituintes do discurso descrito, o enunciador é o chargista e os docentes da ADUFPB; o espaço está subentendido como o território brasileiro em geral, onde os protestos contra a Copa do Mundo de 2014 e os manifestos de reivindicações para melhorias dos investimentos públicos ocorreram, *on-line* ou *off-line*.

A charge representa esse espaço de encontro das mobilizações, que pode ser as ruas ou as redes acessáveis pela internet. Quanto ao tempo da enunciação, ele é delimitado pela *hashtag* - que define o período do movimento - pelo cenário - que remete às manifestações das Jornadas de Junho - e pela assinatura do chargista - que revela o ano de 2014.

O sujeito discursivo da charge tem em sua voz o conjunto de vozes dos manifestantes, dos professores, dos expulsos de suas residências, enfim de todos os que sofreram com os projetos e se indignaram com as ações dos governos na Copa do Mundo de 2014. Em um nível de interlocução direta, a população, os leitores de sites de notícia, *blogs* e conteúdos das redes são os primeiros a serem atingidos. Porém, considerando um nível de interlocução indireta, que se realiza com os governantes, representantes do governo, empresários e figuras públicas denunciadas nas produções, este modo indireto leva o discurso até o próprio alvo da comunicação.

O caráter intertextual também se manifesta e faz com que o enunciatário desperte em sua memória acontecimentos históricos, como: as Jornadas de Junho de 2013, os protestos contra a Copa do Mundo ocorridos em 2013 e 2014, as informações divulgadas nacionalmente sobre as razões das manifestações, as ações violentas da Polícia Civil e dos descontentes com a condução política e econômica do Brasil e os fatos sobre os impactos do megaevento esportivo.

Todos os discursos dessas memórias precedem e constroem os dizeres do chargista, que se faz como uma denúncia e se completa como a apresentação do movimento #NaCopaVaiTerLuta.

A segunda charge analisada (figura 13) foi produzida para o site de notícias *Brasil 247*, e publicada com o título: “Olhar dos tucanos sobre a Copa” no dia 11 de junho de 2014 no *blog* de Latuff e no site de notícias mencionado. Ela também foi divulgada por meio de um *web feed* gerado no site RSSING.com para agregadores de notícias com leitores em *Really Simple Syndication* (RSS). O RSS é uma tecnologia que permite receber notícias atualizadas de sites, que são enviadas diretamente ao leitor de notícias ou navegador dos usuários inscritos para recebimento do *feed*.

Figura 13 - Sim, amiguinhos, a presidenta Dilma tá certa: #VaiTerCopa



Fonte: <<http://www.brasil247.com>>. Acesso em: 22 set. 2017.

No âmbito da descrição pré-iconológica, percebemos a partir dos traços da charge (figura 13) a presença de uma mulher com características fisionômicas que destacam: dentes incisivos centrais superiores proeminentes, cabelo com corte e cor semelhantes ao da ex-presidenta Dilma Rousseff. A protagonista veste blazer, sapatos sociais vermelhos, saia cinza e empurra um objeto dentro da boca de um mapa do Brasil amarelo, com rosto e aspectos antropomórficos.

O objeto é similar à taça da Copa do Mundo, composta por figuras humanas que seguram um globo terrestre. Na base do troféu encontram-se as palavras "FIFA" e "Cup". Acima da charge há um balão de fala branco, com ponta direcional voltada para a mulher, composto por uma linha simples, inteiriça e o seguinte texto: "#vaitercopa".

A parte superior do mapa contém duas gotas brancas que completam sua expressão de desconforto e a parte inferior direita da charge apresenta a figura de um tucano com as asas levantadas e uma gota branca que escorre ao lado de seu olho esquerdo. Na frente da ave há um balão de pensamento, com linhas curvas e sequência de círculos direcionais, voltados ao animal com o texto: "Ah Poxa! Queria tanto estar no lugar dela...".

A expressão do rosto da mulher parece de contentamento e avidez. Estes sentimentos podem ser percebidos pelo sorriso e cenho franzido da protagonista. No centro inferior da figura há a assinatura: "Latuff 2014 - Brasil 247". As cores predominantes da charge são: verde e amarelo, as mais utilizadas pela torcida brasileira nas comemorações referentes a Copa do Mundo, estas duas cores também podem remeter ao uniforme da seleção brasileira.

Na esfera iconográfica, que refere-se a composição da imagem, a charge apresenta: uma mulher, que representa o retrato caricato de Dilma Rousseff; o mapa do Brasil que representa a nação brasileira; a taça da Copa que representa as ações do governo e situação de Dilma em relação ao campeonato intercontinental de futebol; o tucano que representa o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), opositor do Partido dos Trabalhadores (PT), ao qual a ex-presidenta pertence.

Para Chico Neto, professor do Curso de Publicidade da Universidade Federal do Ceará (UFC)⁶ os significados das identidades visuais são construídos por sentidos que são atribuídos e interpretados por diferentes públicos. Segundo ele, a logo do PSDB contém o tucano de peito amarelo por ser uma ave legitimamente brasileira que pode representar a defesa do meio ambiente e do movimento ecológico. Ela também representa a preocupação com as realidades nacionais da terra e do povo.

⁶ Análise de Chico Neto, "Saiba o que significam o tucano do símbolo do PSDB e a estrela do PT". Disponível em: <https://bit.ly/2wscl6k>. Acesso em: 12 set, 2017.

Os significados da logo estão presentes no discurso da charge de forma oculta e o tucano representa os opositores de Dilma. A cor vermelha das vestes da presidenta remete ao símbolo do PT, composto por uma estrela vermelha que se refere a esperança do período de nascimento do partido como provedor de um projeto de liberdade e democracia após o término da ditadura militar no Brasil.

Neto (2014) afirma que o vermelho é uma cor recorrente nas logos dos partidos de essência ideológica comunista e socialista. Neste contexto, a estrela vermelha do PT traz um vínculo histórico e ideológico com o movimento comunista soviético e é evocada através das vestes e da presença de Dilma na charge.

A combinação dos traços com assuntos e conceitos referentes à época da publicação desta ilustração nos permite compreender que a *hashtag* do balão de fala de Dilma tem relação com os movimentos anti-Copa e suas ideologias disseminadas na *web*, principalmente nos anos de 2013 e 2014. A aparência de engasgo do mapa também se refere aos manifestos e grupos com ideologias contra a realização do megaevento no Brasil.

Segundo Leat (2016), os movimentos anti-Copa e a aparição da expressão *#nãovaitercopa* ocorreram no ambiente *on-line*. Como resposta a esta *hashtag*, outra surgiu, a: *#vaitercopa*. Segundo Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo (2017), a expressão “Não vai ter Copa” e seu contraponto “Vai ter Copa” viraram bandeiras nas redes sociais; o debate em torno destes jargões revela uma temática com contornos eleitoreiros em ano de conturbada eleições no país.

Figueiredo (2017) afirma que a Frente Independente Popular (FIP) do Rio de Janeiro foi uma das principais organizações responsável por levantar a bandeira *#nãovaitercopa*. Esta frente reúne diversas entidades e grupos organizados, a maioria de orientação anarquista e anarcossocialista⁷.

Em uma interpretação iconológica é possível perceber que a presença de todos os elementos descritos nesta análise indicam a intenção consciente de Latuff em compor uma imagem que reúne: a presidenta Dilma, o mapa do Brasil, a taça da

⁷ como Anonymous Rio, Black Bloc RJ, Coletivo Calisto, Coletivo Inimigos do Rei (UERJ), Comitê de apoio ao jornal A Nova Democracia – RJ, Favela não se cala, GLP – Grupo de Luta dos Petroleiros, MEPR – Movimento Estudantil Popular Revolucionário, MFP – Movimento Feminino Popular, MRP – Movimento de Resistência Popular, MUDI – Movimento de Moradores e Usuários em Defesa do IASERJ, OATL – Organização Anarquista Terra e Liberdade, Ocupa Cabral, Oposição de Resistência Classista (ORC) – Educação/RJ, RECC – Rede Estudantil Classista e Combativa, Rede de Comunidades e Movimentos contra a Violência, Universidade Indígena Aldeia Maracanã, UV – Unidade Vermelha entre outras.

Copa, o mascote do PSDB e a *hashtag* "vaitercopa". Esta composição expressa assuntos, conceitos e ideologias do período da Copa do Mundo de 2014 e não de outro momento da história do Brasil.

Com relação ao significado intrínseco da charge (figura 13), pode-se compreender uma crítica às ações da presidenta Dilma, que impôs a decisão de realizar a Copa de 2014 no Brasil sem dar espaço às discussões com grupos e representantes da população, e pelo fato de obter auxílio da PM para realizar a repressão de manifestantes e ativistas que não eram a favor da execução do evento esportivo no país.

O ato de "socar goela abaixo" é uma expressão do senso comum nacional e está representada no movimento físico da ilustração de Dilma. Entende-se por ele que a presidenta forçou a realização da Copa. O objeto pressionado dentro da boca do Brasil, a *FIFA World Cup*, troféu entregue ao time vencedor do campeonato mundial de futebol, representa a imposição da presidenta.

A charge também apresenta uma crítica ao partido opositor ao PT, o PSDB. A presença do tucano na lateral inferior direita da charge e seu pensamento: "Ah! Poxa, queria tanto estar no lugar dela", indicam que os supostos governadores e representantes do partido opositor desejavam estar no poder, na presidência, para fazer exatamente o mesmo que a ex-presidenta.

Portanto, segundo o discurso da charge, Dilma e o PT estavam ocupados e preocupados apenas com a realização da Copa de 2014 no Brasil, mesmo que a conclusão do megaevento dependesse de imposições desmedidas perante a população. De forma menos notória, há um discurso sobre o representante do partido PSDB, Aécio Neves, que foi candidato à presidência no ano de 2014. Este discurso expressa que ele e outros membros deste partido fariam o mesmo se estivesse no lugar de Dilma e que o desejo deles era o de substituí-la.

Figueiredo (2017) afirma que a FIP divulgou o jargão 'NÃO VAI TER COPA' em sua página no Facebook e se posicionou contra o domínio do poder econômico e de seus interesses nas decisões políticas. As mensagens divulgadas pelas redes sociais da FIP compõe o interdiscurso da charge e afirmaram que as decisões sobre a realização da Copa do Mundo de 2014 deveriam ser determinadas pelo povo e voltadas às suas reais necessidades. Outros discursos e bandeiras do período permeiam o discurso de Latuff, os principais no momento pré-Copa eram:

1) Fora Cabral e a farsa eleitoral; 2) Pelo fim da violência policial pela imediata libertação de todos os presos políticos / fim dos processos fim da CEIV / fim da PM / fim das ocupações militares das favelas / contra o extermínio do povo negro / punição aos torturadores do regime militar; 3) Direito à cidade e à terra / tarifa zero para toda a população / - fim das remoções e despejos na cidade e no campo / anulação imediata da privatização do Maracanã / não aos megaeventos/ pela democratização da mídia / solidariedade à Aldeia Maracanã e aos índios resistentes / moradia, saúde pública universal de qualidade e educação / fora EBSEH – Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares; 4) Direito aos recursos / pelo fim dos leilões do petróleo e controle da produção pelos trabalhadores / perdão das dívidas bancárias da população / não à construção da terceira pista do Galeão / fora TKCSA – Thyssen Krupp Companhia Siderúrgica do Atlântico.
(FIGUEIREDO, 2017, pg.276)

Portanto, no discurso desta charge percebe-se a presença de outros discursos não ditos. Um deles é o jargão: "Não Vai Ter Copa" que se contrapõe à *hashtag* "*vaitercopa*" presente no balão de fala da presidenta. Ele foi proferido por grupos de manifestantes e se fortaleceu principalmente na internet com o auxílio de uma *tag*, e nas ruas com o aumento exponencial da repressão e da violência policial. Este jargão apresenta orientações anticapitalistas de contestação social e esteve presentes em diversas manifestações.

O interdiscurso da charge também é composto por outros discursos de orientações socialista e perspectivas anticapitalistas. Alguns deles surgiram entre os movimentos sociais que criticaram a realização e organização da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e foram disseminados principalmente por Comitês Populares da Copa (CPC) organizados por militantes de outros movimentos populares, nas 12 cidades-sedes. A unidade desses Comitês Locais autônomos se deu pela Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa (ANCOP) e levantou o bordão #CopaPraQuem?, dentre outros similares.

Neste contexto, o lugar de fala do enunciador, encontra-se no lado ativista, de contestação sobre a realização da Copa de 2014. Ele representa a voz das instituições e manifestantes que criticavam o governo e reivindicaram mais participação e poder de decisão sobre a utilização do dinheiro público, referente às obras da Copa de 2014 e todos os fatores consecutivos a ela que influenciam a vida cotidiana da população brasileira.

No Nível Fundamental o discurso da charge fundamenta-se em uma oposição: democracia *versus* imposição do governo. Ele contém a representação de um conflito ideológico entre governo e população/manifestantes. A ilustração representa a imposição do governo Dilma para a realização da segunda Copa no Brasil em objeção às manifestações ocorridas nos anos de 2013 e 2014.

No nível narrativo os elementos da charge podem ser agrupados em cinco fases que compõem sua interdiscursividade e constituem a narrativa não explícita na ilustração:

- a) As ações do governo Dilma para a organização e realização da Copa do Mundo no Brasil;
- b) As manifestações anti-Copa ocorridas nos anos de 2013 e 2014;
- c) As ações violentas da PM para conter os manifestantes;
- d) A oposição entre os partidos: PT e PSDB na política nacional;
- e) As eleições presidenciais realizadas em 2014 e a disputa do segundo turno entre Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, e Aécio Neve, do Partido da Social Democracia Brasileira.

No nível discursivo a charge ecoa diversas vozes sociais e as seguintes interdiscursividades: a execução da repressão do governo federal; a realização da Copa do Mundo da FIFA no Brasil em 2014; os conceitos de democracia e autoritarismo; oposição entre dois partidos que disputaram as eleições presidenciais de 2014 no Brasil; as manifestações anti-Copa organizadas *on-line* como resposta a opressão e violência da PM.

O discurso da charge também apresenta uma crítica à política nacional, pois sugere que: a imposição do governo para a realização do campeonato mundial de futebol iria ocorrer, mesmo que o partido opositor ao PT fosse o atuante na presidência. A frase "Queria tanto estar no lugar dela" revela uma concordância com o ato de "calar o Brasil"; no pensamento da ave, que representa o PSDB, não há discordância com a ação em foco da presidenta. Portanto, o discurso da charge sugere que: se Aécio Neves estivesse na presidência, a atitude de imposição para a realização do megaevento seria a mesma e a opinião da população continuaria a ser desrespeitada.

A terceira charge escolhida (figura 14), por se referir às *hashtags*, foi produzida para a revista Samuel e publicada no *blog* de Latuff no dia 29 de janeiro de 2014. A ilustração também esteve presente no site do Sindicato dos Serviços

Públicos Municipais de Joinville e Região (Sinsej), no portal de notícias Opera Mundi e em blogs como: Antimanicomials, Náufrago da Utopia, Gama Livre, entre outros.

Figura 14 - FIFA inspeciona as obras da Copa



Fonte: <<http://latuffcartoons.wordpress.com>>. Acesso em: 22 set. 2017.

No âmbito pré-iconográfico, ao considerarmos as formas puras portadoras do significado primário ou natural, reconhecemos na charge, a partir de traços, cores e volumes, a figura de um homem com vestes cinza e camiseta azul que segura uma pistola com as duas mãos. Acima da arma de fogo há alguns traços que formam uma espécie de fumaça. Este homem está com as pernas entreabertas. Seus olhos e as mão, assim como a mira da pistola, estão direcionados para um segundo homem que encontra-se de bruços com o corpo estendido no chão.

O segundo personagem, caído no chão, veste: uma camiseta branca, calça azul, sapatos cinza com solados similares aos de um tênis e está com uma mochila cinza nas costas. Seus braços e pernas também estão entreabertos. Próximo a seu peito há uma poça vermelha que aparenta ser de sangue. Embaixo de sua mão direita há uma placa com um cartaz amarelo que contém a seguinte frase: "#NÃOVAITERCOPA".

Atrás dos dois primeiros personagens há um terceiro homem de cabelos brancos com óculos de grau, vestido com terno preto e gravata vermelha. Ele apresenta um braço atrás das costas e o outro assentindo com a mão, fazendo sinal de positivo, com o polegar para cima. Abaixo da mão que faz o sinal de "joia" há dois semicírculos que indicam movimento. Este homem também está com a cabeça

e o olhar voltado para o corpo estendido no chão e em seu peito há uma placa branca com a palavra "FIFA".

Na fase iconográfica da análise é possível reconhecer que a composição da imagem refere-se ao incidente que envolveu o manifestante Fabrício Proteus Chaves que foi baleado por policiais militares na noite do dia 25 de janeiro de 2014, na Rua Sabará, centro da cidade de São Paulo, durante um dos protestos do movimento "Não vai ter Copa".

Segundo o portal de notícias G1⁸, o protesto contra a Copa do Mundo no Brasil, onde o caso ocorreu, terminou em confronto entre manifestantes e policiais. Na ocasião, houve início de incêndio e participação de *black blocs* que lançaram bombas artesanais, "Coquetéis Molotov", na PM. Segundo a Secretaria de Segurança Pública, 145 pessoas foram detidas e liberadas na manhã do dia 26 de janeiro de 2014, após serem registradas depredações de estabelecimentos comerciais e agências bancárias no centro de São Paulo.

De acordo com a publicação realizada no dia 28 de janeiro de 2014 no portal de notícias *on-line* da revista Veja SP⁹, em depoimento, o advogado de Fabrício afirma que o jovem foi perseguido por três PMs, recebeu um tiro e após sacar um estilete do bolso, como forma de defesa, recebeu o segundo disparo. Em seguida, os próprios PMs o levaram até o pronto-socorro da Santa Casa de Misericórdia, em Santa Cecília.

A equipe médica que atendeu Fabrício afirmou que uma das balas atingiu a parte de dentro da coxa esquerda da vítima e, por causa do ferimento, foi necessário remover um de seus testículos. O outro projétil estava próximo à clavícula e provocou uma hemorragia interna. Após duas cirurgias, Fabrício Proteus Chaves ficou cinco dias em estado grave na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI).

De acordo com o portal de notícias G1.globo, a Secretaria de Segurança Pública (SSP) identificou Chaves e outro manifestante como adeptos da tática "*black bloc*", no dia do protesto foram encontrados em sua mochila os seguintes objetos: estiletes, materiais inflamáveis, uma chave de grifo, um óculos de proteção, dois supostos explosivos, entre outros.

⁸ Notícia do G1 São Paulo. "Baleado por policiais após protesto em São Paulo tem alta de hospital". Disponível em: <https://abr.ai/2PEuqXP>. Acesso em 23 de set de 2017.

⁹ Notícia Veja SP. "Jovem baleado por policiais durante protesto segue em estado grave". Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/jovem-baleado-protesto-copa/>. Acesso em 23 de set de 2017.

Na esfera iconográfica da charge também é possível reconhecer que o traje utilizado pelo homem que segura a pistola remete ao uniforme da PM do estado de São Paulo. Este uniforme é composto por: boné, camiseta, calça e colete. As silhuetas dos emblemas presentes no boné e na manga da camisa do suposto policial tem o formato dos brasões utilizados pela PM neste estado. O coldre universal de coxa com duas tiras completa o traje e a referência. As formas utilizadas por Latuff representam um policial da cidade de São Paulo e a cena do tiro em Chaves.

O homem no chão representa o manifestante que levou os dois tiros e o terceiro personagem de terno preto representa um dos responsáveis por inspecionar os estádios para a Copa de 2014. O representante da FIFA, de terno, pode ser reconhecido, por suas características físicas, como o diretor de competições da FIFA, *Mustapha Fahmy*, que realizou inspeções nos estádios do Brasil ao lado de membros do Comitê Organizador Local (COL).

Ele também pode ser uma representação de Walter Gagg, especialista em segurança e analista de estádios, que protagonizou as inspeções da Copa de 2014 e fez embaixadinhas¹⁰ - de óculos, terno e gravata - no gramado do estádio Mané Garrincha, em Brasília. Ao considerarmos os integrantes do COL, encontramos mais dois dirigentes com a aparência similar ao protagonista da FIFA ilustrado na charge, são eles: o secretário Estadual da Copa, Ney Campello e o secretário-geral da Federação Internacional de Futebol, Jérôme Valcke.

O significado intrínseco da charge pode ser compreendido como uma denúncia dos atos de violência da PM no estado de São Paulo, realizados com a orientação de governantes para conter as manifestações anti-Copa. O caso de Chaves foi utilizado para ilustrar a brutalidade e despreparo da PM neste contexto. Mas a denúncia é ampla e também traz à memória todas as cenas de violência veiculadas em jornais, notícias televisivas e vídeos *on-line* relacionadas à Copa de 2014 que compõe outros discursos repletos de significações.

No Nível Fundamental, o discurso da ilustração apresenta a oposição política entre vozes que representam o estado *versus* vozes dos manifestantes. No nível

¹⁰ Notícia do Globo Esporte.com. "Inspetor da Fifa faz embaixada em Brasília". Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Selecao_Brasileira/0,,MUL94333-4482,00.html>. Acesso em 23 de set de 2017.

narrativo os acontecimentos e formações discursivas podem ser compreendidos nas seguintes fases:

- a) Negociações entre governantes do Brasil e a FIFA para a realização da Copa do Mundo no Brasil em 2014;
- b) Eclosão de manifestações anti-Copa;
- c) Reação da violenta da PM contra os manifestantes;
- d) Ocorrência do episódio violento que envolveu Fabrício Proteus Chaves;

A ilustração de aprovação do representante da FIFA demonstra a participação indireta da associação internacional no caso. O contexto histórico, as notícias que divulgaram o episódio de Chaves e as medidas de segurança adotadas pelo governo também compõe o interdiscurso da charge. Estas medidas foram documentadas no Planejamento Estratégico de segurança para a Copa do Mundo Fifa de 2014¹¹.

Sobre o enunciador, Latuff, compreende os interlocutores como indivíduos que precisam ser alertados, portanto o discurso da charge faz uma denúncia da violência contra os manifestantes como tentativa de expor a realidade a "abrir os olhos" dos interlocutores.

No nível discursivo, a charge se constitui como uma denúncia sobre todos os episódios de violência realizados por causa da Copa de 2014, em específico o que envolveu Chaves, pois este se destacou no período devido a sua gravidade. No caso ilustrado, a PM utilizou armas e munição que ameaçaram a vida do jovem e a atitude dos policiais não foi apenas de contenção do manifestante mas de extrema violência, como os traços de Latuff denunciam. O enunciador retrata o policial em posição de alerta e disposto a atirar novamente, mesmo com o manifestante já estirado no chão.

4.2. RESISTÊNCIA NA ALDEIA MARACANÃ

Em 2013, um ano antes da realização da Copa do Mundo de 2014, a cidade do Rio de Janeiro foi palco de diversas manifestações contra o Mundial. Dentre os conflitos, uma das iniciativas de resistência às obras da Copa que se destacou foi a

¹¹ Planejamento Estratégico de segurança para a Copa do Mundo Fifa de 2014. Disponível em: <[http://www.conectas.org/arquivos/editor/files/PlanejamentoEstrategicoSESGE%20\(2\).pdf](http://www.conectas.org/arquivos/editor/files/PlanejamentoEstrategicoSESGE%20(2).pdf)>. Acesso em 23 de ago de 2017.

luta contra a desocupação da Aldeia Maracanã. Neste episódio, indígenas das etnias Fulni-ô, Guajajara, Pataxó, Apurinã, Tukano, Xavante, dentre outras, resistiram às ações do poder público para a realização de sua remoção e demolição do local. A esse respeito, Marcela Werneck e Vera Dodebei afirmam:

O conflito gerado pela desocupação pode ser considerado um prenúncio das jornadas de junho de 2013. Ele nos revela uma triangulação entre a questão da preservação da memória, inscrita no patrimônio histórico-cultural, a defesa dos direitos indígenas e a utilização da internet como meio de se contrapor aos discursos institucionais (WERNECK; DODEBEI, 2016, p.19).

De acordo com Daniela da Costa Rebuzzi (2014), uma construção datada do século XIX, localizada próxima ao Estádio Jornalista Mário Filho, mais conhecido como Maracanã, foi transformada, em 1953, no Museu do Índio, fundado por Darcy Ribeiro. Em 1977 o espaço acabou ficando abandonado e, em 1984, acabou sendo doado à Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). No ano de 2006 o prédio foi ocupado por indígenas que estabeleceram um centro cultural no local. Segundo a autora, o prédio possuía valor histórico importante porque abrigou, em 1910, o Serviço de Proteção ao Índio e foi a sede do primeiro museu indígena brasileiro.

Ainda segundo Rebuzzi, em 2012 a propriedade foi transferida do governo federal para o governo do estado e esteve cotada para ser transformada em um projeto, anexo ao complexo esportivo do Maracanã. Porém, a comunidade indígena-urbana reivindicou o tombamento, a recuperação e a transformação do prédio em um centro de memória, estudos e divulgação da cultura dos índios. Nesse período, o projeto de construção de uma universidade indígena foi solicitado por algumas lideranças, mas logo foi rejeitado.

Os indígenas tentaram obter o tombamento do prédio e permaneceram durante anos no local. No período de ocupação, era realizado mensalmente um grande encontro com os moradores do bairro para discutir o futuro da bela construção que estava em ruínas. Além disso, em sua permanência, motivados pelo desejo de preservação da sede do antigo museu, os indígenas desenvolviam diversas atividades culturais, apesar das precárias condições de acomodação. Rebuzzi afirma:

A Contação de histórias indígenas, evento de danças e cantos que ocorria mensalmente era frequentada pela população próxima do bairro. Ela atraía dezenas de pessoas que desejavam saber mais sobre essas etnias, assegurando a condição de centro cultural à ocupação (REBUZZI, 2014, p.73).

Com foco nos projetos da Copa de 2014, o governo do Rio de Janeiro anunciou um plano de reurbanização que envolvia o prédio da Aldeia Maracanã, uma escola e alguns equipamentos esportivos. Todos esses locais seriam transformados em uma área comercial com lojas, restaurantes e um amplo estacionamento que dariam suporte ao estádio do Maracanã. No entanto, esta obra dependia da demolição do antigo Museu do Índio.

Como ato de resistência e apoio à ocupação, surgiram alguns movimentos sociais promovidos por partidos de oposição, professores, alunos, atletas e indígenas. Alguns grupos começaram a se organizar - principalmente, pela internet - para dar visibilidade aos movimentos e à causa que se tornou motivo de debates e polêmicas no ambiente *on-line*. A divulgação do caso ganhou visibilidade na sociedade carioca; em pouco tempo os indígenas conquistaram o apoio de parlamentares, artistas, jornalistas e resistiram com o auxílio jurídico da Defensoria Pública e outros órgãos.

Segundo Werneck e Dodebei (2016), no dia 12 de janeiro de 2012 houve uma tentativa frustrada de desocupação realizada pelo batalhão de choque da Polícia Militar do Rio de Janeiro, que não teve sucesso em sua operação por falta de documentos e imissão de posse. A violência praticada pela polícia fez com que parte da opinião pública e da mídia se manifestasse a favor dos índios da Aldeia Maracanã.

Como desdobramento, o governador do estado do Rio de Janeiro anunciou sua desistência sobre a demolição do imóvel. Entretanto, a permanência dos índios na construção não foi permitida e a desocupação efetiva aconteceu no dia 22 de março de 2013. O caso transformou o entorno do Maracanã em um cenário de guerra entre a Polícia Militar e os apoiadores da ocupação. A PM concluiu a remoção dos indígenas "com intensa utilização de gás de pimenta, gás lacrimogêneo, balas de borracha e até uma novíssima arma sônica" (WERNECK-DODEBEI, 2016, p.19).

Este episódio foi denunciado pela ONG Justiça Global às Nações Unidas e teve repercussão internacional, em alguns jornais e portais de notícia. Também foi amplamente divulgado em *blogs*, documentários, canais do *Youtube* e páginas do *Facebook*, principalmente, na mídia corporativa e independente.

Após a remoção, parte dos indígenas foi encaminhada para um abrigo no bairro de Jacarepaguá com a promessa de que o prédio seria recuperado e transformado em um Centro de Referência Indígena. Oito anos após a ocupação, em 30 de julho de 2014, as 20 famílias removidas receberam novas moradias pelo programa federal Minha Casa, Minha Vida.

Alguns representantes da causa se recusaram a aceitar o acordo com o governo do estado e se dispersaram pela cidade do Rio de Janeiro. Eles mantiveram uma postura crítica ao governo e à Copa de 2014 e continuaram a se manifestar, principalmente, nas redes sociais e em atos públicos.

De acordo com Werneck e Dodebei (2016), após a remoção as principais lideranças indígenas continuaram ativas, com o apoio de organizações nacionais e internacionais de defesa dos Direitos Humanos, comitês populares, movimentos sociais, estudantes e pesquisadores de universidades, redes internacionais e outras organizações da sociedade civil. A luta dos indígenas e a pressão social fizeram o governo desistir da demolição e se comprometer com a preservação do prédio; os indígenas conseguiram assegurar uma declaração de que o local seria preservado como centro cultural.

Para ilustrar a resistência dos indígenas e a violência da remoção, Carlos Latuff produziu algumas charges que foram publicadas em seu *blog* e utilizadas por diversos portais de notícia *on-line*. Três delas foram selecionadas para nossa análise.

Na primeira charge selecionada (figura 16), considerando as definições de Panofsky (1991) sobre a análise pré-iconográfica, é possível identificar, os elementos que compõe o significado primário da imagem que apresenta uma mulher vestida de vermelho com corte de cabelo e características fisionômicas semelhantes às da ex-presidente Dilma Rousseff, sobre um "caveirão" - carro blindado usado pelo batalhão de operações policiais especiais da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, principalmente, em incursões nas favelas na capital fluminense.

Figura 15 - Despejo da Aldeia Maracanã: resumo da ópera



Fonte: <<https://latuffcartoons.wordpress.com/tag/fuleco/>>. Acesso 22 set. 2017.

À frente de Dilma estão quatro homens armados com fuzis, vestidos com o uniforme da PM, escoltando um indígena que está sendo conduzido à prisão. Cada um dos quatro policiais está representando algum personagem envolvido nos conflitos referentes à Aldeia Maracanã. Logo à frente do caveirão, um deles tem uma cabeça de tatu bola, que representa o mascote da Copa do Mundo de 2014, o Fuleco; ao seu lado, está Eike Batista. Mais à frente, escoltando o indígena, estão os “policiais” Sérgio de Oliveira Cabral Santos Filho, governador do estado do Rio de Janeiro, e Eduardo Paes, prefeito da cidade do Rio de Janeiro.

Como plano de fundo de toda a encenação há uma construção aparentemente antiga, com formas estruturais retas, uma torre com tijolos aparentes, um muro com símbolos tribais indígenas e duas árvores. Estes elementos representam o espaço da Aldeia do Maracanã, antigo Museu do Índio.

Todos os personagens políticos ilustrados estão armados e com expressão séria, menos Eike Batista e o prefeito, que apresentam um leve sorriso no rosto, porém também portam armas e utilizam o uniforme da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Os personagens da ilustração possuem cores, referentes às reais, mas o cenário encontra-se apenas com o contorno preto da ilustração e o fundo branco.

Ao considerarmos o significado secundário, convencional e uma memória discursiva é possível verificar, por meio dos elementos que constituem a ilustração, que a charge se refere à Copa do Mundo de 2014. O cenário reproduz a antiga

construção da Aldeia Maracanã, presente na cidade do Rio de Janeiro, uma das principais cidades-sede da competição.

Com relação ao tempo da charge, podemos considerar que se refere a um período que antecedeu a Copa de 2014, mais especificamente, um ano antes do início dos jogos, em março de 2013, quando os conflitos entre os indígenas residentes da Aldeia Maracanã e a Polícia Militar do Rio de Janeiro se intensificaram. A charge também faz menção ao episódio da expulsão dos indígenas que se concretizou no dia 22 de março com muita violência por parte da PM.

Outro episódio que também, certamente, inspirou a construção da imagem foi a cena que envolveu o indígena Ashinka, do Acre, que foi protagonista de fotos jornalísticas que ilustraram notícias em sites da América do Sul, França e Estados Unidos (figura 17).

Figura 16 - Luta do povo indígena na Aldeia Maracanã. Índio que luta é índio incômodo



Fotografia: Dionedison Terena.

Fonte: <<https://www.theatlantic.com/photo/2013/04/brazilian-police-evict-indigenous-squatters-from-2014-stadium-site/100491/>>. Acesso 17 out. 2017.

O tema em questão configura um discurso divulgado de forma muito intensa na internet, por meio de vídeos, notícias, postagens em *blogs* e redes sociais que denunciaram a violência da polícia e o descaso dos governantes. A maior emissora de televisão do Brasil - Rede Globo - veiculou reportagens sobre o caso, mas suas equipes de filmagens foram expulsas do local por indígenas e manifestantes que apoiavam a causa, após acusações de manipulação de informações e distorção dos

atos. Indígenas e manifestantes passaram a gravar seus próprios vídeos para retratar os acontecimentos.

O episódio configurou o movimento ciberativista em defesa da Aldeia Maracanã. Segundo Marcela Werneck (2015), os índios que estavam instalados no prédio desde 2006 fizeram várias tentativas para obter o tombamento e a recuperação do imóvel por meio dos órgãos de proteção, porém, todas em vão. Foi necessário, portanto, o suporte dos movimentos sociais e de muitas pessoas influentes na sociedade para que seu pedido fosse ouvido e atendido. As cenas da violenta desocupação, transmitidas ao vivo por grandes canais de televisão, também mobilizaram a opinião pública.

Todas essas informações históricas se configuram como uma espécie de contexto compartilhado, necessário para a interpretação da charge, justamente porque é esse mesmo contexto de mundo que funciona como pano de fundo para a produção desse discurso, ou seja, faz parte de suas condições de produção. É nítida, portanto, a presença do outro/Outro na constituição do discurso promovido pelo chargista. Segundo Orlandi (2005), a presença do “outro” não é suficiente para apagar a do “eu”; é apenas suficiente para mostrar que o “eu” não está só.

Em uma análise iconológica podemos considerar que o autor é um ativista ligado ao pensamento de esquerda que apoiou a causa dos índios e produziu a charge como um ato de denúncia em relação à expulsão dos indígenas, à realização da Copa de 2014 no Brasil, contra os políticos responsáveis por ordenar a ação da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ), contra o empresário que lucraria com os desdobramentos após a expulsão e contra a grande violência exercida contra os ocupantes e os apoiadores.

Considerando as definições da Análise do Discurso, em um nível fundamental, na primeira etapa do percurso de geração de sentido, a charge traz a interpretação dos elementos que geram o sentido de violência. Esses elementos são: fuzis, armas de fogo, veículo do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e a forma da escolta do índio, conduzido como um criminoso pelo prefeito e pelo governador. Além da violência, há a representação da atuação municipal, estadual e federal, expressas pela presença das personalidades políticas responsáveis por cada um dos poderes.

O contexto do conflito também pode ser compreendido pelo formato do monumento ao fundo e pelos cenários onde tudo se situa. Os sorrisos do

empresário e do prefeito transmitem a felicidade e satisfação de ambos, sugeridas pela possível obtenção de lucro financeiro com o desfecho do episódio, ou seja, a demolição do prédio antigo e construção de uma obra anexa ao Maracanã.

Segundo Maria do Rosário Valencise Gregolin (1995), no segundo nível do percurso gerador de sentido os valores fundamentais são narrados a partir de um enunciador; no caso da charge o autor é o enunciador. A narrativa da charge simula o desfecho da história e demonstra a conclusão do conflito ocorrido no dia da desocupação. Essa narrativa se constrói segundo as seguintes fases:

a) Início do conflito: quando os indígenas residentes do imóvel, popularmente nomeado como Aldeia do Maracanã, receberam a ordem de desocupação encaminhada pelo governo do estado do Rio de Janeiro. Nessa ordem, caso o imóvel não fosse desocupado no prazo de dez dias, o Estado entraria com um pedido de reintegração de posse.

b) Manifestações de resistência: quando o grupo de resistência surgiu em decorrência dos fatos e os manifestantes iniciaram protestos em defesa e apoio aos indígenas, uma multidão de pessoas realizou ações de protestos contra a demolição e a retirada dos moradores do edifício;

c) Aprovação do consórcio: quando a vitória do consórcio formado pela empreiteira Odebrecht, pela empresa IMX do empresário Eike Batista e pela companhia de origem americana AEG ocorreu.

d) Desocupação realizada à força: quando ocorreu o desfecho inicial e o cumprimento do mandado de desocupação expedido pelo governo do estado do Rio de Janeiro. O Batalhão de Choque da Polícia Militar do Rio de Janeiro invadiu o monumento e expulsou os indígenas. É exatamente nesse ponto que a charge se manifesta; a representação iconográfica traz elementos e lembrança dos episódios que compõem a narrativa, mas representa sua última fase.

Segundo Gregolin (1995), a fase mais superficial do percurso que gera o sentido se encontra no nível discursivo; ele é o mais próximo da manifestação textual. Quando o sujeito da enunciação faz suas escolhas referentes às pessoas, espaços, tempos, figuras e outros, presentes no discurso, ele constrói a narrativa da história a partir de um determinado ponto de vista. Nesse contexto, as estruturas narrativas se convertem em discurso quando são assumidas pelo sujeito da enunciação.

A narrativa é enriquecida, portanto, com essas opções do sujeito da enunciação. A charge analisada constrói em sua enunciação, por meio de imagens, a representação da violência, com a presença do "caveirão" e das armas e também da posição de marcha dos personagens políticos. Há também intenção de ilustrar que o Batalhão de Choque da Polícia Militar do Rio de Janeiro cumpre as ordens dos políticos que governam o país, estado e município.

A ilustração explicita o discurso de que todas as ações no episódio, executadas pela polícia do Rio foram, na realidade, realizadas pelos políticos retratados. Os policiais foram apenas "o meio de execução" de suas ações. Além dos políticos, o mascote da Copa e o empresário que tinha fortes interesses econômicos também foram ilustrados.

A charge expõe os responsáveis pelo desfecho do acontecimento e a violência utilizada. Em contraponto, demonstra o indígena em situação desfavorável, como uma vítima, desarmada, indefesa, sendo escoltada com hostilidade. A figura do indígena representa o incômodo da resistência aos interesses do Estado e sugere uma tomada de posição do "eu" que discorda do ocorrido. Segundo Sírío Possenti (2002), o "eu" participa do discurso com o outro/Outro, constituindo-o, logo se configurando como o outro/Outro do outro/Outro.

Ao considerarmos que os efeitos de sentido se constituem com o reconhecimento e consideração das formas da nossa sociedade, suas instituições estão presentes na charge; os indivíduos ilustrados são os representantes dos governos municipal (prefeito do Rio de Janeiro), estadual (governador do estado do Rio) e federal (presidenta) no Brasil. Os efeitos de sentido também se constituem por meio dos acontecimentos históricos. O vermelho da roupa de Dilma está ligado, simbolicamente, à esquerda e ao socialismo e também identifica o Partido dos Trabalhadores (PT), segundo um imaginário que afeta os sujeitos em suas posições políticas.

A presença do empresário Eike Batista representa a vitória do consórcio formado pela empreiteira Odebrecht, pela IMX (empresa de Eike) e pela empresa americana AEG. Segundo Werneck (2015), a disputa teve início em 11 de abril de 2013 quando, além do Maracanã S.A., apenas outro consórcio, batizado de Complexo Esportivo e Cultural do Rio de Janeiro, apresentou proposta. Ainda segundo a autora, manifestantes usando máscaras com fotografias do governador

Sergio Cabral, do prefeito Eduardo Paes e do empresário Eike Batista fizeram um protesto contra a concessão do estádio à iniciativa privada.

De acordo com Gregolin (1995), o nível discursivo estabelece uma relação entre o enunciador e o enunciatário e permite a interpretação por meio de marcas presentes no texto que fazem com que o leitor perceba a orientação argumentativa e as relações entre o contexto e o texto produzido. Portanto, um dos patamares de geração de sentido da charge analisada se estabelece no discurso, em que o sujeito da enunciação se manifesta e constrói as relações entre imagens, textos e contexto sócio-histórico.

Considerando as definições de Gregolin, a charge analisada apresenta o conflito entre o governo do estado do Rio de Janeiro, que pretendia demolir o prédio da Aldeia do Maracanã para executar parte do projeto de modernização do estádio do Maracanã para a Copa de 2014, e os indígenas e movimentos sociais que defendiam a preservação do imóvel e o direito dos indígenas de permanecer na área, rebatizada por eles.

Esse contexto político e sócio-histórico compõe o discurso da charge. Esses acontecimentos e discursos são exteriores e anteriores à produção da charge em questão e refletem materialidades que intervêm na sua construção. Nesse nível teórico-metodológico, apreendem-se traços que formam uma memória sócio-histórica.

Portanto, a leitura da charge analisada possibilita o reconhecimento de um discurso de denúncia sobre a violência e injustiça sofridas pelos indígenas, exercida por governantes que "não sujaram as mãos" para a expulsão dos ocupantes do imóvel. Esse discurso é construído por informações que os elementos do desenho constroem e por sua relação de intertextualidade.

Muitas informações não estão explícitas; a charge não contém texto verbal, mas sua imagem diz muito por meio das escolhas que o chargista fez. Os elementos ilustrados e suas disposições expressam a mensagem/discurso do autor. Como Pêcheux (1993) explica, a multiplicação das relações entre o que é expresso de uma forma específica no texto - de um modo e não de outro, com o que é dito em um lugar e não em outro - torna possível o entendimento e a presença de não ditos no interior do que é expresso.

Desse modo, diante do objeto discursivo selecionado para análise, buscamos a compreensão além da materialidade da charge e encontramos os significados de

seu discurso na exterioridade, no social, no espaço em que o linguístico, o histórico e o ideológico coexistem em uma relação de implicância.

A quinta charge elencada para a análise (figura 18) foi publicada no blog de Carlos Latuff no dia 28 de abril de 2014 e em outros como: Cinabrio Over Blog, Vathikokkino e ClickPicx.

Figura 17 - Eis do que riem @dilmabr, @SergioCabralRJ e Lula...



Fonte: < <https://latuffcartoons.wordpress.com/2013/04/28/charge-paldeia-maracana-eis-do-que-riem-dilmabr-sergiocabralrj-e-lula/> >. Acesso 22 set. 2017.

No âmbito da descrição pré-iconológica percebemos, a partir dos traços da imagem, o seguinte texto com letras vermelhas: "O Maraca é nosso". Este texto está localizado dentro de um balão de diálogo, com linhas irregulares e formato pontiagudo. Abaixo do balão há três grandes cabeças suspensas: a primeira é de uma mulher com cabelos castanhos e corte curto, com brincos vermelhos e dentes centrais proeminentes; a segunda é de um homem com cabelos pretos e recuo nas laterais da testa; e a terceira é de um homem com bigode, cabelo branco e orelhas grandes.

As três cabeças riem e gritam a frase do balão. Abaixo delas, do lado esquerdo, encontra-se um grupo de manifestantes com cartazes de protesto. O maior cartaz contém a frase: "Aldeia Maracanã". O grupo está ilustrado em preto e branco e em sua frente há um índio com cocar verde e saia, aparentemente de palha ou penas. Ao lado dos manifestantes há a ilustração de um estádio, também em preto e branco. Na frente da construção há homens vestidos com uniformes

compostos por: capacetes, protetores de nuca, coletes, protetores de ombro e perna.

Todos estes elementos dos trajes compõem uma armadura similar às utilizadas por policiais da tropa de choque da PM, que portam armas com balas de borracha e lançadores de bombas de efeito moral. Estes supostos policiais estão atirando bombas de gás lacrimogêneo nos manifestantes. Nas costas de um deles há a seguinte palavra: "Choque", escrita no colete. Na frente do grupo de policiais há uma bomba lançada em direção à cabeça do índio. Na parte inferior da charge, abaixo dos manifestantes, há a assinatura: "Latuff 2013".

Ao aplicarmos a análise iconográfica percebemos que as cabeças são caricaturas dos respectivos políticos: Dilma Vana Rousseff, ex-presidenta do Brasil; Sérgio de Oliveira Cabral Santos Filho, ex-governador do Rio de Janeiro; e Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente do Brasil. O balão de diálogo presente no topo da charge é uma convenção gráfica utilizada frequentemente em quadrinhos, tiras e cartoons para permitir que as palavras sejam entendidas como representação de fala. Na charge analisada as formas pontiagudas representam um grito.

O texto que aparece no interior do balão de fala: "O Maraca é nosso", se refere ao Estádio Jornalista Mário Filho, mais conhecido como Maracanã, que foi demolido e reconstruído em um consórcio liderado pela Odebrecht, alvo de um esquema de corrupção.

De acordo com Figueiredo (2017), as obras do Maracanã apresentaram fortes indícios de corrupção revelados pela Operação Lava-Jato da Polícia Federal. Os bilhões investidos na obra, em sua maioria em dinheiro público, foram repassados para a iniciativa privada a preços módicos. A privatização deste estádio foi um dos escândalos gerados na Copa do Mundo de 2014.

O esquema de corrupção que envolveu o Maracanã e o contexto sociopolítico do período fez com que as cidades-sedes se tornassem palco de grandes manifestações populares e, posteriormente, de intensa violência e repressão policial. Em meio a este cenário algumas palavras de ordem surgiram, algumas delas foram:

[...] contra a privatização dos estádios: “Ah! Uh! O Maraca é nosso!”; sobre o gasto da Copa e dos salários milionários dos jogadores em detrimento da educação e da saúde: “É ou não é? Piada de salão: tem dinheiro para a Copa, mas não tem pra Educação” e “Aaaah! O professor vale mais que Neymar”. Também foram alvo, os jogadores Ronaldo “fenômeno” e Pelé por declarações infelizes sobre as manifestações: “Cala a boca, Ronaldo e Pelé, Cala a boca, Ronaldo e Pelé, Cala a boca, Ronaldo e Pelééééé!”; e ainda um grito mais extremado de “Não vai ter Copa! Não vai ter Copa!”.
(FIGUEIREDO, 2017, p.202).

No dia primeiro de fevereiro de 2012 a página de notícia do UOL Esportes¹² divulgou a manifestação da Praça Saens Peña ocorrida no bairro da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro. O protesto do dia 1º de dezembro foi nomeado como "Grande Ato Unificado" e representou a luta contra a privatização e as demolições do complexo do Maracanã. Esta e outras manifestações foram convocadas, principalmente, pelo Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro com o seguinte discurso: "O Maraca é nosso. A Friedenreich é nossa. O Célio de Barros é nosso. O Julio Delamare é nosso. A Aldeia Maracanã é nossa. A cidade é toda nossa!

Nas propagandas e vídeos de convocação deste manifesto os artistas Marcos Palmeira e Chico Buarque de Hollanda apareceram vestidos com camisetas ilustradas com o desenho do Maracanã e a seguinte frase: "O Maraca é Nosso". As imagens das propagandas continham o seguinte discurso proferido por Hollanda: "Devemos lutar para que este espaço permaneça sendo um espaço popular, um espaço público. O Maraca é Nosso. O Maraca não está à venda".

Todos estes discursos e jargões proferidos nas ruas compõe a interdiscursividade da charge (figura 18) e contribuem para a construção do seu discurso principal. Como enunciador, Latuff ilustrou vozes de muitos descontentes com o cenário nacional da época, com a realização da Copa de 2014 e com a privatização do Maracanã.

Todos os problemas referentes ao "Maraca" constituíram o foco de muitas contestações no Rio de Janeiro, mas os integrantes do governo não repensaram ou desistiram do processo de privatização. Além do regime de concessão - "aprovado

¹² Notícia UOL Esportes. “É hoje! Como ontem!! E sempre!!! O Maraca é nosso!!!!” Disponível em: <<https://blogdojuca.uol.com.br/2012/12/e-hoje-como-ontem-e-sempre-o-maraca-e-nosso/>>. Acesso em 23 ago 2017.

em 2013 por 35 anos para o Consórcio Maracanã S.A. composto pelas empresas Odebrecht, AEG e a IMX20" - outra questão social ganhou contornos políticos relacionados às decisões dos governantes sobre a reforma do Estádio: a Aldeia Maracanã.

Na esfera iconológica é possível compreender, a partir do contexto histórico da charge, que os grupos de manifestantes formados por indígenas, movimentos sociais, torcedores e usuários do complexo esportivo contestaram a situação do Estádio. Portanto, como um discurso não proferido diretamente, mas incluso na interdiscursividade a imagem, pode-se reconhecer também a luta dos índios da Aldeia Maracanã para o tombamento e a reforma do prédio histórico do antigo Museu do Índio.

Após analisarmos o contexto histórico, foi possível compreender que o nível fundamental da charge apresenta uma oposição de interesses e vozes entre manifestantes e governos. Não foi por falta de recursos financeiros que os apelos dos protestos referentes ao Maracanã não foram atendidos. A obra respondeu ao interesses dos políticos ilustrados nas caricaturas de cabeças gigantes, em oposição às exigências divulgadas nas manifestações. No período ilustrado, os governantes estabeleceram um contrato de concessão que definiu o pagamento de R\$181,5 milhões na reforma do Estádio que foi demolido e reconstruído conforme suas definições.

O nível narrativo do contexto pode ser organizado nas seguintes fases:

- a) Decisão, por parte do ex-presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva, em sediar a Copa do Mundo de 2014;
- b) Realização de ações de Dilma Vana Rousseff, para a realização do megaevento esportivo durante seu mandato;
- c) Apoio de Sérgio de Oliveira Cabral Santos Filho, governador do Rio de Janeiro, na época, para a concretização da concessão do Maracanã;
- d) Estabelecimento do contrato de concessão do Maracanã com o grupo de "Consórcio Maracanã", formado por Odebrecht Participações e Investimentos S.A., IMX Venues e Arena S.A e AEG Administração de Estádios do Brasil LTDA;
- e) Conflitos violentos entre manifestantes e PM nas manifestações anti-Copa.

Com relação ao significado intrínseco ou conteúdo da charge, pode-se perceber que o Estádio foi tratado como propriedade dos governantes que atuaram nos vários níveis da federação para utilizar o dinheiro público como desejavam. No

nível discursivo é possível observar a denúncia sobre o patrimônio que não foi considerado da nação e a violência contra os manifestantes que contestaram o governo e foram agredidos pela PM com bombas gás lacrimogêneo e balas de borracha.

A ilustração expõe os políticos que fizeram parte do desfecho do caso, como uma "denúncia dos culpados". A charge também ilustra a resistência do indígena que representa a voz e as ideologias dos moradores da Aldeia Maracanã, assim como a voz dos manifestantes que reivindicam a não demolição do Estádio. Portanto, a leitura da charge analisada possibilita o reconhecimento de um discurso de denúncia sobre a violência e injustiça sofridas pelos manifestantes.

A sexta charge selecionada (figura 19) foi publicada no blog de Carlos Latuff em março de 2013, e nas redes sociais do movimento Resistência Aldeia Maracanã no dia 30 de junho de 2013.

Figura 18 - #AldeiaMaracanaParaOsIndios



Fonte: < <https://latuffcartoons.wordpress.com/2013/03/31/charge-aldeiamaracanaparaosindios/>.

Acesso 22 set. 2017.

No âmbito pré-iconográfico a charge apresenta a fachada de uma construção histórica, com detalhes nas janelas e contornos que simulam relevos abaixo e acima das aberturas arredondadas. A arquitetura do prédio possui duas partes brancas com contornos retos e uma torre de tijolos aparentes mais elevada. Existe a

ilustração de uma planta, que expressa a falta de manutenção do imóvel, entre a torre e a parte branca.

Em torno da construção é possível identificar a figura de um homem que abraça o prédio. Este homem parece um índio pois utiliza um cocar na cabeça composto por penas azuis e verdes. Com a mão direita o personagem abraça o monumento e com a esquerda ele balançar um chocalho com ornamentos na parte superior.

O homem foi ilustrado com cabelo preto, comprido e sem camisa. Seu rosto contém uma pintura cinza em torno dos olhos. Em seu braço há um bracelete aparentemente de corda ou palha. A expressão do rosto do índio demonstra que ele está gritando. A ilustração transmite a impressão de que o índio faz um grande esforço físico para gerar barulho e chamar a atenção dos observadores. Abaixo dele e da construção há um assinatura com o texto: "Latuff 2013" e na parte inferior da charge, há a seguinte frase: "Aldeia Maracanã para os índios!".

Na esfera iconográfica é possível compreender que o conjunto de elementos: cocar, pintura nos olhos e o chocalho representam a cultura indígena, e comunicam a etnia do protagonista. O índio representado pode ser reconhecido como o Urutau Guajajara, um dos líderes da tribo Guajajara que residiu na Aldeia Maracanã e compôs seu grupo de liderança. Este indígena participou de entrevistas e vídeos divulgados *on-line*, produzidos em defesa do tombamento e reforma do imóvel.

O prédio ilustrado é a representação do antigo Museu do Índio. Os traços escolhidos por Latuff para desenhar o monumento revelam uma arquitetura eclética do início do século XX e detalhes que demonstram a falta de manutenção da construção. De acordo com o Centro de Referência Da Cultura Viva Dos Povos Indígenas (CRCVPI)¹³ o antigo casarão foi construído nos tempos do Império e serviu de dote conjugal ao Duque de Saxe, genro do imperador Pedro II, que foi casado com a irmã da princesa Isabel.

Segundo a CRCVPI muitos índios brasileiros reconheceram neste prédio a memória de seus antepassados que estiveram no Rio de Janeiro em épocas passadas. Nele foram recebidos por Marechal Rondon, Darcy Ribeiro, e deles obtiveram a garantia de que “havia alguém a olhar por eles no centro do poder da república brasileira”.

¹³ Publicação de AIAM. Centro de Referência Da Cultura Viva Dos Povos Indígenas”. Disponível em: <<https://bit.ly/2LyZHI7>>. Acesso em 23 ago 2017.

Como significado intrínseco a charge demonstra que a forma de proteção do local, utilizada pelos indígenas da Aldeia Maracanã, foi a divulgação dos fatos. O grupo de resistência se organizou para publicar suas ideologias e atos de resistência nas redes sociais e na imprensa alternativa. Os líderes da causa fizeram todos os esforços para conseguir visibilidade e apoio da população para que o prédio fosse tombado e reformado ao invés de ser destruído.

No Nível Fundamental, a charge revela o interesse de grupos indígenas em manter o prédio histórica da Aldeia Maracanã. O ato do homem ilustrado demonstra a tentativa de proteção do imóvel contra as ameaças de demolição realizadas por governantes do Rio de Janeiro, principalmente por Sérgio Cabral Santos Filho ex-governador do estado.

No Nível Narrativo, é possível reconhecer as seguintes fases:

a) Ocupação dos indígenas no prédio da Aldeia Maracanã devido à seu valor histórico e condição de patrimônio público;

b) Realização de notificação extrajudicial da Procuradoria Geral do Estado que estabelece um prazo de dez dias para os índios se retirem do local, sob ameaça de despejo;

c) Ação da PM como tentativa de expulsão dos moradores do antigo Museu do Índio;

d) Protestos e divulgações de ações de resistência dos índios na imprensa alternativa;

e) Solicitação judicial dos índios para tombamento, reforma e permanência dos moradores no local.

O discurso da ilustração indica o lugar de fala do enunciador que encontra-se a favor das causas dos indígenas. Latuff produziu esta e de outras charges para auxílio e divulgação da resistência dos índios no espaço reivindicado. O discurso destas produções revela as vozes dos líderes indígenas e dos que concordavam com a manutenção da Aldeia Maracanã como um monumento histórico pertencente a população e aos índios.

A charge também representa as vozes, que gritam e resistes, mas que, por vezes, tentam ser caladas por governantes do estado. O discurso disseminado por meio de materiais como: vídeos, fotos, textos e ilustrações produzidos por indígenas e defensores da causa, fazem parte da interdiscursividade que compõem os significados dos discursos presentes nas charges de Latuff.

4.3. GASTOS EXORBITANTES, DESVIOS E CORRUPÇÕES

Os governos tiveram um papel central na construção de vários estádios, mas acima de tudo, foram cálculos políticos, alianças partidárias e interesses eleitorais que moldaram os calendários da Copa. Segundo Jamil Chade (2015), em sete anos descobriu-se que os estádios para o Mundial custaram mais de três vezes o valor que a CBF informou à FIFA quando apresentou o projeto de candidatura do Brasil.

A Copa de 2014 se transformou na mais cara da história, com um valor superior a todos os gastos da Alemanha e África do Sul, juntas, nos mundiais de 2006 e 2010. De acordo com este autor, os gastos ocorreram com a justificativa de que o Brasil é o país do futebol, e os investimentos das obras teriam uma contrapartida econômica e social para as cidades-sede.

O primeiro levantamento técnico feito pela FIFA sobre o Brasil, elaborado em 30 de outubro de 2007, trazia a informação de que os estádios custariam US\$ 1,1 bilhão. O informe foi produzido e assinado por Hugo Salcedo, que coordenou a primeira inspeção entre agosto e setembro de 2007. Curiosamente, uma contradição ocorreu nestas avaliações; a FIFA visitou apenas cinco das dezoito cidades que se candidataram para receber a Copa de 2014. Das doze sedes que permaneceram no calendário do Mundial, sete delas não foram visitadas antes da Federação emitir o seu parecer.

Ainda de acordo com Chade, entre 2007 e 2014 a conta dos estádios passou para R\$ 8,9 bilhões, o que significava na época US\$ 3,5 bilhões e mais de três vezes o valor inicial do projeto. Seja qual tenha sido o “erro” de mais de R\$ 6 bilhões, as obras colocaram o país no centro de destaque do futebol mundial, mas não exatamente por motivos esportivos.

Uma comparação dos valores pagos pelas arenas no Brasil com outros países revela que um dos legados do Mundial foi a coleção de estádios mais caros do mundo. Dos vinte mais custosos espalhados pelo planeta, dez deles estão no Brasil. A promessa de que a Copa seria um evento privado não foi cumprida. Em 2009, Ricardo Teixeira não conseguiu cumprir os planos e acordos até então estabelecidos.

Para garantir as obras, Luiz Inácio Lula da Silva, presidente naquele período, “abriu” as portas para a participação pública e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) iniciou um projeto que financiou as

obras dos estádios de futebol. Muitos representantes do governo afirmaram que o BNDES não financiou as obras, pois os valores foram empréstimos que seriam devolvidos. Dilma Rousseff foi uma das personalidades que negou a utilização do dinheiro federal no Mundial.

Ainda segundo Chade (2015), o dinheiro não saiu diretamente do orçamento público federal e terá de ser devolvido. Dos doze estádios, nove foram custeados por governos estaduais. Portanto, quem fez o financiamento foram autoridades públicas, que irão devolver o empréstimo com dinheiro público. Outra questão importante é que o crédito do BNDES é realizado em condições privilegiadas, com uma taxa de juros mais baixa. Portanto, na prática, trata-se de um empréstimo subsidiado pelo governo e com recursos que poderiam ser utilizados para outros fins pelo próprio Estado.

Considerando estes fatos, a previsão para que as contas da Copa do Mundo de 2014 sejam quitadas é de sete anos, até 2021, às vésperas da Copa do Catar. Como em todos os empréstimos feitos pelo BNDES, os benefícios dados pelo Estado são amplos com juros inferiores aos de bancos comerciais. Porém, o custo total da Copa do Mundo de 2014 não termina com a participação do BNDES; o valor de R\$ 1,8 bilhão foi gasto diretamente pelos estados, além de R\$ 1,4 bilhão pelo Distrito Federal e R\$ 14,2 milhões pelas prefeituras. Se somarmos o dinheiro da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil, a Copa movimentou R\$ 8 bilhões em recursos de origem pública.

O resultado final foi assustador: de cada nove reais gastos nos estádios, oito deles foram emprestados, bancados, subsidiados ou simplesmente cedidos pelos diferentes governos; ou seja, a conta da Copa recaiu sobre o povo (CHADE, 2015). Para agravar ainda mais a situação econômica e os gastos públicos, sob o argumento de que não se poderia tolerar atrasos nas obras, uma nova lei de licitação pública foi aprovada, em 2011, para “acelerar decisões” e tornar os critérios mais “flexíveis” para a escolha dos fornecedores de serviços.

As regras de licitação para obras da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016 não fixavam parâmetros mínimos para identificar obras, serviços e compras após a aprovação do Regime Diferenciado de Contratações Públicas (RDC). Essa foi uma lei inconstitucional que deu sustentação aos interesses políticos. O saque não terminou com a violação escancarada da Constituição; de acordo com Chade:

A Copa do Mundo teve outro pilar fundamental adicionado: a inserção milionária de impostos, que beneficiou todos os envolvidos no evento, menos os cidadãos brasileiros. O Brasil deixou de arrecadar mais de R\$ 1,1 bilhão em impostos. A começar pela FIFA, abrimos mão dos impostos, no valor aproximado de R\$ 558,83 milhões apenas em taxas federais, antes mesmo da inspeção dos estádios, em benefício aos lucros da Federação. (CHADE, 2015, p.202).

De acordo com o referido autor, um vasto programa de incentivos fiscais foi concedido a todas as empresas, parceiros comerciais e à FIFA. Os governos dos estados que receberam os jogos também adotaram leis para suspender a cobrança de tributos. Portanto, pode-se afirmar que a Copa foi a mais cara da história, realizada com dinheiro público, com isenções milionárias de impostos. O saque do país aconteceu, com cúmplices e leis manipuladas para justificar as manobras.

Para completar o histórico de prejuízos, a Polícia Federal (PF) apurou fatos no edital de construções da Arena Pernambuco, liderado por Geraldo Julio, eleito três anos depois como prefeito da cidade de Recife. Além deste caso, a PF apreendeu planilhas da Odebrecht no Brasil sobre os custos relativos aos estádios do Corinthians (Itaquera), Maracanã e Fonte Nova. As obras de Pernambuco não foram as únicas a apresentar superfaturamento. Em agosto de 2015, o Tribunal de Contas da Bahia revelou o sobrepreço nas obras da Arena Fonte Nova.

Segundo Chade (2015), o escândalo de corrupção nas obras da Arena Corinthians, erguido pela Odebrecht no bairro de Itaquera em uma área por onde passavam dutos da Petrobras, tubos foram removidos em fevereiro de 2012 e a força-tarefa da Operação Lava Jato se debruçou sobre as planilhas de contas operadas pelo doleiro Alberto Youseff e encontraram o nome do estádio nas obras do duto. O valor da obra, segundo o documento, estava 42% acima do previsto inicialmente pelos organizadores.

Na eclosão de escândalos e suspeitas de corrupção relacionadas à Copa de 2014, nem todos negaram o pagamento de propinas. A empresa de engenharia alemã Bilfinger confirmou, em março de 2015, que identificou pagamentos impróprios para obter contratos na Copa do Mundo. A suspeita, neste caso, era de que funcionários públicos brasileiros de um órgão do governo e de estatais teriam cobrado propina para oferecer contratos à empresa. A denúncia não foi apresentada a um órgão político público brasileiro nem investigada no Brasil.

A própria matriz da multinacional, na Alemanha, recebeu a denúncia e obrigou a direção a abrir investigações. Na avaliação dos alemães, após a auditoria, não restaram dúvidas da existência de provas que substanciam as acusações e as suspeitas. Em suma, a maior beneficiada com a Copa do Mundo de Futebol de 2014 no Brasil foi a FIFA. Os números do balanço financeiro revelaram que a Copa no Brasil poderia ter sido realizada sem o dinheiro público e ainda assim geraria saldo positivo. A FIFA acumulou lucros de R\$ 8,3 bilhões; foi a primeira vez que obteve este resultado e o valor é praticamente o mesmo do total gasto nos doze estádios.

Para iniciar as análises de charges, apresentamos a primeira que se refere a esse contexto (figura 20). Além de ter sido publicada no *blog* de Carlos Latuff, também esteve em diversos outros sites como: sul21.com.br, outrafrequencia.org, otaviosaleitao.com.br, provosbrasil.blogspot.com, diaadiaeducacao.pr.gov.br, gz.diarioliberalidade.org, entre outros. As publicações foram realizadas em datas diferentes, mas a maior parte delas nos meses de junho e julho de 2014.

Figura 19 - “Enquanto eles te exploram tu grita gol!”



Fonte: <<http://latuffcartoons.wordpress.com>>. Acesso em: 22 set. 2017.

Em uma análise pré-iconográfica da charge, considerando o significado factual, podemos identificar os seguintes elementos: uma televisão pequena com a imagem de dois jogadores de futebol, uma bola e uma trave que constroem uma cena de gol. Todos estes elementos estão sobre um fundo verde com algumas linhas pretas, que representam um campo. À frente da TV está um indivíduo, em

forma de mapa do Brasil, que apresenta pés e mãos humanas em posição de comemoração.

O mapa se apresenta no local de um corpo com a cor amarela e detalhes verdes próximos aos braços, nas mangas. Em seu centro há o seguinte texto: "Brasil 10". O indivíduo representado pelo mapa contém, em suas costas, na parte inferior próxima as pernas, uma abertura similar a um bolso por onde notas e moedas caem e enchem um saco que contém um cifrão.

Acima do mapa há um balão de fala branco, com o seguinte texto em vermelho: "GOOOOOL!". Atrás do mapa, segurando o saco de dinheiro encontra-se um homem, com poucos cabelos brancos, vestindo um terno azul com gravata vermelha. Em seu peito encontra-se a palavra: "FIFA". Este homem está segurando o saco com uma das mãos e com a outra faz sinal de positivo com o polegar esquerdo. No canto inferior direito da charge há uma assinatura com o seguinte texto: "LATUFF 2014 SUL21".

Em uma análise iconográfica, considerando o significado convencional, pode-se concluir que a imagem se refere aos altos custos da Copa do Mundo de Futebol da FIFA realizada no Brasil no ano de 2014 e aos lucros exorbitantes obtidos pela FIFA com a vigésima edição da referida competição mundial de futebol.

Como foram utilizados recursos públicos, a ilustração indica que o dinheiro saiu do bolso dos brasileiros representado pelo indivíduo em forma de mapa, com os pés descalços em frente a uma televisão simples que sugere um típico cidadão brasileiro com poder aquisitivo baixo. Em oposição ao mapa, está o ex-presidente da FIFA, Joseph Sepp Blatter, em um ato de apropriação indevida do dinheiro, representando a Federação Internacional de Futebol.

O significado intrínseco se constrói como uma denúncia ao ocorrido e em favor dos atos anti-Copa. Com base no repertório e informações divulgadas sobre o período é possível compreender o conteúdo da imagem produzida por Latuff. A charge apresenta um alerta aos brasileiros, com o objetivo de subsidiar as notícias sobre os gastos da Copa de 2014 e os exorbitantes lucros da FIFA com o evento; para tanto, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) é representada pelo seu ex-presidente, Joseph Sepp Blatter.

A denúncia se faz sobre a utilização do dinheiro público de forma excessiva e sem planejamento, além de se referir às obras superfaturadas e valores desviados durante os preparativos do torneio.

A charge também sugere a distração do povo brasileiro com os jogos do Mundial, especificamente, representada pela comemoração efusiva no momento do gol - o ápice da emoção no jogo, em que a razão cede espaço à emoção, no qual a distração ou manipulação são mais fáceis de ocorrer - e a não percepção da sangria do dinheiro de seu bolso. Pode-se compreender também que o desempenho da seleção brasileira e a paixão nacional pelo futebol são utilizados como meio de distração para que desvios e outras ações danosas à população ocorram.

No âmbito discursivo, o sujeito enunciador pode ser considerado como coletivo, pois sua voz reflete a conjuntura social que envolve a nação. O próprio desenho do "sujeito" que comemora o demonstra como um país, o Brasil. No contexto da charge o personagem que assiste ao jogo de futebol na televisão e não percebe o desvio promovido pela FIFA, revela uma formação discursiva sobre a realidade social e política da Copa de 2014.

Alguns elementos e temas relatados pela imagem são: a) Distração: a utilização do esporte como distração nas mídias; b) Euforia: a vulnerabilidade do cidadão brasileiro diante do futebol, essa que é "a paixão nacional"; c) Trapaça: a utilização do dinheiro público nas obras da Copa; d) Desvio: os lucros da FIFA com as obras da Copa.

A referida charge foi produzida em um momento histórico brasileiro de tensão e traz à memória diferentes discursos inscritos durante o período de realização da Copa do Mundo; ela sugere um desvio realizado "pelas costas" dos brasileiros, um "furto" implícito da FIFA promovido em uma situação desfavorável à percepção.

O período a que a charge se refere é a Copa de 2014, e não outro. Os elementos que comunicam esta referência temporal são: a cena do jogo de futebol da televisão, o uniforme verde-amarelo do mapa, a comemoração do gol e a presença de Joseph Sepp Blatter, que remete especificamente à Copa de 2014.

As entrelinhas da composição revelam o não dito sobre o torneio mundial, como por exemplo: os incentivos fiscais concedidos a todas as empresas, parceiros comerciais e à FIFA; a Copa do Mundo com o custo mais alto da história até então; o escândalo de corrupção nas obras da Arena Corinthians e de outros estádios; a promessa de que a Copa seria um evento privado; e os estádios monumentais que ficariam inutilizados. Todas estas informações podem ser reconhecidas como o "roubo" representado.

Há ainda um campo de conflitos ideológicos, por parte do indivíduo/nação (Brasil) e do representante da FIFA, no qual a denúncia de desvio se constrói. O discurso sugere as intenções da FIFA em "aproveitar-se" do Brasil e obter lucros financeiros às suas custas em um país composto por uma população distraída que não está atenta a estas intenções.

Quanto ao sujeito do discurso, ele observa seu interlocutor como alguém que precisa saber da verdade, como um sujeito enganado ou inocente quanto à situação. Portanto, o discurso apresenta uma denúncia como tentativa de expor a realidade a ponto de "abrir os olhos" de um interlocutor distraído ou mal informado; essa é a imagem que se faz do leitor, de um indivíduo que precisa ser alertado.

Nesse contexto, estão implícitas também a imagem que os ativistas possuem dos governantes, a imagem que os governantes possuem dos ativistas, a imagem que os conformados tem dos ativistas, a imagem que o chargista tem dos conformados. Nesse caso, o lugar de fala, a ideologia e a imagem que o chargista e os ativistas possuem sobre o caso influenciam no discurso e nos objetivos políticos e ideológicos trabalhados na construção da imagem.

A oitava charge (figura 21) foi produzida para o site Opera Mindi e publicada no dia 4 de junho de 2015. Ela também foi divulgada em sites como: *tribunadaimprensasindical.com*, *brasil.agenciapulsar.org*, e em *blogs* como: *Uniaoanarquista*, *Blogdozeca 100*, *Projetorumo*, *Naufrego da Utopia*, entre outros.

Figura 20 - Após escândalo de corrupção na Fifa, CBF entra na mira.



Fonte: <<https://operamundi.uol.com.br/opiniao/40599/charge-do-latuff-apos-escandalo-de-corrupcao-na-fifa-cbf-entra-na-mira>>. Acesso 22 set. 2017

De acordo com Panofsky (1991), o significado fatural e o expressional, são de natureza elementar e podem ser facilmente apreendidos nas formas puras das imagens. Portanto, ao considerarmos o plano prê-iconográfico da charge (figura 21), identificamos os seguintes elementos: um caminhão branco com tanque, bomba e mangueira para limpeza de fossas; dois homens uniformizados; e duas fossas.

A mangueira do tanque está dentro da fossa destampada de onde saem moscas e uma barata. A fossa sem tampa contém um líquido marrom, que aparenta ser composto por fezes e sujeira, com algumas cédulas verdes e cêntavos. Na tampa da primeira fossa há a seguinte palavra: "Fifa". A segunda está tampada mas também contém moscas e sujeira. No tanque do caminhão está escrito o texto: "Limpa Fossa". No centro da charge foram ilustrados dois homens vestidos com uniformes, compostos por: capacetes amarelos, blusas, calças azuis, sapatos e luvas cinzas.

O homem à esquerda da charge está com as mãos na cintura, observando a fossa destampada. Seu nariz e boca estão visíveis, mas os olhos estão ocultos pelo capacete. A boca expressa um sentimento de descontentamento, e direcionada a ela há um balão de fala amarelo com o seguinte texto: "Quanta sujeira aqui...".

O outro homem, à direita, está de costas olhando para a fossa tampada e apontando com a mão direita para ela. Há duas linhas curvas logo acima da mão que demonstra movimento. Direcionado à este segundo personagem há outro balão de fala com o seguinte texto: "Você não viu nada, espere para ver aquele ali...".

No âmbito iconográfico, a ilustração contém dois homens que conversam, pois os balões indicam o diálogo. Eles parecem ser colegas de trabalho que exercem a mesma função. As duas fossas se referem às entidades de administração do futebol: FIFA e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

O líquido composto por fezes, sujeira e dinheiro representa os escândalos e ações de corrupção destas entidades. O caminhão tanque, a mangueira e os trabalhadores se referem às investigações e Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs) realizadas para desvendar os esquemas de corrupção relacionados à Copa de 2014, que envolveu, além de governantes do Brasil, dirigentes destas e de outras entidades.

No discurso da charge é possível compreender uma sátira sobre a FIFA e a CBF. A ilustração se apresenta como uma denúncia que expõe a "sujeira" das entidades. O significado intrínseco da ilustração apresenta dois personagens como profissionais que "lidam com a sujeira". No caso deste discurso, eles representam as instituições ou profissionais do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (COAF), da Polícia Federal, do *Federal Bureau of Investigation* (FBI) e demais órgãos que realizam investigações sobre episódios suspeitos que envolveram dirigentes das instituições expostas.

No nível narrativo, as seguintes fases podem ser compreendidas, mesmo que nem todas estejam representadas nos elementos da charge:

- a) O governo nacional inicia as obras para a Copa de 2014;
- b) Alguns dirigentes da FIFA e CBF realizam ações corruptas;
- c) As obras do megaevento tornam-se superfaturadas;
- d) Os casos de corrupção e desvio de dinheiro público são investigados.

Contribui como a memória do período e discurso intertextual da charge, o fato de que: apesar dos grandes indícios de corrupção e falta de transparência da CBF e da FIFA, e das velhas práticas irregulares realizadas por alguns de seus dirigentes, como Ricardo Teixeira que atuou no limite da ilegalidade, e mesmo com o conhecimento da opinião pública sobre seus envolvimento com casos de lavagem de dinheiro, sonegação fiscal, manipulações de negócios, leis e ações de corrupção; em 2007, o Governo Brasileiro firmou parceria com a CBF e a FIFA para organizar a Copa do Mundo em 2014.

Com relação aos interdiscursos da charge, pode-se considerar que diversos casos de corrupção estão implícitos em seu tema e compõem seu discurso principal. Os antigos casos que envolvem a FIFA e a CBF podem estar na memória do interlocutor e fazê-lo lembrar de antigos escândalos de corrupção, similares ao de 1993, que envolveu o ex-jogador Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, quando a CBF chamou a atenção da opinião pública por ser suspeito de praticar irregularidades administrativas.

Uma grave denúncia sobre pedido de propina pela CBF foi apresentada à imprensa por Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. O ex-jogador havia criado uma empresa de marketing esportivo, a Pelé Sports, que intermediava patrocínios e direitos de imagem na área. O diretor financeiro da CBF teria cobrado propina de 1 milhão de dólares da Pelé Sports a ser depositada no Banco da Suíça. Pelé foi processado pela CBF. (FIGUEIREDO, 2017, pg.231)

Os diversos escândalos de corrupção presentes na história da FIFA e da CBF estão implícitos no discurso da charge. Alguns deles são: o episódio de 2008 que envolveu a FIFA e uma empresas de marketing e transmissão esportiva na reinauguração do Estádio Bezerrão (Walmir Campelo Bezerra); o episódio de 2010, que apresentou indícios de sonegação de impostos relacionados a contratação de Neymar Jr., jogador do Santos Futebol Clube; o caso de 2014, no qual Sandro Rosell renunciou à presidência do Barcelona por que suas comissões ilegais sobre a venda de direitos de imagem de jogos da Seleção Brasileira foram descobertas.

Além da sequência histórica de escândalos de corrupção que envolveram integrantes da FIFA no cenário internacional, a charge também faz menção ao episódio do dia 27 de maio de 2015, que se transformou em notícia no mundo todo. Neste dia fatídico, policiais suíços prenderam sete dirigentes ligados à FIFA. A ação foi realizada a pedido da Justiça dos Estados Unidos que investigou uma rede de subornos referente às escolhas dos países-sede das edições da Copa do Mundo de 2018 e 2022.

Portanto, o significado intrínseco da charge revela as crises na imagem da FIFA e da CBF causadas por uma sequência de escândalos de corrupção que foi coroada com a prisão de seus dirigentes. A ilustração apresenta um discurso que contém uma metáfora sobre as falcatuas e corrupções dos investigados que se expressa por meio da imagem de duas fossas.

A nona charge (figura 22) foi produzida por Latuff para o site Opera Mundi. Sua publicação ocorreu no dia vinte e sete de maio de 2015. A ilustração também foi divulgada na página on-line do Jornal Contato, no site de notícias Nacoz e emblogs como: dcvitti.com e robsonpiresxerife.com.

Figura 21 - Corrupção na Fifa e Sepp Blatter em apuros



Fonte: < <https://operamundi.uol.com.br/opiniaio/40525/charge-do-latuff-corrupcao-na-fifa-e-sepp-blatter-em-apuros>>. Acesso 22 set. 2017

Na esfera pré-iconográfica da charge (figura 22), há dois globos terrestres azuis com continentes amarelos e a palavra: "Fifa", logo abaixo deles. Os dois globos contém repartições formadas por hexágonos regulares. Dois destes polígono de seis lados estão abertos como tampas que permitem o acesso ao interior dos globos.

Dois homens uniformizados olham dentro das repartições abertas. O primeiro encontra-se à esquerda da charge, com a cabeça e um dos braços dentro do globo esquerdo, um de seus braços está apoiado na borda da abertura em forma de polígono, e um de seus pés encontra-se levantado. Dois semicírculos indicam movimento acima de seu cotovelo. Ao lado do primeiro homem está um segundo, que observa o interior do globo com a ajuda de uma lanterna, ele a segura acima de sua cabeça e um de seus braços está dentro do segundo globo.

Os uniformes são compostos por camisas e calças azuis, sapatos pretos, coletes, e os dois utilizam coldre de perna com revólver e porta munição. Nas costas do segundo homem há a seguinte palavra: "Polícia". Um terceiro personagem pode ser compreendido como um homem, de cabelos brancos, calvo, que utiliza óculos e veste terno preto com gravata vermelha.

Este homem apresenta uma expressão de aflição. Com uma perna levantada e as mãos suspensas, ele se dirige para o lado posto dos investigadores como se não desejasse fazer barulho, para não atrair a atenção deles. O suposto "fugitivo" é

a representação caricata de Joseph Sepp Blatter, o ex-presidente da FIFA. Ele olha para os dois policiais sem movimentar a cabeça. Gotas de suor estão próximas de sua testa.

Na esfera iconográfica é possível perceber que a cena da ilustração se refere ao dia 27 de maio de 2015. Nesta data, policiais suíços prenderam sete dirigentes¹⁴ ligados à FIFA em uma operação realizada em Zurique, na Suíça. A ação foi realizada a pedido da Justiça dos Estados Unidos que investigou uma rede de subornos referente às escolhas dos países-sede das edições da Copa do Mundo de 2018 e 2022. De acordo Figueiredo (2017), o episódio ocorreu dois dias antes do Congresso anual da FIFA, no qual Blatter seria eleito em seu quinto mandato.

No Nível Discursivo, a interdiscursividade da charge contém o não dito sobre o ex-presidente da CBF, José Maria Marin, preso como um dos principais dirigentes da FIFA. Outra informação implícita é a investigação sobre Blatter, representado por um personagem que se move como um fugitivo.

De acordo com Figueiredo (2017) a prisão de Marin motivou a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito que ficou conhecida como a CPI do Futebol. Após cinco meses de sua prisão ele renunciou ao cargo de presidente da FIFA e do COL da Copa de 2014 e foi extraditado para os Estados Unidos da América, onde passou a cumprir pena em regime domiciliar.

No nível fundamental é possível reconhecer a oposição entre os interesses da polícia, que investigou os casos de corrupção, em contraponto as ações dos dirigentes presos. A charge de Latuff pode lembrar o leitor sobre as reportagens e notícias referentes ao caso e construir um significado mais completo.

Jornais de todo o mundo divulgaram o episódio que pode ser reconstituído no Nível Narrativo através das seguintes fases:

a) Início das investigações sobre os casos de lavagem de dinheiro, crime organizado, fraude eletrônica e pagamento de propinas envolvendo as Copas do Mundo da Rússia e Catar;

b) Solicitação das detenções dos dirigentes da FIFA realizada pela Justiça dos EUA ao governo brasileiro;

c) Emissão da ordem de prisão após o FBI e a Justiça do país concluírem o indiciamento e emissão do alerta da Interpol;

¹⁴ Dirigentes d FIFA presos no dia 27 de maio de 2015: Rafael Esquivel, José Maria Marin, Eduardo Li, Eugenio Figueredo, Nicolás Leoz, Jack Warner, Jeffrey Webb e Julio Rocha.

d) Prisão dos dirigentes fora do território brasileiro, na Suíça;

Ainda na esfera iconográfica, é possível relacionar a figura dos dois homens, vestidos com uniformes, como integrantes da PM do Brasil. As representações são de policiais que investigam o caso no cenário nacional, enquanto Blatter "sai de fininho". Os dois globos representam a logo da FIFA e o fato de as investigações serem realizadas sobre seus dirigentes por crimes relacionados à vários países.

A primeira abertura em forma de polígono está sobre o continente Europeu, ela pode se referir as prisões ocorridas na Suíça, e a segunda está sobre a América do Norte e pode se relacionar aos Estados Unidos da América, país que acionou a ordem de prisão.

Ao considerarmos que o autor cumpre a tarefa de fazer o texto a fim de que o discurso seja organizado pela indicação de onde parte, por onde passa e onde quer chegar em termos de efeito de sentido, pode-se compreender, no Nível Narrativo, que a composição dos elementos da charge constroem um discurso de denúncia que se refere ao caso das prisões e investigações realizadas sobre os dirigentes da FIFA e a fuga de Blatter.

Todas as informações históricas descritas constroem a memória do dia das prisões: 27 de maio. O contexto compartilhado *online* nos sites de notícias, blogs e redes sociais ou *off-line* em jornais, revistas e outros meios, compõe o discurso e fazem parte da sua condição de produção. A mensagem transmitida pela charge explicita uma denúncia sobre a corrupção e os crimes cometidos por integrantes da FIFA, assim como o escape de Blatter, que saiu impune do momento das prisões.

Sobre a condição de produção das charges de Carlos Latuff, pode-se observar que estão muito ligadas ao ambiente virtual, assim como as principais manifestações comunicacionais contra a Copa do Mundo de 2014. A circulação das obras deste chargista ocorrem, geralmente, de forma *on-line*. Portanto, a internet é o principal meio de circulação dos trabalhos de Latuff, a *web* amplifica a visibilidade de suas produções, bem como a projeção da ideologia disseminada por suas charges.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de ter uma carga ideológica e construir um discurso político, a charge se apresenta como documento histórico, que completa os significados de uma notícia e demonstra em seu discurso a opinião dos grupos políticos que resistem e muitas vezes se opõe às imposições do pensamento dominante. Elas ilustram páginas de sites, revistas e jornais, com o registro das memórias sobre os acontecimentos históricos que fizeram parte de um cenário com divergências opinativas, posicionamentos políticos e imposições das classes dominantes.

Neste contexto, as charges analisadas ajudam a reconstruir a história com os registros das nuances que estiveram presentes nos momentos da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Por meio delas foi possível observar sua importância na reconstrução da história com registros das particularidades variáveis que estiveram presentes em momentos e períodos históricos, demonstrando discursos que por serem construídos, muitas vezes, por militantes que compõem grupos de resistência, são esquecidos ou marginalizados. Os registros chágicos, assim como todas as produções jornalísticas de cunho político, têm grande valor para que a história e os acontecimentos políticos, econômicos e sociais sejam transmitidos à luz das análises e da memória de todos os envolvidos.

Diante do objeto discursivo tomado para análise, buscamos sair da materialidade para compreendê-lo em sua exterioridade; estudamos o discurso construído no social. Por meio do percurso de aplicação da AD foi possível compreender a importância de considerar no discurso a não transparência da linguagem, ou seja, sua opacidade. Durante a empreitada também encontramos o não-dito, por trás dos discursos expressos, que não se limitam a esta análise e não se encerra em si.

Com o decorrer do trabalho, a charge se evidenciou como instrumento de crítica com forte influência, portadora de ideologias e divulgando princípios e posições políticas do sujeito enunciador. Esta modalidade do humor gráfico tem se destacado na atualidade como preferência de muitos leitores-navegadores. As charges, em especial aquelas produzidas por Carlos Latuff, apresentam denúncias em suas produções e abrangem temas sobre política e problemas sociais. O recorte realizado para este trabalho apresenta as produções do referido chargista que se referem à Copa do Mundo de Futebol da FIFA de 2014. Consideramos as

peculiaridades da recente história política do Brasil e a realização do torneio de 2014 para selecionar as charges disponíveis durante o período de construção desse trabalho.

Com vistas ao cumprimento dos objetivos propostos pela pesquisa, dedicamo-nos a aprofundar nossas concepções sob uma quádrupla perspectiva: a busca pela interpretação e significados das imagens e das charges, a teoria do discurso, a natureza das charges e a recente história sobre a Copa do Mundo ocorrida no Brasil.

Com atenção especial no conceito de interdiscurso e nos estudos de Pêcheux e Orlandi compreendemos que os sentidos do discurso não são estabilizados e se formam a partir de uma exterioridade. Procuramos refletir também sobre os processos discursivos e a dupla realidade da constituição (interdiscurso) e da formulação (intradiscurso). Tivemos a oportunidade de encontrar, principalmente nos estudos de Pêcheux, Orlandi e Panofsky, elementos norteadores de teorias que propiciam uma análise discursiva e a busca pelos sentidos das imagens.

Para conhecer mais profundamente nosso objeto de análise, procuramos delinear sua natureza e as principais funções dessa produção de circulação social. No que se refere ao levantamento dos elementos da recente história política do Brasil, buscamos um trajeto temático que se iniciou com um breve panorama referente às ações dos governos de Lula e Dilma para o planejamento e realização da vigésima edição da Copa do Mundo de Futebol da FIFA no Brasil; em seguida, o trajeto relata os fatos sobre a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo em 2014, passando por seus preparativos e por alguns dos principais momentos políticos, econômicos e sociais que incorporaram o desenvolvimento desse megaevento esportivo e terminando com as denúncias de corrupção, endividamento do país e descrição dos resultados negativos com abalo social recorrente da realização da Copa em 2014.

O *corpus*, com a seleção de charges que integra este trabalho, apresenta um conjunto de charges que se referem aos protestos e manifestações anti-Copa. Observamos no exterior do enunciado os efeitos de sentido a partir de suas condições sócio-históricas de produção e relatamos a existência de uma memória, que se torna visível a partir da aplicação da AD e da compreensão de seu duplo dispositivo teórico e analítico. Constatamos que os discursos se integram e que a leitura e compreensão das charges se tornam dependentes dos fatos

complementares, que constituem o interdiscurso, e se tornam presentes como memória, dando orientação ao sentido no contexto. Em outras palavras, os efeitos de sentido do conjunto de charges analisadas se dão, sempre, em função da história e da memória que as constituem.

Foi possível perceber também o importante papel da imagem como operadora da memória social, responsável pela recuperação de discursos que, embora não formulados, determinam os efeitos de sentido do objeto discursivo. Assim, texto e imagem não podem ser dissociados em uma abordagem discursiva da charge, pois, juntos, no nível da formulação, constituem os pontos para a constituição dos sentidos. Pode-se considerar também que o sentido nunca é fechado em si e outras leituras e interpretações são absolutamente possíveis. Este fato promove a necessidade e estimula desafios para novas pesquisas e análises.

Com relação ao discurso expresso nas charges de Carlos Latuff, encontramos um perfil de resistência e denúncia, composto por outros discursos que se construíram durante os preparativos e após a realização da Copa do Mundo de 2014. O cenário de violência, repressão e abuso dos governos para garantir a execução dos jogos e conclusão do megaevento, concomitantes aos gastos do dinheiro público, corrupção e crise política, se apresentaram em oposição à resistência expressa pela população em forma de movimentos e protestos.

A seleção de charges analisadas apresenta uma condição de resistência que se materializa de maneira substancial e revela seu gênero opinativo, capaz de produzir significados que representam a história da Copa de 2014 com um discurso singular. A conclusão a que chegamos foi de uma produção chágica reveladora, portadora de um discurso caracterizado pela crise de natureza política e ideológica, permeado por conflitos e contradições sobre a realização do vigésimo Mundial no Brasil.

Com relação às considerações gerais do *corpus*, o levantamento historiográfico demonstra que o país perdeu não apenas dentro, mas também fora de campo. A Copa das Confederações foi favorável apenas para a FIFA, para as empresas que lucraram com o megaevento e para alguns políticos. A sociedade ficou com as dívidas; nos meses que se seguiram ao torneio o Brasil entrou em recessão, a dívida pública aumentou, o desemprego voltou a assustar e o país mergulhou em uma fase dramática diante das descobertas dos casos de corrupção.

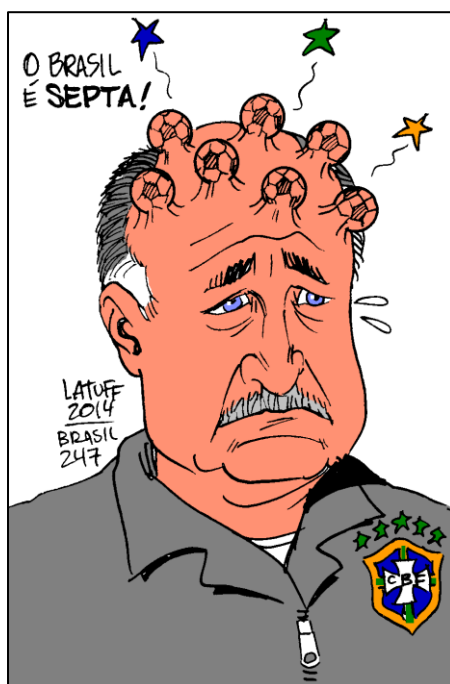
Além dos prejuízos financeiros, estruturais e sociais, a Copa do Mundo de

2014 decepcionou os torcedores brasileiros, considerando a performance da seleção comandada pelo técnico Luiz Felipe Scolari, principalmente, na semifinal contra o time alemão, que resultou em um vexame transmitido mundialmente, quando o time brasileiro perdeu por 7 a 1 no estádio do Mineirão, em Belo Horizonte (figura 22).

A posição de supremacia do Brasil no futebol, assegurada por muitas vitórias, foi momentaneamente substituída por zombaria nas redes sociais e demérito no cenário nacional. Não bastasse todos os problemas estruturais, urbanos e financeiros causados à população, restou também a lembrança da derrota, em âmbito nacional, a qual também ficou para a história.

Em contraponto aos danos causados ao país e à derrota na semifinal da competição mundial, foi possível observar a luta e o forte engajamento político por parte da população, demonstrados também nos discursos e charges de Latuff. Em âmbito geral, foi por meio do futebol e de sua importância para a sociedade brasileira, que se tornaram mais explícitos os conflitos de interesses nacionais. Os atos de resistência que rejeitaram a manipulação política e questionaram a realização da Copa de 2014, demonstraram resistência e auxílio ao fortalecimento da democracia nacional.

Figura 22 - Valeu Felipão! O Brasil é SEPTA!



REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.11-80.

ANDRADE, Rodrigo Fadul. **Preparativos para a copa do mundo de 2014 na cidade de Manaus/AM**: uma abordagem antropológica. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

BAGGIO, Luiz Fernando. **Enciclopédia das copas do mundo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Novaterra Editora, 2013.

BRASIL. **Brasil assina garantias para sediar Copa de 2014**. Brasília: Ministério do Esporte, 15 de junho de 2007. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/ascom/pesquisanoticia>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

CAMPOS, Flávio de. A Copa da política em um país do futebol. In: MARQUES, José Carlos (Org.). **A Copa das Copas?**: reflexões sobre o mundial de futebol de 2014 no Brasil. São Paulo: Edições Ludens, 2015.

CHADE, Jamil. **Política, propina e futebol**: como o padrão Fifa ameaça o esporte mais popular do planeta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

DANTAS, Humberto; GRESSER, Eduardo. **O Brasil e o primeiro ano de Dilma Rousseff**: análise e perspectivas. Brasília: Fundação Konrad Adenauer no Brasil, 2012.

DOSSIÊ DA ARTICULAÇÃO NACIONAL DOS COMITÊS POPULARES DA COPA: **Megaeventos e violação de direitos humanos no Brasil**, 2014. Disponível em: <<http://encurtador.com.br/cpwR8>>. Acesso em: 31 jun. 2018.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística textual**: introdução. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2.ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2007.

FERREIRA, Renato Fonseca. **Jorge Braga e Mariosan**: uma análise das charges políticas publicadas no jornal O Popular (2008-2009). Santo André: Universidade Federal do ABC, 2013.

FIGUEIREDO, Pedro Osmar Flores de Noronha. **O (não) direito ao esporte e lazer e a mercantilização do futebol: Copa para quem?** Tese (Doutorado - Doutorado em Política Social) - Universidade de Brasília. Brasília, p.325. 2017.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 13.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

GOHN, Maria da Glória. Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 16, n. 47, p. 125-146, jan./abr. 2016.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**, São Paulo, v.39, p.13-21, 1995.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MEDEIROS, Jimmy; BISSO, Luigi. Hospitalidade à brasileira? A Cobertura midiática da Copa de 2014 no Maracanã. In: MARQUES, José Carlos (Org.). **A Copa das Copas?: reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil**. São Paulo: Edições Ludens, 2015.

LAET, Juliana. Futebol e política se discutem sim: a internet como espaço de ação do #NãoVaiTerCopa. **Aurora**, São Paulo, v. 9, p. 97-113, 2016.

MARQUES, José Carlos (Org.). **A Copa das Copas?: reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil**. São Paulo: Edições Ludens, 2015.

MAZIÈRE, Francine. **A análise de discurso: história e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MESSIAS, Fernanda Targa. **O agronegócio como política agrária nos governos Lula e Dilma nas charges de Carlos Latuff**. Londrina: UEL, 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **As transformações no mundo do trabalho na década de 1990: o olhar atento da charge na imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista**. Assis: Unesp/Campus Assis, 2005. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.

_____. Charge: uma prática discursiva e ideológica. **Revista Nona Arte**, São Paulo, v. 1 p. 37-48, 2012.

NEIVA, Eduardo. Imagem, história e semiótica. **Anais do Museu Paulista**. Nova Série, n.1, p.11-29, 1993.

NOBRE, Marcos. **Choque de democracia: razões da revolta**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.

OLIMPÍADA RIO 2016, Os Jogos da exclusão: megaeventos e violações dos direitos humanos no Rio de Janeiro. **Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro**, novembro de 2015. Disponível em: <<http://encurtador.com.br/IELX6>>. Acesso em: 20 set. 2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **Interpretação: autoria, leitura, efeitos sobre o trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes: 1998.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da Renascença. In: PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2.ed., 1986.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2.ed. Campinas, SP: Unicamp, 1993.

POSSENTI, Sírío. **Os limites do discurso**. Curitiba: Criar, 2002.

REBUZZI, Daniela da Costa. A Aldeia Maracanã: um movimento contra o índio. In: **Revista de Antropologia da UFSCAR**, v. 6 n. 2, p. 71-86, jul./dez. 2014.

REIS. Rafael Murta. **Gestão pública de megaeventos esportivos no Brasil: a experiência paulistana na realização da Copa do Mundo FIFA, USP: São Paulo, 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.**

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S.Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.

SANTOS, Mariângela Ribeiro dos. **O futebol na agenda do Governo Lula: um salto de modernização (conservadora) rumo a Copa do Mundo FIFA 2014**. UnB: Brasília, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

TARROW, Sidney. Cycles of collective action: between moments of madness and the repertoire of contention. **Social Science History**, v.17, n.2, 281-307, 1993.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do humor, trapagens da razão: a charge**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

WERNECK, Marcela; DODEBEI, Vera. A ocupação digital e presencial da Aldeia Maracanã: resistência indígena pelo direito à cidade e o direito à memória. **Lugar Comum: estudos de mídia, cultura e democracia**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, v.1, n.1, 2016.

WENECK, Marcela. **Patrimônio digital e ciberativismo**: a defesa da Aldeia Maracanã no *Facebook* UFRJ, Rio de Janeiro, 2015. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ZIMERMAN, Artur (Org.) **Desigualdade regional e as políticas públicas**. Copa do Mundo de 2014: impactos e legado. Santo André: Universidade Federal do ABC, 2013.